AUGUSTO NAVARRO

MINHA MULHER E A SUA CULPA

TIP. SEQUEIRA, LIMITADA
R. José Falc , 122—Pôrto

MINHA MULHER
E A SUA CULPA

Augusto NAVARRO

MINHA MULHER E A SUA CULPA

(MEMÓRIAS DUM CRIMINOSO HOMEM DE BEM)

1928

TIP. SEQUEIRA, LIMITADA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

A MEU PAE,

Dr. Alberto Navarro

O. D. e C.

o

A.

Excelentíssimo Senhor:

O homem que lhe escreve é para si completamente desconhecido.

Vossa Excelência nunca o viu, nunca lhe falou e na turba curiosa e interessada dos seus ouvintes jamais o distinguiu.

No entanto, êle foi durante muito tempo o mais atento dos freqüentadores das suas conferências, sempre tão brilhantes e tão eruditas, quer sob o ponto de vista scientífico, quer pelos ensinamentos morais e sociais que encerravam.

Só alguém como Vossa Excelência, ilustre Mestre, cujos vastos conhecimentos da alma humana e alta individualidade de psicologo fizeram em tão poucos anos mais do que uma glória do seu país, uma verdadeira glória do século, poderá bem avaliar a minha doença, o meu sofrimento e a minha tragédia.

É um caso que deponho sôbre a sua mêsa de trabalho e, êsse caso, infelizmente, é o meu.

Devo dizer-lhe que não me julgo, nem sou positivamente um criminoso comum. Se ámanhã me apresentasse perante um tribunal para responder pelo meu delito, antes de ser proferida a sentença apelaria para todos os homens bons, para todos os homens justos, para todos os homens que consultam a consciência e respeitam os ditames do coração.

Apelaria, e sem figuras de retórica, sem floreados de estilo, que aliás seriam inúteis, sincera, calma e francamente contar-lhes-ia todo o meu drama, o domínio que precisei de ter sôbre mim para não me denunciar; a vergonha, o asco que os meus sentimentos me causavam, a luta moral que sustentei dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, depois de perpetrado o crime.

Estou certo, Excelentíssimo Senhor, que nos olhos de muitos havia de ver bailar as lágrimas da comiseração, nos semblantes de outros descobriria o espanto e o assombro, mas nos gestos espontâneos da maioria nìtidamente haveria expresso o desprêso por mim.

Todos, todos porém seriam unânimes em me reconhecer mais digno de ser observado por um es-

pecialista de doenças nervosas ou internado numa casa de saúde, do que merecedor de castigo.

Escrevo estas palavras não para me desculpar, não para tornar o meu crime menos condenável, mas apenas para frizar que nunca me julguei um criminoso vulgar, um homem movido apenas pelo interesse e pelo materialismo.

O meu crime (hediondo e reprovável como todos os crimes) foi a única solução do indivíduo que se vê assediado pelas paixões que nêle referverm.

E entre tôdas essas paixões, sobrepujando-as e de contínuo escravisando-me, estava o amor em tudo quanto êle tem de divino e de diabólico, de meigo e de brutal, de suave e de rude, de carinhoso e de feroz.

Ira furor brevis est: *escreveu Horacio.*

Ao contrário, pode-se dizer que a paixão amorosa, essa «emoção crónica», *segundo a define Bain, é uma permanente loucura.*

E eu fui atingido, melhor, deixei-me atingir, contaminar por essa loucura. Quando qualquer homem chega a semelhante estado, sacrifica tudo — fortuna, saúde e honra. Decidido ao heroismo ou

ao crime, possui a alma bárbara dum guerreiro da idade média.

Nada o detem, nada o impede de pôr em prática seus desígnios.

As vozes da desconfiança primeiro, do egoísmo depois, são as únicas que sua razão e seu espírito atendem e respeitam.

Mas se êsse homem, o apaixonado, o que levou o amor além dos limites do razoável e do normal, é como eu, rico de imaginação, de sonhos e de ambições, a tortura redobra, a enfermidade moral toma novos aspectos e já não é só o bem estar, o socêgo, a honra que ameaçam subverter-se.

É também a sua Arte, a mais acariciada esperança de tôda a sua vida, inferiorisando-se, desvanecendo-se, como quiméra, como ilusão.

Para salvar essa Arte, criada e mantida à custa de tantos esforços, de tantos e tão grandes sacrifícios, o artista, o verdadeiro artista, é capaz de tudo e não hesita perante as maiores ignomínias.

Foram todos êstes factores e ainda os vícios que em mim estuavam que, como Vossa Excelência terá ocasião de ver, me levaram ao crime.

Uma por uma, sem olvidar a mais insignificante, sem omitir a mais dolorosa, sem deixar de fixar a mais condenável, contei tôdas as scenas da minha existência. Existência sem beleza, sem qualquer acto que a dignifique.

Ao escrever o meu drama procurei ser indiferente e imparcial, como se os factos que relatasse se houvessem passado com outro indivíduo e eu a êles fôsse estranho.

Relendo agora estas páginas envergonho-me e sinto-me, pela primeira vez, criminoso. Criminoso, no que a palavra tem de mais abjecto, de mais vil, de mais degradante para um homem livre e, sobretudo, para um artista amando a vida e comprazendo-se nos esplendôres da natureza e do mundo.

Nunca julguei que o meu crime, ficando, como ficou, ignorado de todos, tivesse tão fatais conseqüências e contìnuamente me perseguisse como se fôsse a minha própria sombra.

Ao assassinar, só o desejo de salvar a minha Arte, só a ânsia de me desembaraçar de tudo quanto me tolhia e massacrava a alma me impeliu e animou, e, afinal, foi o próprio crime que para sempre me

prendeu os movimentos e desvairadamente me fez errar pelos ergastulos da tortura moral.

Vítima dos mais malévolos instintos, escravo de ideais impossíveis, dominado pelos nervos quási dum louco, herdeiro de não sei que taras, todos os esforços que fizesse para me vencer resultavam infrutíferos e até às vezes contraproducentes.

Á minha educação de criança amimada, a quem tôdas as vontades eram satisfeitas e todos os caprichos realisados, atribuo em grande parte o malogro na vida.

Mas, o que é certo, é que eu não tenho o direito de condenar a educação que recebi, de culpar aqueles entes cuja memória é hoje para mim o único lenitivo e a única recordação saúdosa do passado.

Chegado à idade da razão, quando me vi só, conhecendo a vida, a sociedade e o mundo não dei um passo, não esbocei um gesto, não fiz qualquer tentativa para me corrigir e para me refrear.

Esta é talvez a maior e a mais inexpiável falta que cometi.

Várias foram as ocasiões, como Vossa Excelência verá no decorrer da leitura dêste manuscrito, que se me apresentaram para saír do dédalo escuro

e trágico em que meus apetites, paixões e desejos se encarniçavam em me confundir.

Sim, várias foram as ocasiões e eu tôdas desprezei, umas vezes inconscientemente, outras com inteiro conhecimento de que praticava o mal e seguia por caminho errado.

Contemplando agora as ruínas do passado, a derrocada espantosa de tôda a minha vida, as lágrimas, que nada fazem e nada remedeiam, sobem-me aos olhos. Longe porém de me dulcificarem, de me apaziguarem a alma, mais a revoltam, mais a torturam, mais a desesperam. São como gôtas de álcool, que mão perversa deixasse caír sôbre uma chaga aberta em carne tenra e delicada de criança recem--nascida.

Vou terminar. Em breve, pensando em mim, falando no meu nome a seus discípulos, nas suas prelecções, Vossa Excelência classificar-me-há como doido ou doente.

Sim, doido ou doente, absolutamente d'acôrdo, mas em verdade, em boa e pura verdade, um homem infeliz, um desgraçado que muito amou, muito so-

freu por ter amado tanto e que viu fechar-se à sua volta a noite lôbrega e trágica, sem sequer ter começado a viver o seu dia.

. . . .

Aí vão as minhas tristes memórias.

Faça Vossa Excelência delas o uso que quizer, na certeza porém que — doente, louco ou criminoso — o homem que as escreveu não deixou de ser um homem de bem, que as aparências, com a côr da verdade irrefragável, levaram ao crime e à desonra, ignorados talvez por todos, mas não por êle...

I

Sim, sou um criminoso.

Matei!

Matei e ninguém o sabe.

Todos me julgam honrado e, afinal, não passo dum assassino.

Sinto, de quando em vez, íntima e escaldante vergonha, a necessidade imperiosa, brutal, de confessar o meu crime; ouço contìnuamente vozes misteriosas, insuportáveis, terríveis, acusando-me, anematisando-me.

Há ocasiões, momentos horrorosos na minha vida. Momentos de desconfiança e de receio.

Ocasiões de sobressalto e de angústia. Ainda ontem à noite por exemplo, na sala do club que freqüênto, reparei num sujeito de meia idade conversando com outro e fixando-me com atenção.

Estremeci.

Aquele homem pareceu-me sabedor de todo

o meu segrêdo, de todo o meu delito e resolvido a denunciar-me ali mesmo onde eu era tão estimado e tão bem visto. Não se calcula, nem se descreve a comoção que senti.

Comoção insuportável de frio e de febre. Ao princípio devia ter ficado lívido e logo depois apoplético como qualquer indivíduo ameaçado de congestão cerebral.

Perguntei mais tarde ao primeiro amigo que chegou, se conhecia aquele homem.

Disse-me ser um velho amador de pintura, admirador do meu talento e da minha obra.

Oh ironia!... eu ainda possuo quem me admire e me louve?!

Que admiram e louvam êles afinal, com a maior sinceridade e os maiores elogios?!

Um criminoso!

Um scelerado!

Quando me apresentam alguém, a respiração quási me falta e as palavras entaramelam-se-me na garganta.

É o receio, o medonho receio, que saibam a minha vida passada e me venham buscar para me encarcerarem em masmorra soturna e glacial.

E era lá, sim era lá, o meu logar. Eu sei bem isso, mas a minha cobardia, a minha baixeza moral impedem-me de tomar qualquer resolução, proíbem-me de dizer alto e bom som:

— Senhores, sou criminoso. Matei! Castiguem-me.

Todavia, se assim procedesse, ninguém o acreditaria, talvez me julgassem louco e então prefiro isolar-me, fugir do mundo, da sociedade e sózinho no meu quarto, no meu gabinete de

trabalho, responder às perguntas da minha consciência.

Sim, esta é já suficiente e atroz expiação. Expiação que me tem martirisado e feito sofrer horrorosamente.

Sofrer?! Oh hipocrisia!... Acaso alterei em alguma coisa a minha existência?

Acaso deixei de ir às festas mundanas, de freqüentar os teatros, de trabalhar na louca ambição da glória, de viver na mesma casa onde viveu a minha vítima e na qual parece adejar constantemente a sua sombra?

A minha vítima!

Pobre vítima!

E estava inocente.

Oh! quando o soube, quando tive a certeza, foi como se a terra se abrisse debaixo de meus pés para me tragar.

Ela estava inocente, o culpado, se o havia, era eu, só eu.

Ela estava inocente, mas mesmo que o não estivesse, acaso teria eu o direito de matar?

O direito de matar?!

Como estas palavras me fazem mal.

Como me torturam, quanto para mim, para a minha inteligência e para o meu espírito não significam de vil, de torpe e de hediondo. Como elas me reconduzem ao passado... àquêles dias, àquêles anos funestos e sombrios.

O que eu tenho mentido desde então?!

Mentido só?

Oh! não, não.

Dissimulado, encoberto com mil cautelas e infindos cuidados, receando os meus próprios gestos e palavras, temendo meus sorrisos e expansões.

Todos os actos, tôdas as minhas atitudes são calculadas, reflexionadas.

Vivo em contínua e incessante preocupação. Caminho através dum mundo para mim pródigo de ciladas e de sombras acusadoras, implacáveis. Olho o vulgo, olho os outros, os imbecis, os estúpidos, os inúteis e vejo-os felizes, satisfeitos, despreocupados, com a consciência límpida, o espírito tranquilo, ao passo que eu ando sempre triste, sempre taciturno, sempre angustiado.

Quando me poderei libertar dêste horrível suplício?

Quando chegará à minha alma macerada o balsamo do socêgo e da calma?

Nunca, sim, nunca.

Sei-o bem e já não alimento esperanças falazes.

Sou célebre, sou rico, sou livre, mas as minhas mãos estão manchadas de sangue e na minha vida há um cadáver. Para tôda a parte para onde vou, onde quer que esteja, êle lá está também.

Sinto-o, vejo-o, ouço-o. É ela, é ela, é ela.

Ela que eu adorei. Ela que eu assassinei. De que me serve assim a vida, que encantos pode ter para um homem como eu?

Nenhuns.

Só o suicídio me salvará.

O suicídio é o único caminho que tenho livre, desembaraçado e largo.

Terei coragem para me suicidar?

Terei ânimo para remir com a minha morte, com o meu desaparecimento, a morte da mulher amada, da mulher a quem tudo sacrifiquei.

Ignoro-o.

O que sei apenas, é que ao reler as páginas da minha existência, onde eu estou, onde eu me encontro, linha a linha, fraze a fraze, momento a momento, uma voz intèrior, o meu instinto, qualquer coisa que eu não sei classificar, segreda-me que não tenho direito à vida. Direito a gosar o sol, as belezas, as paisagens, os instantes divinos, os instantes deliciosos que o mundo dá avàramente a todos os seus filhos, a todos os seus escravos.

Porquê? Porquê?

Porque matei. Porque sou um criminoso.

II

É necessário contar-vos a minha vida.

A minha vida que, afinal, é uma tragédia. A narração simples e sincera que vou fazer se é para mim alívio, desabafo, pequena reconciliação com o meu moral, com o meu próprio *eu*, talvez vos aproveite, homens caprichosos e vãos, talvez seja para vós, para os vossos corações e para as vossas consciências, aviso e exemplo.

Escrevo serenamente com os nervos calmos, fumando sem cessar cigarros sôbre cigarros e o fumo toldando-me levemente o cérebro, reconduz-me, como em sonho à minha mocidade, ao passado distante e envolto já na bruma do tempo.

Actualmente tenho quarenta anos.

Quarenta anos gastos, cansados, sem acção, sem vontade, em completa decadência.

Presumo que viverei pouco.

Morro cheio de remorsos e irreconciliado com a minha consciência.

A minha agonia deve ser horrível e medonha. Se é nos momentos finais, no arrancar dêste mundo, segundo li há tempos em sédiço in-fólio de vélho doutor da igreja, que o homem expia as suas faltas, os meus derradeiros momentos devem ser de arripiar, devem ser semelhantes aos de qualquer monstro de perversão.

Enfim, resigno-me e aguardo essa hora tremenda.

Uma coisa vos digo e digo-vo-la com tôda a franqueza: — não a receio nem a temo. Desejo-a até!

Quero chegar aos pés de Deus experimentado pelo sofrimento, talvez Êle se amercie de mim, talvez me sorria e me perdoe.

Mas deixemos estas divagações e principiemos.

* * *

Chamo-me Rogério de Castro.

Nasci numa aldeia risonha e florida do Minho.

Meu pai era oficial do exército e esteve muito tempo destacado em Braga.

Ali passei a minha infância e dela poucas recordações guardo, a não ser a dos beijos terníssimos e meigos de minha mãe.

Fui crescendo rodeado de carinhos e de meiguices.

Viviamos então na rua do Souto, numa casa de dois andares muito limpa, muito modesta e

eramos visitados a miudo por vários amigos de meu pai, a maioria oficiais do exército.

De todos, porém, o que eu mais estimava era um tal coronel Mendonça, homem espadaúdo e forte, bigodes flamantes de granadeiro, face queimada pelo sol de África, sorriso bonacheirão entreabrindo-lhe os lábios grossos.

O coronel Mendonça era celibatário e adorava as crianças.

Sentava-me em seus joelhos, contava-me histórias de pretos que me aterravam e faziam sorrir ao mesmo tempo e quando eu cabeceava de sono, êle próprio me embalava com muito carinho, enquanto minha mãe, num agradecimento, lhe sorria indefinìvelmente.

Pobre coronel Mendonça!

Morreu tempos depois vitimado por uma embolia e foi junto do seu ataúde que chorei as minhas primeiras lágrimas sentidas e verdadeiras.

Desde o princípio me revelei estudante obediente e aplicado e assim por quási todo o curso fui singrando com grande amor pelo estudo e pela erudição.

Aos dezoito anos tive a desventura de perder minha mãe.

Oh! hora fatal, oh! hora amaldiçoada e infausta!

Foi quando minha mãe para sempre me deixou que meu destino, até aí desenhando-se venturoso e calmo no horizonte do futuro, se enegreceu tràgicamente.

Sem os carinhos, os conselhos, as palavras de amor e de confôrto daquela santa, a existência tornou-se-me um fardo incomportável.

Vi-me sem guia e sem amparo.

Faltou-me um cólo amigo sempre pronto a acolher-me, a perdoar, a esquecer e onde eu à vontade, sinceramente, podia desabafar todas as máguas.

Olhei espavorido à minha volta e invadiu-me o desejo imenso de acabar também.

À beira do seu túmulo senti desaparecer a inocência, desvanecerem-se as esperanças, emigrarem as ilusões e quando lhe disse o último adeus, a minha alma foi com ela para as regiões desconhecidas.

A minha alma!!

Aquela alma, por ela formada, educada, disciplinada, crente, generosa, aberta a todos os infortúnios, sensível a tôdas as misérias, disposta a todos os perdões, conduzida com infindos cuidados pelos trilhos da virtude, do bem e da verdade, abandonou-me... perdeu-se... evolou-se.

Durante dias e semanas, fechado por dentro no meu quarto, chorei as mais amargas lágrimas de tôda a minha vida.

Lágrimas de desespêro, de comoção, de carinho, de amor e de saüdade.

Lágrimas como nunca, nunca mais, tornei a chorar.

Meses depois dêste tremendo golpe, meu pai fixou a sua residência em Lisboa e foi aqui que acabei os preparatórios. Porém, a arte, a pintura tentavam-me. Era uma volupia, um abdicar e esquecer de tôda a vida material, espécie de delírio enlevado dos sentidos, povoando-me o espírito de sonhos agradáveis e esplendidos. Sonhos que mais me incitavam ao trabalho, renovando-me a

vontade, multiplicando-me as energias, nimbando meu cérebro de clarões de ideal e fazendo-me vêr ao longe, acolhedora e franca, abrindo-me os braços, sorrindo para mim, a figura radiosa da glória.

Arranjei um *atelier*.

Passava lá os dias, separado, divorciado do mundo, quási sem saír, para não interromper minha labuta.

Isto, é claro, era exagêro. Era a febre de que insensìvelmente se deixam tomar os predestinados para o triunfo.

A minha primeira exposição, sem ser brilhante, foi no entanto uma valiosa e segura promessa e concorreu para me tirar do anonimato.

Certo dia, fui procurado por um antigo condiscípulo que em nome de Teodoro Manfredo me vinha convidar para um chá, pois o grande pintor desejava conhecer-me pessoalmente.

A princípio, recusei. Recusei terminantemente.

Então, sorrindo, o meu amigo fez-me vêr as vantagens que me adviriam das relações e até talvez da amizade de tão célebre artista.

Disse-me ser necessário a sociedade conhecer-me, ser indispensável relacionar-me.

Todos os homens de talento, continuou êle, os romancistas, os poetas, os pintores possuem a sua roda, admirando-os cègamente e tornando-se, sem ela mesmo o suspeitar, numa espécie de arauto de seus dotes.

A' regra geral ninguém podia fugir.

Se queria vencer, não o conseguiria isolando-me.

Ignorava a extraordinária fôrça moral da sociedade, mas ficasse-o sabendo, ela era a única, a infalível creadora das reputações e das celebridades.

Afastado dela, fóra do seu âmbito, sem fazer qualquer idea de seus segredos, escaninhos, vaidades e intrigas, a dificuldade da vitória decuplicaria, se não se tornasse impossível. Pensasse eu bem; apresentava-se-me aquela excepcional ocasião, era aceitar, sob pena de caír no desagrado de Teodoro Manfredo, espécie de patriarca dos artistas e de potentado social.

Impressionado, olhava o meu amigo e suas palavras pareciam-me outras tantas luminosas verdades.

Sim, efectivamente, era assim.

Para triunfar na carreira de pintor, para triunfar na vida, era forçoso modificar a minha maneira de ser, pôr de lado muitas teorias, muitos princípios filosóficos, pequeninas coisas deliciosas e agradáveis, com as quais ingènuamente pensava construir e alimentar o meu viver interior. A arte era exigente e todo o verdadeiro artista tinha obrigação de lhe obedecer.

Mais por isto do que por qualquer outro motivo, qualquer vaidade ou qualquer curiosidade, acabei por aceitar o convite de Teodoro Manfredo.

Fui.

Fui e perdi-me.

Desde então a minha existência modificou-se.

Fui, e nessa tarde arruïnei completa, irremediàvelmente todo o meu futuro.

E' bem certo que, quando menos os homens o esperam, o destino compraz-se em armar-lhe as mais perigosas ciladas.

Aqueles que souberem esquivar-se a tempo, podem com orgulho dizer-se vencedores.

Os outros, os que como eu, se deixaram colhêr, não são mais do que párias e infelizes.

Estes últimos, contudo, são a maioria.

E' também a única consolação que me resta.

Triste e desgraçada consolação...

III

Ouvira já muitas vezes falar em Teodoro Manfredo.

Êle era, quando principiei a minha carreira, um pintor consagrado.

Admirava-o e sempre que dispunha de tempo costumava ir à Câmara Municipal e aos Muzeus extasiar-me em frente das obras do mestre.

A sua arte era vívida e real.

As telas davam a impressão de episódios naturais, arrancados à existência à fôrça de talento, quási de génio. As côres empregadas, o desenho firme e seguro, a admirável técnica, os assuntos escolhidos, a distribuïção de luz e ainda mil pequeninos nadas que um bom e perfeito artista nunca deve desprezar ou esquecer e são, por assim dizer, a alma, o espírito do quadro — tudo me prendia e subjugava. Pensava, com certo desvanecimento, no dia em que a minha

arte, como a de Manfredo, atingiria o seu zenith e esse dia parecia-me então muito longínquo, impossível... inalcansável. Com comoção e até com alvoroço preparei-me e vesti-me para ir a casa do ilustre mestre.

Êle morava longe, para os lados do Lumiar, e durante todo o percurso fui pensando nas palavras que lhe havia de dirigir, nos elogios a fazer-lhe, nas opiniões sôbre pintura moderna a emitir, modestamente, sem me tornar ridículo nem pretencioso.

O dia estava sereno e calmo.

Era por abril.

Já floriam as roseiras e tôda a naturêsa sorria alegremente à carícia perturbadora e lânguida da primavera.

Ia bem disposto, contente, quási feliz.

Com certa tremura nervosa, que debalde procurei dominar, bati ao portão da casa de Teodoro Manfredo.

Um creado muito grave, escanhoado até à derme, correu a abrir.

Conduziu-me depois por entre as ruas bem tratadas e cheias de flôres do soberbo jardim e quando chegamos a um aposento mergulhado em penumbra, olhou-me respeitosamente e preguntou: — «Quem devo anunciar?»

Entreguei-lhe o meu cartão.

O homem curvou-se em ligeira vénia e desapareceu por de trás do reposteiro pesado e sombrio.

Pude então examinar à vontade o aposento. Era uma sala vasta de três janelas, tôda tapetada e mobilada com arte e riquêsa. Das paredes pendiam duas formosíssimas telas — «*Salomé diante de Herodes*» e o «*Triunfo da Morte*».

Fiquei-me, por momentos, contemplando esta última, subjugado, impressionado, pelo seu simbolismo.

De repente, pareceu-me ouvir na sala interior os sons melodiosos dum violino e logo a seguir, rebentaram fortes e clamorosas aos meus ouvidos, salvas de palmas misturadas com risos de mulheres.

Vi depois o reposteiro correr-se e acompanhado pelo meu amigo entrar um homem baixo, gordo, de barbas brancas e compridas.

Era Teodoro Manfredo.

Curvei-me discretamente e balbuciei confuso, quási escarlate:

—Mestre, não tenho palavras com que lhe agradeça a sua generosidade.

Êle sorriu, ofereceu-me uma cadeira e retorquiu com voz forte e bem timbrada:

—Ora essa, meu presado camarada, eu é que lhe agradeço a honra de ter aceitado o meu convite. Visitei a sua exposição e digo-lhe que há muito a esperar do seu talento.

—Amabilidades de Vossa Excelência,—volvi com os olhos baixos.

—Não—tornou êle com certa energia.—Costumo ser sincero nas minhas apreciações artísticas. O senhor Rogério de Castro, se continuar a trabalhar, há-de ser alguém.

Calei-me.

Teodoro percebeu a minha confusão. Levantou-se, deu dois passos no aposento e batendo-me amigàvelmente no ombro, disse:

—Convidei-o, meu amigo, porque desejava conhecê-lo e depois quero apresentá-lo a algumas senhoras que, como eu, apreciam a sua arte.

E, com largo sorriso iluminando-lhe a fisionomia simpática e bondosa:

—Passemos ao salão. Conversa, ouve um pouco de música.

Deu-me o braço.

Deixei-me levar como um autómato.

Quando entrei no salão, em todos os rostos, bem nítida, bem flagrante, descobri a curiosidade pela minha pessoa.

Còrei. Senti-me mal e foi contrafeito e acanhado que beijei as mãos finas das mulheres que se estendiam acolhedoramente para mim.

—A senhora Condessa de Almeria, o jóven pintor Rogério de Castro.

—A senhora D. Eduarda de Serpa, o famoso artista Rogério de Castro.

—Mademoisele Maria do Céu Carmo, o ilustre pintor Rogério de Castro.

E de cada vez que Teodoro Manfredo pronunciava o meu nome sempre acompanhado de adjectivos, sentia-me quási vexado. Sentei-me.

Daniel Mendes, jornalista meu conhecido, veio para junto de mim e começamos a falar de arte e de literatura.

A Condessa de Almeria emitiu também sua opinião e dentro em pouco a conversa generalisou-se, tomou até certo calor.

Principiava a sentir-me bem, a gostar de me vêr rodeado de tantas atenções e de tantas mulhêres bonitas.

Um criado anunciou o chá.

Dirigimo-nos à sala de fumo e ainda hoje não sei bem porque estranha coincidência fiquei junto de Maria do Céu.

Olhei-a então com mais interêsse.

Ela sem ser o tipo perfeito de beleza, académica que eu idealisava, ou antes que a minha arte idealisava em seus vôos arrebatadores, era linda.

Linda, duma formosura correcta, com o seu mixto de inocente e de perverso, de sensual e de meigo, de casto e de puro, um não sei quê de sedutor, uma harmonia de linhas muito suaves que atraem, que prendem e subjugam.

Formosura que parece irradiar dela promessas de amor, de carinhos inefáveis, de beijos terníssimos, céus de idílios românticos cravejados de estrelas de bonança e ventura, paraísos de delícias eternas perfumados pelas corolas imarcessíveis da amisade e da dedicação.

Seus lábios finos e rosados, seus cabelos negros e macios, suas mãos estilizadas, seus olhos cheios de luz e de vivacidade, seu perfil levemente oriental, o ar de vírgem que dela como um perfume mui subtil se desprendia, e ainda a maneira discreta de rir, o tom mavioso da voz, a vaga melancolia de que parecia sofrer, tudo me entusiasmou e tudo me prendeu.

Para um rapaz de vinte anos, como eu então era, cujo coração nunca amara, nunca tivera o mais ligeiro rebate por qualquer mulher, aquela creatura apareceu-me, afigurou-se-me como um anjo e de repente acordou em mim todo o turbilhão de desejos até ali solapados e adormecidos.

A esse tempo a minha alma ignorava por completo tôda a psicologia feminina e a minha sentimentalidade e impressionabilidade eram como as de uma creança, facilmente subjugáveis pelo primeiro clarão de beleza ou pelo mínimo estremecimento de volúpia.

Foi isto decerto, e ainda o meu carácter

ardente e decidido e meu temperamento estruturalmente meridional, que me fez vêr em Maria do Céu, a mulher eleita, aquela que, desde que nascemos, nos está destinada.

Foi ela quem me serviu de assúcar, fui eu que lhe ofereci os *bonbons* de chocolate.

Entre nós estabeleceu-se naquele momento verdadeira simpatia e quási intimidade.

—Você não calcula—disse-me ela, sorrindo —como adoro e admiro a arte.

—Tôdas as mulheres que verdadeiramente o são, tôdas as mulheres superiores, teem pela arte culto apaixonado.

—Você considera-me então uma mulher superior?—volveu ela, irónica.

—Considero—retorqui, olhando-a docemente.

—E porquê?—tornou Maria do Céu, com vivacidade.

Estive momentos sem responder.

Maria do Céu parecia suspensa da minha resposta, parecia auscultar-me o coração. Os seus grandes olhos negros fitavam-me de fórma indisível, quási hipnótica.

—Mulher superior, minha senhora, pela sua beleza e pelo seu encanto.

Ela còrou. E, durante o tempo em que tomamos chá, não trocamos mais palavra.

Sim, não trocamos, mas o nosso silêncio valeu pela mais ardente e apaixonada declaração de amor.

As nossas almas tinham-se compreendido, adivinhado, e já nada havia que as podesse separar.

Estava escrito que seguiríamos ambos a par na vida e, contemplando aquela gracil creatura,

sentia-me capaz de fazer por ela os maiores e mais penosos sacrifícios.

Se fôsse necessário abandonaria, sem vacilar, o meu velho pai, a minha pátria, a própria carreira artística.

Houvesse o que houvesse, sucedesse o que sucedesse, aquela mulher havia de me pertencer. Não era já só o amor que sua beleza me despertára que o exigia, era qualquer coisa mais, a minha vontade, o meu orgulho, o meu desejo.

Quando me despedi olhei-a tam profundamente, que ela, compreendendo o meu olhar, disse-me tôda ruborisada, enquanto lhe beijava a mão:

— Prometo não o esquecer.

Saí.

Teodoro Manfredo muito amável acompanhou-me ao portão.

A tarde lentamente esmorecia.

Eflúvios de doce paz e subtis afagos pairavam imateriais e muito puros nos espaços.

Despontavam as primeiras estrêlas e contemplando-as, pareceu-me que lá do alto elas me guiavam pelo trilho fácil do amor e da ventura.

Passaram por mim ranchos de raparigas, cantando alegremente, e quási insensível puz-me a trautear também uma canção em voga.

Levava o cérebro povoado de ilusões. Ilusões castas de amor e ardentes, admiráveis de glória.

A vida sorria-me.

Sorria-me na arte e no coração.

Que queria mais, que mais podia ambicionar?

Era feliz, completamente feliz.

Seria um grande homem, um grande artista

e levando sempre comigo Maria do Céu, fa-la-ia compartilhar da minha celebridade e do meu triunfo. Os seus braços acolher-me-iam nas horas de vitória e seriam meu refúgio nos momentos de desespêro e de desânimo.

Ia contente, ia radiante e, afinal, mal sabia que estava dando o primeiro passo para o crime que hoje me tortura e sou obrigado a esconder dentro de mim próprio, em medonho, em atrós, em pavoroso suplício, como se fôsse um fôgo do inferno consumindo-me lentamente as entranhas.

IV

O nosso primeiro encontro!...

As primeiras palavras trocadas a sós!

Aquela ocasião, aquele instante, aquele inefável, indiscritível momento, em que nossas mãos se uniram e nossas bôcas se juntaram!

As confissões mutuamente feitas e os juramentos trocados. O vestido que ela trazia e a negrura de seus olhos. O sorriso em que docemente me envolveu e sua voz meiga e harmoniosa cantando a meus ouvidos.

Tudo isto, todos estes pequeninos nadas, são coisas, episódios, recordações, retalhos do passado que jámais, jámais posso esquecer. Ficaram gravados em meu espírito, talvez para mais me torturarem, mas a verdade é que, relembrando-os, eles aparecem-me como os únicos tempos calmos, felizes e bons da minha torpe existência.

*
* *

Semanas depois do chá em casa de Teodoro Manfredo, declarei-me tam apaixonadamente a Maria do Céu, que ela, comovida e confiada, se entregou ao meu amor.

Maria do Céu possuia um temperamento estranho, reservado, quási doentio. Sua alma adejava continuamente por vagas regiões. Regiões de nebulosas e de mistérios, de sonhos impossíveis e de fantasias delirantes. Muitas vezes ficávamos longo espaço a olharmo-nos, procurando mùtuamente em nossas almas os segrêdos que as torturavam, os rumos que as conduziam, as ilusões que nelas floresciam em anceios, em desvairos de perfeição e de maravilha.

—Meu amor—dizia-me Maria do Céu afagando de leve meus cabelos—quando casarmos viveremos sempre um para o outro, sim, só para nós. Tudo quanto fizeres sabê-lo-ei, tudo quanto eu fizer será do teu conhecimento. Minha alma, meu espírito, a nossa alma, o nosso espírito formarão uma só, sim, uma só, mas tam forte, tam bela, tam pura que será indestrutível e seu esplendor iluminará nossa existência inteira.

—*Duo in carne una*—respondia eu, gracejando.

Ela zangava-se. Tinha gestos de enfado, de irritação.

Baixava a cabecita e punha-se a costurar com os olhos vidrados de grossas lágrimas. A luz do candieiro velada por abat-jour de sêda crua, dava ao seu rosto mortal palidez, e eu contemplava-a em extásis, em recolhimento, como se

ela fôsse uma madona. Acariciava-a depois muito terno. Maria do Céu levantava para mim a face já tôda iluminada por um sorriso confiado e preguntava-me meigamente:

—Não gostas de mim, meu amor?

—Mas imenso, apaixonadamente. És tu a mulher dos meus sonhos, a verdadeira mulher pela qual ansiava.

—Se as tuas palavras fôssem sinceras,—volvia Maria do Céu, muito triste.

—Porque duvídas?—preguntava eu, quási ofendido.

—Nem eu sei... nem eu sei, mas às vezes os homens são volúveis, são injustos.

Indignava-me.

Dizia-lhe que a minha vida era só ela.

Ela a minha única razão de ser.

Jurava amá-la loucamente, eternamente.

E era verdade.

Em Maria do Céu resumia-se naquele tempo a minha existência, a minha esperança, o meu sonho.

Era uma síntese, mas era também um delírio.

Amava-a.

Amava-a com um amor entusiástico, imenso, impossível.

Amava-a com tôda a espiritualidade da minha alma enamorada, a imaculada pureza dos meus sentimentos mais nobres, e o ardor da minha esplêndida mocidade.

Tôdas as noites, fôsse verão ou fôsse inverno, chovesse às bátegas ou o luar enrodilhasse nostàlgicamente a cidade, eu, depois de jantar com meu velho pai, dirigia-me à Estrêla a passar algumas horas junto dela e da mãe, a bondosa

senhora D. Emília Noronha, que já me estimava como filho.

Naquela salinha burguêsa, muito confortável e mobilada com requintado gôsto, o gôsto de Maria do Céu, passei as mais inolvidáveis e deliciosas horas da minha juventude.

Quanto eu gostava de me recostar na velha *chaise-longue* e de lá vêr as duas mulheres costurarem, contando-me vários episódios da sociedade, dizendo-me a sua vida íntima, os seus princípios, dificuldades e desgostos. A atmosfera que se respirava naquele lar era tôda pureza e bondade.

Não havia qualquer palavra mais rude, pensamento equívoco, aflorar de interesse torpe, de maldade ou injustiça.

Relembrando tudo isto, vejo aterrado ter sido eu a alma mesquinha e cruel, que entrou naquele ambiênte para o destruir, para ser instrumento de desolação e de morte.

Maldição, maldição sôbre mim, sôbre mim que fui indigno do acolhimento que me fizeram, que dêsde que desejei Maria do Céu, menti, menti, menti como um infame, como um degenerado.

Menti quando dizia amá-la.

Menti, fazendo-me passar por homem honesto e bom, eu que albergava em mim os baixos sentimentos dum criminoso.

Ás dez horas, a mãe deixava-se dormir e eram então as nossas confidências de amor, as nossas afirmações de amizade, os grandes projectos para o nosso casamento.

Recordo hoje, que estou desapaixonadamente escrevendo e todos os meus pensamentos são

lúcidos e claros, que já a esse tempo sofria horrìvelmente de atrós ciúme por Maria do Céu.

Quando a encontrava sózinha na rua a minha fisionomia alterava-se, a ponto de lhe infundir receio.

Proíbi-a de freqüentar os teatros, de ir aos chás elegantes, cheguei mesmo a pedir-lhe para não visitar as suas amigas.

Ela recusou.

—Não, não, isso não. Já vês, é quási ridículo.

Forçadamente concordei, mas aquilo mal dispoz-me, aborreceu-me.

Levei então a minha baixesa, o meu ciúme a ponto de a espiar.

Certa vez que Maria do Céu encontrou na Rua do Ouro um homem para mim desconhecido e com o qual se demorou a conversar, senti enorme angústia na alma, uma tenaz de fogo esmagando-me, queimando-me o coração.

Escondi-me no portal mais próximo.

A respiração tornou-se-me ansiada, inconsecutiva e todo eu estremecia em arripios nervosos, tomado por súbita e medonha cólera.

A vista obscureceu-se-me e por duas vezes, inconsciêntemente, apertei na mão suada a corônha do revólver.

Maria do Céu despediu-se.

O desconhecido passou por mim.

Era um homem de quarenta anos, espadaúdo, forte, simpático.

Resolvi segui-lo, mas logo desisti e levado por outras suspeitas, fui atrás da minha noiva. Subi várias ruas, desci outras, desnorteado, louco, feroz.

Ela desaparecera na multidão.

À noite, quando a visitei, disse-lhe quási brutalmente:

—Quem era aquele homem com quem estiveste a falar hoje na baixa?

Maria do Céu olhou-me tôda trémula e a custo preguntou:

—Aquele homem?! Que homem?

—Não se lembra ou não quer dizer?—volvi enfurecido.

—Oh filho, que disparate! Dize onde me viste,—tornou ela, já com as lágrimas bailando-lhe nos olhos.

—Na rua do Ouro, às cinco...

—Ah!—exclamou Maria do Céu, rindo.—Era o pai de uma amiga minha.

—O pai?!—volvi furioso, e depois quási cuspindo-lhe as palavras:

—A senhora mente...

Ela não se perturbou.

Pela saúde da mãe, por tudo quanto havia de mais sagrado no mundo, jurou-me falar verdade.

Renovou todos os seus protestos de amor. Pediu-me para a acreditar.

Disse-me ofendê-la com as minhas suspeitas e chorava, chorava tôda sacudida, tôda nervosa.

Eu, implacável, com o semblante transtornado, roído de ciúmes e torturado de desconfianças, dizia-lhe apenas:

—Mente, mente, póde dizer o que quizer, mas eu sei que mente.

Súbito Maria do Céu levantou-se, hirta, altiva, como nunca a vira.

—Oh! é de mais, é de mais. Não há direito... não há...

Foi-lhe impossível terminar.

Os soluços abafaram-na e caíu sôbre a mesa chorando convulsivamente.

Olhei-a por instantes.

Estava fóra de mim, sem saber o que havia de fazer, o que havia de pensar. A dúvida escurecia-me a alma. A suspeita envenenava-me o coração.

Saí. Saí desvairado e tôda essa noite passei em claro, passeando nervoso no meu quarto com o cérebro cheio de ideas trágicas e sombrias.

Era o crime estendendo seus tentáculos. Era o gérmen do crime brotando em minha alma para não mais a abandonar.

Terrível situação a minha!

Terrível destino o dos homens, que se deixam dominar pelas paixões e pelo instinto!

V

Casamos seis meses depois dêste incidente desagradável.

Conhecedor do meu génio, da minha psicologia, sabendo julgar qualquer carácter pelo mínimo indício, meu velho pai por várias vezes me pediu para reflectir serenamente na responsabilidade de semelhante passo.

Não o atendi, não o ouvi, abrazado, enlouquecido como estava pelo fôgo do amor e pelo delírio da paixão.

Oh! jóvens, oh! mocidade, se algum dia vos surgir na alma e no coração o desejo e a vontade de unirdes vosso destino a qualquer outro, não o façais sem primeiro depurardes o espírito de tôda a mácula, de todo o inconfessado interêsse. Ouvi os conselhos daqueles que pela idade e pela experiência, podem e devem ser os vossos orientadores. Acatai-lhe as palavras como se elas fossem proferidas pela sabedoria de qualquer

grande e admirável profeta. Segui-lhe as opiniões como seguirieis as de um evangelho ou as vossas próprias. Não vos deixeis cegar pelo entusiasmo ou pelo amor. Reflecti friamente e embora seja indispensável destruir as vossas mais acariciadas ilusões, fazei-o sem vacilar e sereis felizes, alcançareis uma verdadeira victória sobre vós mesmos.

Mais tarde, já chegados à idade do perfeito raciocínio e da fria e infalível análise, bem direis aqueles que vos aconselharam e sabereis avaliar o benefício prestado.

Falo assim porque não quiz ouvir as palavras de meu pai e os avisos prudentes e discretos de alguns raros amigos.

Tudo quanto me dissessem sôbre o meu casamento, era para mim impertinência.

O meu carácter sempre indomável e por isso mesmo conduzindo-me aos mais tremendos excessos, não admitia que sôbre mim, sôbre a minha noiva, sôbre o nosso casamento se trocasse a mínima impressão, o mais inocente comentário.

Meu pai, já então reformado do exército, e com os seus padecimentos de estómago agravados, via-me tratar de tudo, com os olhos razos de lágrimas.

Aquilo irritava-me.

Enchia-me de desespero e de cólera.

Certa vez não fui superior e preguntei-lhe desabrido:

— Que tem o senhor, que anda sempre por aí a choramingar?

Ele olhou-me com imensa piedade.

Piedade que para mim foi quási humilhação.

E triste, muito triste, respondeu sem se irritar à minha grosseria:

— Não tenho nada. Penso só às vezes na tua mãe, e no quanto ela gostaria de estar junto de ti no dia do teu casamento.

Estas palavras ditas com comoção, comoção sinceríssima, chocante, produziram em mim, na minha sensibilidade, em meus nervos, em meu coração efeito deplorável.

Lembrei-me enternecidamente de minha pobre mãe, daquela santa mulher, a única no mundo por mim verdadeiramente amada.

Insensìvelmente comparei o amor que lhe dedicara com o consagrado agora a Maria do Céu, a minha noiva.

Oh! êles eram bem diferentes; sim, bem diferentes.

O primeiro, o meu amor filial tinha sido e era ainda sentimento nobre, puro, imarcessível, dado por Deus, mantido em minha alma por Deus.

Sentimento feito de meiguices, de afectos, de agradecimentos, de ternuras castas, pairando sôbre o mundo sem a êle descer, sem nêle se manchar, ignorando-o, desprezando-o até.

Sentimento tam cristalino e tam belo, tam indestrutível e tam desinteressado, que recurvando-me sôbre mim próprio, auscultando o meu **eu**, a minha personalidade, sentia-o nela a vibrar, a vibrar em todo o seu entusiasmo, em tôda a sua puresa, guiando meus passos e protegendo meus desígnios.

E o segundo, o meu amor de apaixonado, afigurou-se-me coisa ínfima, material, sem valor.

Coisa nascida do meu instinto animal, da minha sensualidade, dominando-me apenas pelo

desejo voluptuoso, escravisando-me pela lascívia da minha carne.

Deu-me a impressão nítida, verdadeira, dum pouco de lama conspurcando-me a alma, escurecendo-a e deprimindo-a.

Era forçado a reconhecer que desde o dia em que desejara Maria do Céu, o meu culto, a minha saüdade, o meu amor por minha mãe tinha sido colocado em segundo plano; um pouco desprezado, um pouco ingratamente esquecido.

Sofria, sofria atrozmente em luta com estas ideas e no auge do meu sofrimento, perguntava a mim próprio qual a razão, qual o incógnito desígnio que levara meu pai a colocar à minha frente, naquela hora de festa e de felicidade, o cadáver de minha mãe. Para quê? Quais os seus intuitos? Qual o seu fim?

Oh! eu compreendia-o. A minha inteligência não se deixava ludibriar fàcilmente. Chocando daquela fórma cruel e brutal o meu sentimento, acordando tudo quanto em minha alma era penoso e triste, obrigando-me a comparar os dois amores, um todo do espírito, todo do coração e da alma, outro fatalmente inoculado de paixão e de desejo, êle tentava mais uma vez arrancar-me ao meu devaneio, forçar-me a abandonar Maria do Céu.

Era o seu último ataque, o seu derradeiro assalto.

A sua opinião a querer caminhar, a procurar vencer.

E odiei aquele homem.

Odiei aquele velho, como se êle fôsse o destruídor implacável da minha infelicidade.

Pavorosa, estúpida cegueira a minha!

VI

A nossa viagem de núpcias foi por abril.

Dirigimo-nos a Paris.

E ali começou a minha tortura.

Tortura que me acompanhou até ao fim, sem dela me poder libertar, sentindo-a dia a dia fechar-se à minha volta, enegrecer, tornar-se mais avassaladora e mais trágica.

Foi numa casa de modas dos Campos Elísios que senti o primeiro rebate do ciúme. Rebate que me ia enlouquecendo de dôr, e que tal impressão me causou, que nesse momento tive a consciência, tive a visão nítida de todos os factos que se vieram a dar.

Maria do Céu provava um vestido.

Vestido saia e casaco, último modelo, derradeira creação da elegância e do bom gôsto. Eu, distraído, olhava pela larga janela o movimento turbilhonante da cidade, quando, de sú-

bito, voltando-me, vi a minha noiva sorrir provocadoramente para o costureiro.

Tornei-me lívido.

Olhei o homem com semblante tal, que êle córou.

Maria do Céu, sem nada perceber, perguntou-me com meiguice:

—Gostas dêste vestido, meu amôr?

—E' bonito—respondi, quási sem a olhar.

Saímos.

Fóra a tarde morria tranqüilamente, envolvendo a grande metrópole em seus veus lilazes.

Maria do Céu deu-me o braço e lembrou um passeio ao *Bois*.

Recusei, pretextando serem horas de jantar.

Recolhemos ao hotel.

Durante a refeição quási não disse palavra. Aquêle sorriso, o sorriso por mim descoberto, por mim apanhado em flagrante, feria-me a alma como se fôsse a lámina afiada dum punhal.

A mulher que amava, à qual consagrara tôda a vida, começava a ser para mim um pesadêlo, causa de apreensão, de dúvida e martírio. A minha noiva tornava-se indigna do meu amor, da minha amizade, do meu culto.

Terrível, indiscritível momento êste.

Não sabia que fazer nem que pensar.

No meu espírito, no mais íntimo e recondito do meu ser, naqueles arcanos da alma onde sempre latentes existem ao lado dos impulsos nobres as fôrças malévolas, travou-se titânica e encarniçada batalha.

Batalha entre a razão e o sentimento.

Entre quanto de puro e quanto de animal em minha alma estuava.

Dum lado estava o equilíbrio, o raciocínio, a inteligência, do outro a sensibilidade amorosa que não conhece leis nem dogmas, as vozes desvairadas do coração impondo seus direitos, a paixão e... o ciúme.

Custava-me a acreditar que aquela creatura ingénua e casta, creada e educada em ambiente são e virtuoso, fôsse capaz de tal vilania, de tam grande baixesa.

Custava-me a crêr que o amor por ela tantas vezes patenteado, se extinguisse assim rápidamente.

Sim, custava-me a acreditar, custava-me a crêr, mas eu surpreendera o sorriso, aquele sorriso denunciador.

Vira.

Vira e parecera-me até que o costureiro, um belo rapaz loiro e córado, cheio de vida e de saúde, o aceitara desvanecido, triunfante, e lh'o retribuíra envolvendo-a no clarão de seus olhos libidinosos e sensuais.

A que pouco está sujeita, de que pequeninos nadas depende a felicidade humana?!

Pensamentos vários, antagónicos, assaltaram-me em tropél o cérebro.

Relembrei.

Relembrei as palavras meigas de Maria do Céu para Eduardo Silva, conviva do chá de Teodoro Manfredo, daquele chá onde havia dois anos a tinha encontrado, desejado, amado...

Relembrei o encontro da rua do Ouro, o encontro que dera origem, seis meses antes do nosso casamento, ao primeiro conflito.

Depois vieram factos, episódios mais recentes.

Factos, episódios até ali desper:ebidos, até ali sem importância e agora juntando-se, ligando-se, unindo-se para a culpar, para a comprometer.

Olhares e sorrisos, distracções e gestos, tudo, tudo quanto pode fazer duvidar da fidelidade de qualquer mulher.

Certa noite, fôra poucos dias após a nossa chegada, resolvemos ir cear à *Ermitage*.

Entramos.

O Jazz-Band acabava de executar um fox-trot.

Na sala tudo era animação, alegria e luxo.

Perto da nossa mesa, uma polaca, estrela de cinêma, era tôda ela um *film* vivo e movimentado. No *écran* de sua face bailavam bailados orientais rubros de volupia e tentação as pupilas negras de seus olhos. Comia ostras a polaca e sorria para o companheiro, um italiano de face melancólica e pronunciadamente moreno. Ao olhar, ao falar, ao gesticular tôda ela tomava atitudes. Atitudes rítmicas, cadenciadas, hieráticas como se estivesse filmando qualquer super-produção histórica.

Por minutos, embevecido, contemplei aquela creatura escravisada pela profissão, dando-se-lhe de corpo e alma, a ponto de nela todos fàcilmente descobrirem uma atriz da sétima arte.

Mais para deante americanos e inglezes bebiam champagne e riam quási alvarmente.

O Jazz-Band continuava incansável e enlouquecido.

Eu estava agitado, febril.

Bebera vinhos diferentes e alguns cálices de licor e, ou fôsse pela mistura ou pelo ambiênte

abafado e cheio de fumo dos mais variados tabacos, sentia a vista embaciada e uma grande lassidão apoderar-se de mim.

Mas não estava ébrio. Não, não estava. A causa dêste delírio eram os nervos, os meus nervos de excitado, de doente.

Fiz um enorme esfôrço sôbre mim.

Esfôrço quási sôbre-humano, que hoje, estou certo, seria incapaz de tentar e muito menos de com êle alguma coisa conseguir.

Olhei Maria do Céu.

E mais do que nunca (efeito dos meus sentidos em desordem), ela me pareceu linda, beleza perfeita na qual tôdas as linhas, todos os traços e todos os contornos possuíam a harmonia, a graça, e a sedução das maravilhosas estátuas clássicas.

Nos lábios pairava-lhe imperceptível sorriso. O sorriso da felicidade segura e certa. Nos olhos tremelusiam-lhe vivos clarões. Os clarões da esperança e da confiança na vida e no futuro.

Levado por impulso amoroso procurei-lhe a mão e premi-lha docemente.

Ela soltou um — ah! — como se a surpreendesse, como se fôsse um atrevimento, como se eu não tivesse o direito de lhe prodigalisar aquela carícia.

Fiquei aborrecido, mal disposto.

Maria do Céu parecia-me esquecida, indiferente... longe de mim.

Meus olhos circumvagaram tôda a sala, desejosos de descobrirem o motivo que prendia a atenção de minha mulher, a ponto de se impressionar com os meus afagos.

E então vi, numa mesa afastada, um rapaz

de fato escuro, tipo de português, fitando-a insistentemente, provocadoramente, sem lhe perder o mínimo gesto, observando-a, analizando-a, sorrindo-lhe, como se há muito a conhecesse, como se entre os dois alguma coisa houvesse existido.

Senti a garganta apertar-se-me, as mãos enclavinharem-se-me, o coração lançar-me o sangue às faces e irritado, fiz-lho notar, sem preâmbulos, sem rodeios, brutalmente.

Fiz-lho notar para vêr se ela se denunciava por qualquer gesto, mudança de côr, por qualquer simples palavra.

Mas Maria do Céu ficou impassível.

Olhou com certa curiosidade o indivíduo, encolheu maquinalmente os ombros e muito terna, seu sorriso tentador fendendo-lhe os lábios, declarou só eu a interessar naquele restaurante, em tôda a parte, sempre, e os outros, serem para ela como fantoches, como arlequins, sem alma, sem coração, sem sentimentos.

Rimos ambos.

Acendemos as nossas cigarrilhas... e não pensei mais no caso.

Mas agora, recordando todos estes factos, todos estes episódios, todos estes pequeninos nadas, ia-me convencendo da leviandade da minha noiva.

Sim, ia-me convencendo, e embora a vida moderna fosse por mim aceite e aplaudida em muitas das suas inovações, audácias e até exageros, uma coisa havia, bastante em voga na chamada alta sociedade, que eu não admitia,

nem para a qual encontrava, por mais que rebuscasse, justificação ou desculpa.

Era o adultério. Sempre fôra assim, sempre, e em solteiro quando os meus amigos me contavam os escândalos de qualquer mulher casada indignava-me, fulminando com o meu despreso o marido contemporisador.

Eles não concordavam com a minha atitude, citavam até casos nos quais o adultério era desculpável, mas eu não me dava por convencido e classificava-o como sendo a mais infame vilania.

E afinal, estava talvez em vésperas de ser mais uma das suas vítimas e pensava já aterrado nos sorrisinhos, nas lamentações, nas zombarias crueis que me atingiriam quando a cidade, a Havaneza, o Chiado, a rua do Ouro, soubessem dos devaneios da mulher a quem dera o nome, em cujas mãos confiara a honra.

Oh! era horrível!... horrível!

—Estás triste, Rogério,—preguntou-me Maria do Céu, olhando-me, meigamente.

Não respondi.

A luz do seu olhar fazia-me mal. Escaldava-me interiormente.

—Que tens?—tornou ela, já aflita.

E a sua voz, sua voz harmoniosa e suave, irritava-me os nervos, enfurecia-me.

Levantei-me da mesa. Ela seguiu-me.

No nosso quarto as rosas desfaleciam lentamente nas jarras de cristal.

Todo o ambiente estava impregnado do seu delicioso perfume.

Atirei-me para o sofá.

Maria do Céu sentou-se a meu lado.

Eu nem a via.

—Abafo!—gritei, levando as mãos à garganta, rebentando colérico o colarinho.

—Queres que abra a janela?—preguntou Maria do Céu solícita e intimidada.

—Abre!

Aproximei-me a passos incertos, cambaleando. Maria do Céu veio para mim, olhando-me com piedade e espanto.

Irritava-me a sua presença.

Fazia-me mal vê-la... ouvi-la respirar.

—Deixa-me.—disse-lhe, brutalmente.

—Não me queres junto de ti? Estás melhor?

—Não quero nada, não me preguntes nada.

Ela, transida, refugiou-se no fundo do quarto.

De vez em quando seus soluços feriam-me os ouvidos.

Estupidamente, com o cérebro povoado das mais tétricas ideas e ao mesmo tempo vasio de tôdas elas, contemplei o aspecto estranho e deslumbrante da cidade iluminada.

Madrugada alta, quando a bruma ligeira começou flutuando sôbre o Sena, atirei-me para uma cadeira e para ali fiquei derrotado, semi-morto.

Sucessivas vezes Maria do Céu me procurou beijar, me procurou acalmar.

De tôdas a repeli.

E assim foi a nossa décima noite de noivado.

Triste noite, noite em que começou minha desventura e martírio.

Nunca disse a Maria do Céu e tanto tempo a tive ainda junto de mim, a causa daquela insónia e daquela scena.

Ela também jámais m'a preguntou, mas a

sua intuïção, astúcia e sensibilidade tudo num relance compreenderam.

Como as nossas vidas se modificaram desde então!!

O nosso amor e mais do que o nosso amor, a nossa amizade, aquele sentimento muito de alma e do coração, feito de dignidade, de mútuos respeitos, de idênticas gentilezas e contemporisações, que deve unir sempre marido e mulher, sofreram profundo e certeiro golpe.

Passamos, insensìvelmente, sem o querermos, a ser o espião um do outro.

Eu de contínuo desconfiado, vigiando-lhe os passos, notando-lhe os mínimos gestos, parecendo-me descobrir sempre segundo sentido em tôdas as suas frases, velada curiosidade em todos os seus olhares.

Ela temendo a repetição da scena daquela noite, e por isso mesmo calculando e medindo as palavras, encobrindo as ideas, adulterando os desejos, reprimindo as expansões, dissimulando os sorrisos.

Estavamos mal frente a frente.

Era como se entre nós existisse qualquer coisa.

E essa qualquer coisa não nos deixava aproximar, não permitia que nossas almas sincera e abertamente comunicassem.

Olhava-a, e meus olhares eram como punhaladas.

Ela beijava-me, acariciava-me, mas seus beijos não eram eguais, suas carícias não se assemelhavam às dos primeiros dias do nosso noivado.

As nossas conversas ficavam às vezes em meio, cheias de reticencias, de pensamentos le-

vemente esboçados, de confissões horríveis, dolorosas, de intenções reservadas, assustadoras.

Nos teatros, nos cinemas, nos dancings, nos restaurantes, fôsse onde fôsse, não me podia dominar e fitava a minha mulher desconfiado, sombrio, desejando preguntar-lhe se o homem que se sentara a seu lado, o que por nós crusara, o visinho, o mais próximo, lhe fazia a côrte e se ela lhe correspondia.

A maior parte das vezes sobrevinham-me ânsias inauditas, epilépticas, quási indomáveis de a agredir primeiro, de a repudiar depois.

Desgraçada situação a nossa! Desgraçada e irremediàvel.

Pouco a pouco a sinceridade de Maria do Céu, transmudou-se em hipocrisia e em mentira.

Embora lutasse com ela própria e hoje estou convencido que lutou, que em sua alma se deu medonha conflagração entre os sentimentos generosos e os perversos, era quási, por instinto de defesa muito humano, levada a assim proceder para não irritar o meu génio e sobretudo para me não espicaçar o ciúme.

Fui eu que a obriguei a ser hipócrita.

Fui eu que a obriguei a mentir.

Eu, só eu.

Roubei-lhe tôdas as virtudes.

Destruí-lhas.

Aniquilei-lhas.

Tinham-me entregue uma creança ingénua, meiga, bondosa, creança que podia ter amado serena e confiadamente. Dessa creança, tôda ela inocência e ternura, fiz uma mulher frívola e banal.

Pouco a pouco mutilei tôdas as esperanças de sua alma, pulverisei tôdas as ilusões e sonhos de seu coração.

Do oceano calmo da nossa felicidade tam radiosamente anunciada, fiz um pélago de misérias, de ruins pensamentos, de torturante ciúme, ao qual atirei as virtudes que esmaltavam os nossos sentimentos.

Desbaratei estùpidamente os dias de amor que podia ter gosado e quando deles mais não restava do que o traço doloroso da lembrança, deixei ir também na mesma senda de perdição a amisade que nos unira, a comunhão de ideais que nos juntara.

Quando à minha frente apenas vi destroços, campos talados de ventura, tentei recuar, mas já era tarde, muito tarde, estava já perdido o verdadeiro sentido da vida.

Pobre Maria do Céu!!!

Pobre creança e pobre vítima, o destino tem ironias pavorosas e injustiças crueis.

Se não fôsse assim, jámais tu terias sido sacrificada, e talvez hoje gosasses com outro a paz, a felicidade, a alegria e o amor. Sim, eu não era o homem a ti destinado.

Só por ironia, só por injustiça, foi que me pertenceste.

E afinal para quê, meu Deus, para quê?

Para encontrares primeiro o sofrimento e depois a morte.

Curvêmo-nos ao destino.

Deixêmo-nos avassalar, enrodilhar por sua bruta asa.

Estava escrito que havia de ser o teu carrasco.

*
* *

Semanas volvidas, já cansados de Paris, saímos para a Itália.

Desembarcamos em Nápoles por uma noite tépida de maio.

A doçura do céu napolitano, a belesa sem egual da primavera, o enebriante perfume das flôres, levemente pairando nos espaços cerúleos, o azul imaterial da baía confundindo-se com o azul puríssimo do céu, tudo isto, tôda a maravilha e encanto, tôda a poesia e tôda a suavidade acalmaram-me a excitação dos nervos, desanuviaram-me o cérebro.

Sorria meigamente à minha noiva, e meu sorriso era uma súplica de reconciliação que desejava que ela entendesse e lhe comovesse a alma.

Mais tarde, alguns dias volvidos, Roma imponente e grandiosa revelou-se-nos no esplendor de seus mármores, na majestade de seus palácios e templos, no deslumbramento de suas riquesas artísticas.

Então, nessa cidade de misticismo e de sonho, meu espírito ascendeu às regiões puríssimas da fé.

Visitando as catedrais, ajoelhando contrito nos altares resplandecentes de oiro, sob o olhar terno e piedoso das Madonas, perdendo-me na soturnidade dos claustros gelados e desertos, tateando na escuridão impressionante das catacumbas, minha alma apasiguava-se e meu coração rejuvenescia liberto dos maus desejos e dos ruins instintos.

Em Roma, pátria dos maiores artistas do

universo, cidade do silêncio e das sombras misteriosas, dos cardeais solemnes, das princesas hieráticas, das lindas mulheres em cujas veias parece ainda correr o sangue ardente de Lucrécia Bórgia, em tudo quanto meus olhos viam, procurava novo incentivo, qualquer milagre que tornasse o nosso amor como êle tinha sido, que o tornasse, sendo possível, mais puro, mais bondoso, mais espiritual, mais calmo.

E Maria do Céu compreendia o meu desejo; à minha vontade tentava ela corresponder, realisá-la; mas entre nós inexorável, imutável, irremovível permanecia o divórcio espiritual e moral.

Permanecia o ciúme, o meu ciúme, a recordação tristíssima daquela noite de Paris, impedindo que nos amassemos franca e confiadamente.

Não mais tivemos um para o outro as expansões, carícias e confidências, que nos haviam unido e feito quási felizes.

Ofendera aquela mulher. Ofendera-a com a minha estupidez, com a minha grave suspeita.

Quebrara-lhe o sentimento de respeito por mim e por ela própria.

As almas das mulheres são delicadas em demasia. As suas sensibilidades fàcilmente irritáveis para receberem semelhantes golpes.

Para os receberem e para os esquecerem.

E Maria do Céu jámais esqueceu.

A noite de Paris ficou gravada a fogo na sua memória, mais no seu coração, mais ainda, na sua alma.

Ela não esqueceu. Nunca esqueceu... não podia nem devia esquecer.

Aproximava-se o nosso regresso a Portugal.
Numa tarde cinzenta e triste abandonamos Roma.

Aquele melancólico crepúsculo envolvendo tôda a cidade como véu de luto, abateu-se também sôbre minha alma, e desde então jámais nela rebrilhou, resplandeceu a claridade de qualquer ventura, alegria, sonho ou ilusão.

Jámais!

Comecei morrendo também lenta e ingloriamente, como morria o sol por detrás dos mármores incorrutíveis e gelados da cidade eterna.

Até que um dia... mas continuemos.

VII

Tres anos rolaram sôbre o meu casamento.

Tres anos lôbregos e imensos dominados sempre pelo espectro do ciúme.

Tres anos infindáveis de constantes e recalcados martírios, em que cada dia mais e mais me separava de minha mulher.

Ao findar do terceiro, por dezembro áspero e desolado, de novo a garra cruel da adversidade me feriu em pleno peito.

Perdi meu pai.

Seja-me lícito render aqui simples, mas comovido preito, à memória daquele verdadeiro homem de bem, cujos últimos anos de existência miseràvelmente escureci de desgostos e povoei de apreensões sôbre o meu futuro.

Meu pai ficara a viver comnosco e as maneiras rudes, às vezes desabridas, como, após o nosso regresso do estranjeiro, tratava minha mulher, a aversão que lhe tinha e a qual não

procurava dissimular, o divórcio moral entre nós estabelecido e denunciando-se, transparecendo nas mais pequenas e insignificantes coisas, enchiam-no de mágua e de inquietação.

Quando minha mulher se acercava de mim, logo êle vinha para junto de nós, não perdendo uma só das minhas palavras, dos meus gestos, qualquer expressão da minha fisionomia. Maria do Céu era-lhe estremamente simpática e êle queria-lhe como filha.

Acariciava-a, sorria-lhe indefinivelmente.

Havia grandes diálogos entre os dois e de quando em vez meu pai suspirava e os olhos vidravam-se-lhes de lágrimas.

Ela carinhosa preguntava:

—Então, por que chora?

—Recordações, minha filha—respondia êle comovido.

E calava-se.

Suas pupilas amortecidas dir-se-iam já estarem contemplando os humbrais dum mundo novo, mundo melhor, mais perfeito e mais virtuoso.

Todo o seu espírito concentrado no dolorido reflexo dos olhos embaciados, parecia já vaguear noutra região para além da vida.

Naquelas regiões desconhecidas e misteriosas das quais as almas dos justos avistam horrorisadas o degladiar selvagem e feroz dos vivos, entre interesses, perfídias, ambições, entrelutas mesquinhas e ignóbeis.

Naquelas regiões para lá das esferas conhecidas, nas quais em letras de oiro ou de sangue está escrito o destino de cada um de nós.

E meu pai, dir-se-ia nessa percepção, ex-

periência e conhecimento, que todos os velhos possuem da alma humana, descobrir o meu futuro e *vêr* tôda a tragédia que fatalmente me havia de aniquilar. Maria do Céu afagava-lhe os cabelos brancos. Aquecia-lhe, ao contacto das suas, as mãos semi-geladas. Preparava-lhe guloseimas. Inventava mimos e era então de vêr a alegria quási infantil do velho e a sua face tôda iluminada, tôda transfigurada por sorrisos de bondade e de reconhecimento.

Mas, como nuvens negras de mau presságio, as lágrimas silenciosas e irreprimíveis, vinham sempre ofuscar as alegrias e os sorrisos.

Tôda a ternura do coração de Maria do Céu, a sua afectuosidade, os sentimentos castos e nobres que me tinham captivado e me haviam prendido, refloriam agora com exuberância, mas exclusivamente dedicados a meu pai.

Quando eu chegava, Maria do Céu recebia-me friamente. Para mim, suas palavras eram banais, indiferentes. Para mim, seu olhar inexpressivo e morto. Sua bôca não sorria, seu coração não se manifestava, sua ternura não me acalentava, seus braços não me acolhiam. Eu era o intruso, a creatura incómoda e nefasta. Meu pai olhava-me profundamente, e parecia-me dizer do íntimo da alma, com tôda a veemência:

—Tu és o culpado, o único culpado.

E era. Sabia que o era. Tinha a consciência de que o era. Mas não podia reprimir os meus instintos, abafar a desconfiança, recalcar o ciúme.

Terrível, rancorosa inveja queimava-me as vísceras. Era como fogo interior, impossível de suportar, destruindo-me, calcinando-me os últimos resquícios de bondade, de purêsa e de honra.

Invejava meu pai.

Invejava-o por me ter roubado o carinho de minha mulher e nem sequer reflectia que tinha sido eu o causador daquele estado de coisas, o obreiro inconsciente do meu próprio sofrimento.

Surgiu-me imperiosa vontade, enorme curiosidade de saber, de conhecer as suas conversas, as suas confidências, as opiniões mutuamente trocadas.

Escondia-me por detrás das portas, dos reposteiros, em qualquer canto propício.

Havia palavras para mim torturantes, como suplício inquisitorial. Frases que chibatavam cruelmente a minha sensibilidade.

Períodos, exclamações que quási me impeliam para êles numa ânsia desvairada de os insultar, de os expulsar da minha intimidade... de os matar.

De os matar?! Palavra terrível, pensamento tenebroso! Mas para quê negá-lo, para quê escondê-lo, de mais hoje que tudo passou, que tudo se consumou. Não sei de quem herdei esta tara infamante de assassino... não sei... não sei... não sei!! Mas o que é certo, infelizmente certo e verdadeiro, é que nunca lhe pude fugir, aniquilá-la, vencê-la.

Escondido em minha própria casa, ouvia as conversas daqueles dois entes e para me calmar, para não me deixar possuir por completo pelo meu instinto, refugiava-me no atelier, procurando no trabalho distracção e esquecimento.

Impossível.

O pincel caía-me das mãos, uma grande molêsa invadia-me e um mal estar poderoso, insuportável, apoderava-se de mim; os nervos

amortecidos mal me sustentavam de pé e aquelas palavras, aqueles diálogos matraqueavam-me o cérebro incessantemente.

—Oxalá sejas sempre feliz—dizia-lhe meu pai.

—Porque não o hei-de ser?—preguntava Maria do Céu em voz velada.

—Tenho tanto receio do génio do meu filho... Obedece-lhe sempre, Maria. Faz o sacrifício de lhe obedeceres em tudo. Será um preito à minha memória—redarguia meu pai, acabrunhado.

Que quereria êle dizer com isto?

Que estranhas palavras eram estas?

Que sabia êle, para assim falar?

Oh! como me deprimiam, como me revoltavam aqueles conselhos! Como aquilo era contraproducente e só servia para mais irritar o meu modo de ser, para mais me exacerbar o ódio e o sofrimento.

Quando êle morreu pode bem dizer-se que senti um grande alívio.

Estava livre, livre, podendo dar rédea larga aos meus instintos.

As suas últimas palavras foram para mim, ao mesmo tempo, aviso e súplica.

Aviso e súplica que em breve para meu mal esqueci.

—Rogério, sê sempre um homem de bem!

E seu olhar amortecido fixou-se em Maria do Céu.

Ela chorava. Compungidamente chorava.

Meu pai apertou-me com fôrça a mão como a dizer-me que tivesse compaixão dela, que a respeitasse.

A dispneia tornou-se-lhe mais rouca, mais aflitiva. Estremeceu num último estertôr, o suor glacial perlou-lhe as fontes, os olhos embaciaram-se-lhe, a cabeça decaíu-lhe. Morrera.

E agora, morto querido, eu que desprezei os teus conselhos e me tornei um scelerado, um criminoso, ente indigno de usar o teu nome sem mácula, agora eu para quem a vida é cruciante sofrimento sem uma hora tranqüila, sem um dia sereno e calmo, desanuviado e límpido, ajoelho contrito no teu sepulcro, suplicando-te que me perdoes.

Perdão para êste filho degenerado, para êste homem violento, para êste assassino impune que não quiz e não soube educar o seu carácter ou pelo menos seguir teus nobres e dignos exemplos.

VIII

Após a morte de meu pai, mais se escancarou o abismo que me separava de Maria do Céu. Se até então recìprocamente guardávamos as conveniências e nos procurávamos dominar, era pelo respeito que nos merecia o pobre velho.

Depois não.

Depois absolutamente livres, podendo exteriorisar os sentimentos represos em nossas almas, mostramo-nos tais quais éramos.

Eu, com todo o meu despeito, tôda a minha desconfiança, todo o meu ciúme.

Maria do Céu cansada, esgotada, nervosa por tanto ter sofrido sem um queixume, num silêncio que devia ter sido atroz.

Oh! como ela estava diferente!

Que estranha mudança nela se operara!

Seus olhos chispavam clarões de cólera.

Os modos eram bruscos, as palavras sacudidas, os gestos irritados.

Detestava-mo-nos.

Era impossível tornarmos a ser o que havíamos sido.

Voltar ao princípio.

Regressar às planícies viçosas da nossa fugaz ventura.

Nada nos apasiguaria.

Nada nos reconciliaria.

Tôdas as moléculas, todos os fios, todos os átomos, pequeninos nadas, delicadezas mútuas, meiguices comuns do nosso amor, da pura essência do nosso amor, se haviam dissipado, quebrado, perdido.

Tinham-se mudado os nossos sentimentos.

Assim, o que ao princípio fôra simpatia e atracção, era agora enfado e afastamento.

A ternura tornara-se quási em ódio.

A amisade, se amisade houvera, transmudou-se por completo em indiferença e em ciúme.

Ciúme cruel que me dominava e indiferença por parte de Maria do Céu. Situação esta insustentável e horrível.

A vida era para mim deserta, vazia de sentido, de beleza e de valor.

A minha sensibilidade artística ia cada vez mais em apavorante declínio. Não possuia qualquer ideia nobre, qualquer scentelha aproveitável ou inspiração original. Olhava à minha volta e era o vácuo. O vácuo arruinando-me, asfixiando-me. Tudo para mim era nebulosa e treva. Nebulosa enregelando-me os ossos, paralisando-me o sangue, não me deixando vêr o caminho, o sol, a luz, a vida.

Treva na qual vagueava perdido, desnor-

teado, sem me poder libertar de sua esmagadora, perniciosa influência.

E, quer nas brumas ensombreando meu existir, quer nas trevas, no seio das quais minha alma se debatia, um espectro gigantesco, avassalador e monstruoso surgia, permanecia e era constante: — *O Ciúme.*

O ciúme por Maria do Céu. O ciúme por minha mulher, por aquela mulher que era minha e comigo compartilhava do mesmo leito, da mesma mesa e usava o meu nome sem mácula.

Cada dia, cada hora, cada minuto evolando-se, perdendo-se, eram outros tantos condutores de martírio, de angústia e de sofrimento.

As mais pequeninas coisas, os factos triviais da vida, eram para mim terríveis suspeitas e conseqüêntemente indiscritíveis suplícios.

A alma humana a tudo se habituando e a tudo se adaptando, nunca se verga nem nunca se doma quando é açoitada por qualquer sentimento violento ou por uma espécie de enfermidade moral, ainda não psicologicamente definida, que despóticamente a invade e a domina.

Este caso deu-se comigo. Embora tivesse feito esforços inauditos e puzesse em prática as mais diversas tentativas, jámais pude afastar para segundo plano a minha doença, o meu ciúme.

E assim o ciúme foi-se tornando o algoz, o inquisidor da minha alma.

E a minha alma cansada, exausta de sofrer, em vão procurava desenvencilhar-se do fantasma negro, do fantasma hediondo nascido para a torturar.

Mas tudo era inútil, tudo.

O ciúme fazia já parte integrante do meu ser.

Vivia a minha própria vida.

Alimentava-se do meu sangue.

Era um vampiro sorvendo-me, destruíndo-me tôdas as energias, obrigando-me a penetrar nas mais lôbregas cavernas da desesperação e da dôr.

Dominado por êle tornei-me um homem horrendamente inferior. Homem sem vontade, sem energia e sem fé.

Passava as tardes como qualquer inútil encostado aos humbrais das tabacarias e das casas de chá, vendo nos passeios mover-se a multidão para mim indiferente e quási inimiga. Á hora em que a electricidade se acende e a cidade se anima de dactys, costureiras galantes e artistas pobres e sonhadores, ia como sonâmbulo, como náufrago pelas ruas, pelas avenidas, relembrando os bons tempos passados, aquêles tempos em que eu era como êles anónimo, mas feliz e alegre.

Intensa, dilacerante saúdade invadia então minha alma.

Tivesse ficado solteiro, livre, e a vida ter-me-ia sorrido, todos os meus sonhos e ambições se haveriam realisado.

Assim não.

Assim era como condenado às galés em vão procurando desfazer-se do ferro aviltante, insuportável, que lhe tolhe os movimentos.

Comparava a minha existência sem socêgo, cheia de suspeitas, de mudos rancores, à vida fácil, despreocupada, polvilhada de novidades, de sensações e de aventuras deliciosas dos meus camaradas e chegava à triste, à cruel, à desola-

dora conclusão que havia errado o caminho e atraiçoado o meu ideal.

Pasmava de mim próprio.

E ao interrogar-me na solidão dos meus dias, ao interrogar-me interiormente, por mais esforços que fizesse, por mais fortes pressões de raciocínio a que obrigasse o cérebro, não chegava a compreender como de ânimo leve, sem estudar a minha psicologia e feitio, sem consultar friamente a minha inteligência, casara com Maria do Céu.

E para quê? Para quê, afinal?

Para fazer de duas vidas, que podiam ser serenas, calmas, talvez proveitosas, um martírio e um horror.

Quando entrava em casa para jantar ia doente e mal disposto.

Maria do Céu acolhia-me indiferente. Quási não trocávamos palavra e a nossa refeição era triste, pesada, funérea, como a de duas pessoas que intimamente se odeiam, são inimigas e por um conjunto de circunstâncias, se vêem forçadas a permanecer juntas.

Um suplício.

Suplício infernal, roubando-nos a alegria de viver.

E nós assim passamos dois, tres, cinco, sei lá quantos meses, até que certo dia, já terminado o luto por meu pai, já muito próximo do estio, cautelosamente, Maria do Céu tentou a reconciliação. De facto, em boa verdade, lògicamente mesmo, nada de positivo e de real existia entre nós que daquela maneira nos separasse.

Nada existia e Maria do Céu com os olhos cheios de lágrimas, a garganta embargada de soluços, numa scena patética, teatral, jurou-me, demonstrou-me, provou-me a sua fidelidade e a injustiça de minhas suspeitas.

Notara, compreendera há muito o meu ciúme e sem o temer nem dêle se arrecear, achava-o enfadonho, terrível, origem de todos os males, de todos os infortúnios e, além de injustificado, ridículo, impróprio de mim, do meu carácter, da minha inteligência.

Falou-me, como só o sabem fazer as mulheres de apurada sensibilidade.

Expoz as suas razões. Invocou a minha consciencia, e as suas palavras, os seus gestos, a sua voz tinham tanto calor, tal fôrça de convicção, tal poder de sedução, traduziam tam grande e sincera e indignada revolta, que eu fiquei em frente dela abatido, vencido, tornado um manequim, pronto quási a pedir-lhe que me perdoasse, que tivesse piedade de minha alma doente.

Sentia-me dominado.

Dominado pela primeira vez na vida e para a tortura ser maior, como sôpro de desolação e de cataclismo, passavam repentinamente pelo meu cérebro febril as recordações infelizes da nossa viagem de núpcias, dos olhares surpreendidos, dos sorrisos descobertos.

Estive para lhos atirar à cara, para lhe dizer, para a esmagar perante aquelas provas, mas elas eram insuficientes, inconsistentes e até um pouco infantis.

Recalquei.

Procurei esquecer tudo.

Todo o passado, tôda a estrada negra dos anos de amargura.

Pouco e pouco recuperei as minhas faculdades de trabalho.

Andava satisfeito por me ter vencido, por ter dominado as paixões, o terrível ciúme.

Tornamos quási a ser o que havíamos sido, depois de tanto tempo de afastamento e de indizível angústia.

E o meu amor, o meu imenso amor refloriu mais forte, mais belo, mais puro, em ressurreição miraculosa, quási divina.

Estávamos cansados de sofrer, cansados de nos detestarmos sem sabermos bem porquê. Iamos agora de novo à descoberta de nossas almas, de nossos sentimentos, simpatias e desejos.

Uma vida nova polvilhada de encantos, de prazeres e de carinhos, aureolada pela comunhão de pensamentos e de gostos, se nos oferecia.

E quer eu quer Maria do Céu procuravamos sofregamente gosá-la com receio de que ela nos fugisse, desaparecesse sem mesmo nos dar tempo a conhecê-la bem, a nela nos instalarmos.

Mas, ao mesmo tempo que nossas almas se reconciliavam e uma grande aleluia de amor as unia e aproximava, também, desgraçadamente, o ciúme, o abutre negro do ciúme se erguia mais dominador em mim, dilacerando-me com suas brutas garras, na proporção directa do meu renascido amor.

É fatal, é uma lei inapelável esta do homem jámais se poder libertar dos instintos com que nasceu e aos quais por sua culpa não impediu o caminho no momento em que êles começaram a dominá-lo.

Miseràvelmente se perdem e adulteram as mais belas e refulgentes virtudes.

Elas que deviam ser eternas, imarcessíveis, passar de pais a filhos, de espírito a espírito, de alma a alma, abandonam-nos fàcilmente, e uma vez perdidas, nunca, nunca as reencontramos em sua primitiva pureza. Dir-se-ia que o mundo, a sociedade, as desilusões e também o nosso orgulho as maculou e as prostituiu. O ladrão, o réprobo, o assassino, embora regenerados, conservam sempre instintiva propensão para o roubo, para o sacrilégio, para o crime. As taras humanas, sejam de que espécie forem e tragam a origem que trouxerem, podem-se aplacar, educar até por inauditos esforços de vontade e de perseverança, mas nunca se consegue, por maior fôrça moral que empreguemos, suprimi-las e aniquilá-las.

E é afinal a impossibilidade de nos libertarmos de nossas enfermidades psíquicas, umas de ordem sentimental, outras de ordem moral e ainda outras de ordem intelectual, que transformam uma vida outrora serena e calma em tragédia indizível, com todos os seus momentos de desânimo, dias de tortura e noites apavorantes de insónia.

Cada alma traz em si, prontos a revelarem-se e a dominar por completo à mínima causa, os gérmens de sua própria perdição, capazes de vencer — extinguindo-a de vez — a chama creadora alimentada por todos os sentimentos bons com que o homem é dotado na sua origem por Deus.

Contudo, êsse fogo divino consegue-se revigorar e fazer scintilar em todo o seu es-

plendor, pela fé, pelo estudo e pela fôrça de vontade.

Por um abdicar de interesses, esquecer de injúrias, perdoar de agravos, pelo justo equilíbrio entre a moral e a inteligência, pelo nítido conhecimento dos factores psicológicos, emfim por um conjunto de qualidades muito raras e só possíveis de encontrar nos homens superiores.

E eu, infelizmente, não sou um homem superior. Se o fosse logo que o aspide envenenado do ciúme me feriu, arrancá-lo-ia, se podesse, e se isso me fosse impossível separar-me-ia de minha mulher, libertando-me e libertando-a.

Libertá-la?!

Oh! não, nunca.

Só a ideia de a saber livre, satisfeita nos braços de qualquer outro, rindo e chasqueando talvez de mim, só esta ideia de leve esboçada, em sombra aflorando ao meu cérebro, me enchia de pavor, de irritação e de cólera.

Não, não.

Libertá-la nunca.

Queria-a ali, sob o meu domínio, prisioneira, submissa, passiva, pronta a acolher todos os arroubos amorosos ou a suportar todos os insultos.

Não era ela pertença minha à face de Deus e dos homens?

Não ma tinham entregue por tôda a vida, para sempre, com a obrigação de a sustentar, de a vestir, de lhe dar o meu nome, a minha casa, o meu dinheiro?

Não ma haviam confiado sem condições e sem restrições, convencionando ser ela a minha companheira, a minha confidente nos bons e maus dias, na prosperidade ou na miséria, na

glória ou no anonimato, na ventura ou na adversidade?

Não era ela a minha mulher?

Era, e eu amava-a.

Amava-a, sim, é certo, mas o meu amor era tam cego, tam apaixonado, tam delirante, que pouco a pouco com a intensidade de seu fogo, com a violência de seu ardor, foi queimando, destruindo, aniquilando tudo quanto de suave, de puro e de caricioso nele existia.

Louco, doentio, impróprio mesmo do nosso tempo, êsse amor, ultrapassou as fronteiras da sentimentalidade e tanto, tanto se elevou, tanto subiu além das regiões normais que caíu cansado e exausto no inferno do ciúme. E as labaredas do ciúme envolvendo e levando ao rubro o meu amor, a minha paixão por Maria do Céu fizeram-me esquecer tudo, despresar tudo, modificaram as próprias e imutáveis leis da lógica, arremessaram-me ao baratro do desespêro, tornando quanto em mim de bom existia em lama, em ódio, em desconfiança e em perversidade.

Pode-se ser mais desgraçado?

Pode-se descer tanto na escaleira moral?

Pode assim qualquer homem tornar-se num ente despresível e ridículo?

Eu julgava que não e quando me convenci dos estragos que o ciúme em minha alma e em minha inteligência estava fazendo, tentei defender-me, tentei retroceder, mas foi-me impossível.

Estava intoxicado.

Estava prisioneiro.

Estava perdido no labirinto negro e ensangüentado que conduz às maiores catástrofes íntimas e às mais deprimentes acções.

Porém o ciúme, como tudo quanto existe no mundo, precisa de motivo ou de justificação e assim eu, nos intervalos da doença, nos curtos momentos de raciocínio, naquêles fugitivos instantes em que me encontrava completamente lúcido, pensava e via ser indispensável encontrar na vida de Maria do Céu, qualquer homem... um amante.

As nossas relações mundanas estavam interrompidas havia meses, por causa do falecimento de meu pai, e dos camaradas que me costumavam visitar não tinha a mínima suspeita.

Entravam directamente para o meu atelier, e era eu mesmo que os acompanhava à saída, receando qualquer encontro pelos corredores com minha mulher, qualquer carta ou galanteio.

Ás vezes Maria do Céu lendo os seus nomes nos jornais falava-me de um ou outro e embora com mil cautelas, com inúmeras astúcias, profundasse e prolongasse a conversa na ânsia de descobrir qualquer simpatia mais acentuada, bem depressa, desoladamente, me convencia estar caminhando em terreno infrutífero. Ou nada existia ou o poder de dissimulação daquela mulher era extraordinário.

Então o ciúme começou a dizer-me, a segredar-me, a insinuar-me, serem tôdas as expansões amorosas de Maria do Céu falsas e estudadas. Uma maneira simples, idiota de me desnortear, de me distrair. Uma máscara.

Máscara ignóbil de hipocrisia e de cinismo.

Ela tinha um amante, o meu ciúme confidenciava-me que ela tinha um amante.

Sim, não podia deixar de o ter, e êsse

amante, êsse homem possuia-a, gosava-a, amava-a e era amado.

Precisava de o descobrir.

De o descobrir para justificar o ciúme, para o acalmar, para o aplacar.

E abandonando tudo, esquecendo tudo, cautelosa e cuidadosamente, lancei-me à busca do hípotético rival.

Os fados protegiam minha mulher. Os fados protegem quási sempre os delinqüêntes.

Aproximava-se o mês dos crepúsculos roxos.

Aproximava-se o doce e calmo setembro. Partimos para uma praia do norte. Fomos alegres, confiados, satisfeitos; mas de quando em vez meu rosto toldava-se, minhas mãos enclavinhavam-se, minha alma tinha assomos de violência.

Não me podia dominar, não podia dissimular.

E Maria do Céu olhava-me então com tal agudeza, tal fixidez, tal ironia, que me fazia empalidecer de raiva, de cólera e de desespêro.

IX

Com que alegria e esplêndida disposição abri na manhã seguinte à da chegada a janela do nosso quarto sôbre o mar. Uma lufada de ar fresco, muito puro, muito fino, entrou no aposento, levando à sua frente as essências artificiais usadas por minha mulher e enchendo-me os pulmões, dilatando-me o peito, fazendo-me, emfim, idolatrar a vida.

Meus olhos deslumbrados mergulharam na amplidão, no azul suavíssimo do oceano. Depois, passados aquêles momentos de encantamento, observei com mais cuidado e curiosidade tudo quanto podia abranger minha retina.

E vi, num transporte e enlêvo, as ondas brancas, cristalinas, osculando a areia fulva, as barracas polícromas semelhando castelos de qualquer país ou cidade minúscula, as rochas agudas, escarpadas, cingidas pela corôa muito verde e muito viçosa das algas.

Tudo era harmonioso e puro.

Tudo continha em si tal simplicidade e tanta belêsa, que minha alma, meu espírito se deixaram ficar por muito tempo embevecidos, enamorados pela maravilha do oceano e por sua estranha atracção.

Sob a minha janela passavam agora tôdas as elegâncias da praia.

Raparigas modernas, raparigas dêste século irreverente para as quais a vida é constante carnaval.

Descobri depois Madalena Silveira, a amiga íntima de Maria do Céu.

Georgina Melcário, actriz de revista, surgiu vestida de branco, branco crème, que lhe fazia ressaltar a formosura do seu tipo de morena. Mais adeante, a condessa de Silves, muito grave, muito distinta e aristocrática, dava o braço a um rapaz novo, quási imberbe. Um grupo chamou-me a atenção. Eram tres raparigas loiras, cabelos curtos, vestidos de malha transparentes, entre as quais o velho Teodoro Manfredo conversava gesticulando e sorrindo, com grande satisfação.

E o desfile continuou.

Vi a turba dos imbecis, das nulidades, dos zeros, conquistadores afamados da cidade, todos êles com pretensões ridículas. Vinte a vinte e oito anos. Mocidade gafada. Mocidade sem ideais e sem entusiasmos. Mocidade que cada vez mais se atola no charco do materialismo contemporâneo, despresa o trabalho, ignora a honra, tem horror aos sacrifícios nobres e encostada às portas dos cafés e livrarias é bem o símbolo da nossa aviltante decadencia.

E tôda esta gente me encheu de profundo nôjo e de enorme tédio.

Olhei de novo para o largo. Olhei o oceano. E minha alma, tal como águia há muito captiva ergueu vôos para as límpidas esferas da razão e da verdade. Para aquelas esferas onde tudo se explica e tudo se compreende pela análise desapaixonada, pela observação e pelo raciocínio. Para aquelas regiões onde repousam os espíritos dos poetas e dos filósofos, dos grandes revolucionários e dos audazes pensadores.

E o mundo então afigurou-se-me coisa bem pequena e bem mesquinha. E eu um micróbio perdido na sua insignificância e esmagado pela sua miséria. Miséria que me fazia vaguear como um rei Lear pela floresta negra do meu ciúme.

E esse ciúme pareceu-me, pela primeira vez, imensamente despresível. Reagi. Lutei. E por algum tempo consegui vencer-me.

Oh! vencer-me!

Olhando o turbilhão das águas sentia-me outro. Sentia-me forte para afrontar tôdas as armadilhas do mundo e para despresar todos os seus sortilégios.

Sentia-me capaz de me apropriar da minha antiga alma, daquela alma que possuira na mocidade.

Que era o meu ciúme perante a enormidade do oceano?

Nada.

Que era o meu ciúme comparado às obras dos genios?

Lasca, grão de areia.

Que era o meu ciúme comparado ao sol? Candeia a tremeluzir sem alento e sem vigor.

E decidi recalcá-lo, pô-lo de parte, aniquilá-lo.

E assim animado, assim jurando-o a mim

próprio, examinei a indumentaria, corrigi o nó da gravata, perfumei mais o lenço e desci para almoçar.

Procurei bem disposto, calmo, socegado Maria do Céu.

Maria do Céu conversava tôda risonha com Madalena Silveira.

No grupo estavam também Teodoro Manfredo e um rapaz elegante que eu não conhecia.

Ela apresentou-nos.

—Meu marido — o senhor Aníbal Cunha. Apertamos as mãos, trocamos duas banalidades.

Êle pareceu-me afectado, mas não de todo antipático.

O almôço decorreu alegre, agradável mesmo, entre conversas simples, desataviadas, sem segundos sentidos, sem arestas.

O dia passamo-lo na sala de fumo, tomando café, queimando charutos e cigarros até à hora do chá, até à hora da abertura do casino.

O Jazz-Band, aquele Jazz-Band tão afamado, quási célebre pelas suas músicas dolentes, e pelos seus trechos sensuais iniciou a tarde com um fox-trot.

Então, olhando distraído para os pares revoluteando na sala, vi entre êles Maria do Céu dançando com Aníbal Cunha. Dançando com aquele homem que era quási um desconhecido. Dançando febril, entusiasmada, sem me ter consultado, sem nada me ter dito. E, coisa curiosa, não me impressionei, não me irritei, não senti ferir-me a garra do ciúme.

Coisa curiosa e singular. Eu que até ali não podia vê-la sequer dirigir os olhos para qualquer homem sem me sentir roído e martirisado pela

emulação amorosa, via-a nos braços daquele e achei natural e vulgar.

Não eram, por acaso, minha mulher e o meu ciúme motivos inferiores comparados à grandeza do oceano, à poeira das estrêlas, aos langores dos crepúsculos e às colorações radiosas das madrugadas?

Eram.

E não era eu, sobretudo, acima de tudo, um artista a quem o ciúme mesquinho, por banal e por burguez, não devia interessar ou preocupar.

Era, sim, era.

Ali, junto do oceano, sentia bem, tinha a perfeita intuïção, a completa compreensão da nobreza, da superioridade e da magestade da minha Arte.

Pensando nisto, convencendo-me disto, foi de bom grado que acedi ao convite de Teodoro Manfredo para com êle tomar chá na espaçosa varanda sôbre o oceano.

Saí do salão, calmo, socegado, sem me importar com o que nêle ia e sentei-me junto de Teodoro Manfredo, do mestre querido, do inegualável e ilustre pintor.

Tomamos chá.

Trocamos impressões sôbre a nossa arte, discutimos as novas tendências da pintura, as tendências pronunciadas para o cubismo e para o futurismo da novíssima escola, da qual eu era, a esse tempo, acérrimo defensor e incansável propagandista.

Teodoro Manfredo, por educação e por temperamento apegado às velhas fórmulas e cultor da técnica clássica, não concordava em absoluto, não podendo, todavia, para falar com sinceri-

dade, deixar de reconhecer nos novos processos muito de curioso e de inovador, capaz de manter com brilho uma arte nova, talvez revolucionária, mas interessantíssima. Por fim, falamos da vida moderna, de literatura e até de política.

Quando a tarde esmoreceu e as primeiras estrêlas se começaram a acender, voltamos ao salão. O Jazz-Band continuava a executar foxes, tangos e charlestons.

Dançava-se com delírio, delírio da dança moderna sensual e lúbrica, desvairada e nervosa, como bailado final sôbre as ruínas duma civilização e os destroços ainda fumegantes dum mundo condenado.

Pela manhã, na praia, tudo é calmo e simples.

Tudo tem uma candura ingénua e infantil, espécie de meiguice conduzindo-nos a outras regiões, fazendo-nos pensar na arte... reconciliando-nos com a vida.

Era exactamente a essas horas que eu saía do hotel satisfeito e cheio de inspiração, sobraçando as telas e os pinceis. Saltava do leito, deixando nêle, em suas *tépidas* delícias, *Maria do Céu* presa de sonolência e cheia de encantos sensuais. E nunca, nunca sua carne me tentou, sua carne acordou em mim o mais leve desejo. Olhava-a indiferente, olhava-a como se ela fôsse bacante sordida, gosada por mais de mil carícias. Às vezes beijava-a sôbre os lábios, mas logo me afastava, logo evitava novos afagos, como se aquele beijo fôsse um beijo de morte, beijo carregado de venenos.

Barbeava-me. Resfolegava satisfeito na grande bacia de água fria e como homem senhor do seu destino e na existência triunfante, precipitava-me pela larga escadaria do hotel.

Fóra era um deslumbramento de luz.

Fóra era um grande hino pagão entoado em unísono pelo oceano e pelas areias da praia, pelos arbustos e pelas árvores, pelo sol e pelas rochas, pelas aves e pelos insectos, por tudo quanto existe e quanto vibra e quanto faz parte da creação.

Passava pela praia cheia de alegres bandos de creanças.

Misses loiras e graciosas liam volumes de Wells, de Shaw e de Dickens, enquanto junto às águas os pequenos brincavam despreocupados e felizes.

Alguns ao vêrem-me corriam para mim, rodeavam-me curiosos, beijavam-me, sorriam-me e então recordando a minha infância, os meus pais, o coronel Mendonça, a antiquíssima Braga, tôdas as venturas e tôdas as desditas, todos os dias radiosos e os tempos ensombreados, afagava-os com imensa e sentida ternura.

Depois tomava o caminho solitário. O caminho calcurreado ante-manhã pelos pescadores humildes e às tardes pelos namorados românticos.

O caminho conduzindo ao silêncio e à solidão cujo fim era uma ante-câmara de rochas escarpadas nas quais as vagas quebravam desfeitas em espuma.

Naquêle recinto fechado, naquêle recinto ignorado, espécie de gruta e caverna, vivi os dias mais felizes da minha estadia na praia.

Vivi em comunhão directa com a minha arte, longe, esquecido, divorciado dos homens e do mundo. Muitas vezes fiquei contemplando o mar, o céu, o horisonte, e tôda a maravilha, tôda a graça e esplendor... num recolhimento, como hipnotisado. Meditava então. E esta meditação foi-me sempre útil, vantajosa e impediu-me de praticar mais cêdo o meu crime.

Meditasse eu sempre assim.

Chamasse em meu auxílio nas horas negras do ciúme, a razão e a inteligência e já hoje não andaria para aqui, como um farrapo, sim, como um farrapo, a expiar em segrêdo o meu delito sem perdão.

Mesmo se a vida moderna não fôsse uma série de mentiras convencionais e se eu vivesse fóra do seu âmbito, do seu turbilhão, Maria do Céu seria sempre para mim uma creatura imaculada, índemne da mais leve desconfiança.

Eu sentia isto.

Nas minhas horas de recolhimento, de meditação sentia isto, e tanto o sentia que o meu génio e feitio estavam completamente modificados.

Modificados?

Em tão pouco tempo é possível modificar-se assim a alma e o carácter?

Não, não estavam.

Infelizmente, não estavam.

Os antigos sentimentos jaziam apenas adormecidos.

Adormecidos pela influência do oceano.

Adormecidos pelos filtros de beleza de quanto me cercava.

Adormecidos, para despertarem mais revoltos e mais brutais.

E despertaram.

Certo dia uma cantora célebre... mas vamos por partes, vamos devagar.

Não precipitemos esta confissão.

Não a quero precipitar, não devo mesmo fazê-lo.

Jurei expurgar da minha alma tudo quanto lá existe.

Jurei e quero cumprir o juramento.

Precipitar os factos, olvidar qualquer episódio, esconder a mais pequenina nota ou scena é hoje para mim monstruoso.

Quero ser sincero ao menos uma vez na vida.

*

* *

No nosso hotel tôdas as noites se dançava.

Eu, no entanto, preferia passear pelas avenidas, tendo por companheiros Teodoro Manfredo e Jorge Vaz, médico distintíssimo, meu antigo condiscípulo e um dos meus raros amigos.

Vagueavamos até altas horas pela beira-mar e só recolhiamos quando do casino saíam os últimos jogadores. Os bailes do hotel, o Jazz-Band do club, as bailarinas dos dancings, tudo quanto era elegante e de bom tom, pouco ou nada nos interessava. Da avenida onde habitualmente dava as primeiras voltas, via, através das janelas abertas do salão, Maria do Céu ora dançando, ora em grupo, ora junto de Madalena Silveira trocando confidências e fumando cigarros.

Porém, a conversa dos meus amigos interessava-me mais do que aquilo que poderia fazer minha mulher entregue a si própria no salão.

Em boa verdade, ela procedia como as outras. Tôdas eram assim, tôdas se divertiam e anciosamente procuravam gosar o mais possível aquêles fugitivos dias.

Contudo, semelhante estado de coisas não me agradava, enchia-me a alma de negras suspeitas, o coração de dúvidas atrozes, o cérebro de pensamentos terríveis, mas como era preciso contemporisar... ia contemporisando.

Certa noite, Jorge Vaz deu-nos a grande novidade da próxima chegada ao nosso hotel da afamada cantora Sara Spengler.

Sara Spengler era uma celebridade.

Aplaudida frenética, entusiasticamente nas principais cidades europeias e americanas, dera já por duas vezes a volta ao mundo, fascinando com a maravilha da sua garganta as plateias ávidas de emoções e de originalidades. Jorge Vaz, que a ouvira primeiro em Berlim e depois em Lisboa e a conhecia pessoalmente duma pequena cidade francêsa onde tinham sido companheiros de hotel, passou essa noite a falar-nos dela, a descrever-nos sua beleza física, arte, requinte e uma ou outra de suas aventuras galantes.

Eu e Teodoro Manfredo ouviamo-lo interessados. Ela era alta, esguia, quási uma linha estilisada na qual dir-se-ia terem-se reünido tôdas as delicadas, imperceptíveis vibrações musicais dispersas, errantes pelo eter. Bastava um pequenino esfôrço, um mínimo de vontade para todos os nervos daquela mulher estremecerem, manifestarem-se em sublime exaltação artística e sua voz elevar-se harmoniosa em fugas wagnerianas, em rapsódias do mais belo e admirável efeito.

Sua garganta dir-se-ia fadada por Deus para catequisar e para extasiar.

Artisticamente, podia-se dizer ela não ter rival.

Ouvi-la era espectáculo daqueles que ficam e marcam na memória de maneira definitiva, inolvidável.

E Jorge Vaz propoz então organizar um baile no hotel em honra de Sara Spengler e no qual ela nos deliciaria com a sua arte magnífica.

Teodoro Manfredo aprovou a ideia:

— Sim, seria esplêndido. Qualquer coisa de belo.

Jorge Vaz acrescentou.

— Não tenha dúvidas. Seria uma noite memorável.

— E ela acederá a cantar? preguntou Manfredo, duvidosamente.

— Se eu lhe pedir é incapaz de dizer que não, — volveu Jorge Vaz, com convicção.

— Bem; arranje você isso e conte com todo o meu aplauso e interesse.

Eu absorto ia fumando.

Jorge, bruscamente, preguntou-me:

— E a ti que te parece?

Respondi com sinceridade:

— Parece-me que essa gente logo que lhe fales no baile aceita a ideia de braços abertos. Receio porém, que não tenha paciência para ouvir Sara Spengler até ao fim.

—Mas ela é uma celebridade e em Lisboa...

Atalhei rápido.

— Os frequentadores dos espectáculos de Sara em Lisboa eram um público de élite, um

escol, quási uma plateia de diletantes. Dêsses não encontras aqui meia dúzia.

—De acôrdo, mas apesar de todo o teu pessimismo vou tentar—redarguiu mal disposto Jorge Vaz.

E tentou.

E realizou plenamente seu desejo.

Conseguiu organisar o baile em honra da cantora e conseguiu quási o impossível—que todos a ouvissem religiosa, extaticamente.

Todos?!

Oh! não, não.

Uma creatura houve que se revolvia no forno crematório do ciúme, enquanto a voz de Sara Spengler se erguia magnífica e deslumbrante na sala.

Esse, era eu.

Eu que acabava de descobrir o homem desejado. Eu que tinha ali, junto de mim, ombro a ombro, o amante de minha mulher.

Ah! que extraordinário momento, que indescritível instante!!

Se por um lado a presença daquêle homem me indignava, obrigando-me a estorcer-me em ódio profundo e vergonha inaudita, por outro estava intimamente satisfeito, aliviado, sentindo tôdas as dúvidas dissiparem-se quási de repente, liberto enfim, daquêle pesadelo de tantos anos.

Agora faltava pouco

Agora tinha quási chegado ao fim.

Com calma, cinismo, sangue frio, sabendo dominar os nervos a tempo e com alguma astúcia tudo se me revelaria. Mas, mesmo que não me pudesse conter e por meios indirectos descobrir tudo e tudo ficar conhecendo, aquilo já

bastava para condenar à morte minha mulher.
E condenei-a inexoràvelmente naquela noite ruidosa e febril do baile e da audição de Sara Spengler.

*
* *

Quando entrei no salão fiquei aturdido.
Aturdido pela luz, pelo movimento, pela animação e também pela falta de hábito.
Raras vezes freqüentava aquêle recinto onde a sociedade se divertia e gosava.
A falta de convivência mais me irreconciliava comigo próprio e com o mundo. A ignorância de suas praxes, segredos, hipocrisias, intrigas, mentiras, de todo o seu complexo sistema, faziam de mim um verdadeiro deslocado. E confesso que foi acanhadamente, com acanhamento decerto ridículo, que atravessei o salão para cumprimentar os meus amigos e beijar a mão bem tratada de Sara Spengler.
Ela acolheu-me, sorrindo com simpatia e agrado.
Sabia-a admiradora dos artistas, de todos os artistas sem excepções e senti-me bem a seu lado, conversando com ela. Sara disse-me estar confundida com tantas gentilezas e com o acolhimento prestado.
Falou-me de Jorge Vaz, falou-me da França, da Inglaterra, da Alemanha, da sua arte e tudo isto com tal naturalidade, e simplicidade tão raras e difíceis de encontrar no sexo feminino— que fiquei encantado e admirando intimamente aquela mulher, aquela artista.
De quando em vez nossos olhos encontra-

vam-se, nossos sorrisos trocavam-se. Dir-se-ia mesmo entre nós ter-se estabelecido uma espécie de intimidade moral, de comunhão de espíritos e de ideias que nos levariam a confessar, a dizer mútuamente quanto sentiamos e quanto amavamos, quanto tínhamos por vil e por nobre, quanto era suficiente para nos elevar a alma ou para a fazer estacar aflita e desvairada perante as grandes interrogações espirituais, nas pavorosas dúvidas morais e nos esgotantes combates dos sentimentos.

Ela parecia-me completa e comodamente instalada na vida. Creatura para quem tudo no mundo abria os braços pejados de flôres, à frente da qual os obstáculos desapareciam para só ficarem os caminhos fáceis que conduzem ao apogeu, à fortuna e à glória.

Uma privilegiada!

Uma feliz!

Mas feliz consciente, sabendo gosar e apreciar a felicidade, sabendo o que queria, como queria e possuindo a difícil arte de encarreirar seu destino pelo mais calmo, agradável e sereno dos trilhos.

Ela olhando-me e sorrindo-me, procurando assuntos de interesse que me distraissem, parecia ter compreendido desde o primeiro momento que, a-pesar-de tudo, de tôda a minha inteligência vontade e trabalho, eu era um homem que não encontrára a róta que lhe servia e pela qual poderia livre e desembaraçadamente caminhar.

E efectivamente, era assim.

Porquê? Porquê?

Ignoro-o.

Pode lá qualquer ente quando chega à

edade da razão explicar o motivo, a influência estranha, o anatema pelo qual o seu caminho, o caminho da felicidade e do completo triunfo, se torce se esconde, se dificulta, levando-o ao sofrimento, ao martírio, ao incomportável e daí... daí, a uns à resignação, a outros à loucura e ainda a outros (é o meu caso) ao crime.

O Jazz-Band terminára um paso doble.

Olhei então, pela primeira vez, o salão.

Os vestidos de baile, os smokings, as joias das mulheres reluzindo acariciadas pelas luzes, o intenso perfume vogando pelo espaço, perfume embalsamador de essências caras; os sorrisos, os modos, as atitudes, todos os pequeninos nadas que habilitam a julgar e a apreciar uma sociedade me fizeram imensa impressão. Impressão de lupanar e de alcouce, impressão de bazar onde se vendiam corpos de mulheres e de quermesse final, onde em almoeda os pais e os maridos vinham trazer as filhas e as espôsas.

Ao olhar o salão, fi-lo ancioso por descobrir Maria do Céu.

Ela estava próximo, de costas para mim, sem saber da minha presença e que eu a espiava.

Conversava com Madalena Silveira, mas a sua atenção, sorrisos e interesse iam todos para um homem alto espadaúdo e forte que eu dias antes vira passeando pela praia e que sem saber porquê já notara, já me impressionara.

Uma nuvem negra cegou-me. Uma excitação nervosa imensa e indomável impeliu-me. Aproximei-me a passos lentos.

Toquei levemente no ombro de Maria do Céu. Ela, ao dar com os olhos em mim, levan-

tou-se tôda escarlate, confusa, sem poder pronunciar palavra.

Madalena tomada do mesmo embaraço imitou-a quási automaticamente. Aproveitando a confusão, o desconhecido afastou-se deixando-nos um em frente do outro, ambos suspensos, ambos fora de nós, sem presença de espírito nem coragem para qualquer explicação. Meus olhos chispavam lume. Os de Maria do Céu baixaram-se instintivamente e Madalena Silveira, já senhora de si, parecia contemplar-nos com fria e zombeteira ironia. Então vendo a palidez de Maria do Céu, temendo qualquer scena desagradável, qualquer grave escândalo, fui eu próprio que a procurei calmar. Falei-lhe brandamente, ocupei a cadeira deixada pelo desconhecido, esforcei-me por compor a fisionomia, por recalcar, por dissimular tudo quanto me ia na alma, no coração e no cérebro e esperei junto dela que Sara Spengler principiasse a sua exibição.

Maria do Céu olháva-me de soslaio desconfiada e cada olhar era uma denuncia, cada olhar era um receio.

O lábio inferior tremia-lhe imperceptivelmente, e por duas ou tres vezes me tocou no braço, como a querer dar-me ali mesmo uma explicação, uma desculpa.

Eu, intimamente, fervia, refervia de cólera e de ciúme.

Tive receio de mim próprio, receio de não me poder conter.

Levantei-me ancioso por me afastar daquela infame mulher e nesse mesmo instante a voz harmoniosa de Sara Spengler ascencionou no espaço dominando-o, enchendo-o, espiritualisando-o.

O que cantou ela nessa noite de glória? Não sei, não me lembro... não ouvi.

Faltava-me o ar. Dirigi-me para a varanda. Num grupo muito próximo de mim, discutia-se a arte de Spengler e nesse grupo havia dois olhos fitando-me de maneira insólita.

Dois olhos que me incomodavam e me torturavam.

Olhos fatais, negros, abertos, medonhos. Olhos de traição e de ódio, púpilas cujos clarões eram punhaladas, cujas scentelhas eram queimaduras.

Todo eu estremeci ao sentir-me sob aquela influência e a respiração não sei porquê tornou-se-me penosa e entrecortada.

Um grande mal estar, espécie de cobardia moral, invadiu-me, subjugou-me.

Não me sentia um homem, sentia-me um titere, um pobre diabo. Enchi-me de coragem chamei a mim tôdas as fôrças, tôda a energia da minha alma e olhei também.

Olhei e reconheci o indivíduo que encontrára momentos antes com Maria do Céu.

Oh! êle desafiava-me!!

Escarnecia-me!!

Ria-se de mim com os amigos, com os íntimos.

Contava-lhes, exagerava-lhes a sua aventura, lamentando-me com palavras e termos deprimentes.

Eu era um marido ludibriado, um parvo, um ente digno de lástima.

Vexado, corrido, atravessei meio louco o salão, sem vêr ninguém, sem mesmo saber por onde caminhava.

Atravessei corredores, subi escadas e refugiei-me no meu quarto.

O que então se seguiu foi espantoso.

O que então em mim se passou é indescritível.

Invadiu-me um mixto de revolta e de ódio.

Enorme torpor, cansaço quási senil tomou-me a princípio os nervos, mas logo depois senti-os despertar, sacudirem-me em medonha fúria epiléptica.

Se naquele momento tivesse junto de mim Maria do Céu estrangulá-la-ia sem isso me custar nada, como se fôsse a coisa mais natural dêste mundo. A minha cólera, despeito e ciúme arremessavam-me como louco contra tôdas as convenções, contra tôdas as leis estabelecidas, cegavam-me, dominavam-me por completo, fazendo de mim uma criatura selvagem, feroz, desumana.

A bôca espumava-me, os olhos saíam-me das órbitas, o coração palpitava-me desordenadamente.

Por várias vezes mordi os dedos. Mordi-os na ânsia de fazer sangue, de vêr sangue. A esta crise esgotante sobreveio um aniquilamento profundo, quebra completa de tôda a vontade, incapacidade de qualquer gesto ou acto.

Aos meus ouvidos chegavam confusos, amalgamados os acordes da música, a voz de Sara Spengler, os aplausos da assistência, os murmúrios das conversas, todos os sinais de vida, a própria canção das ondas do oceano, e até o gemer plangente do vento da madrugada.

E tudo isto ao longe, muito ao longe, ia e vinha, tornava a ir e tornava a vir, martelando-me o cérebro, impressionando-o, despertan-

do-me na alma diversos e antagónicos sentimentos.

Sentimentos de ódio e de amor, de perdão e de vingança, cercando-me de espessa sombra de estupidez ou então, despertando-me de tal forma a inteligência, tornando-a tam viva e penetrante que tudo eu naquele momento seria capaz de resolver e de compreender.

Dir-se-ia ser um sonhar acordado, espécie de delírio, no qual os nervos, tôda a minha sensibilidade ora desempenhavam o principal papel, ora se recolhiam fatigados, gastos e exaustos. E no meio desta luta estupenda, dêste horroroso sofrimento moral uma idea surgiu a princípio vaga e débil e depois mais dominadora, mais forte, até predominar por completo.

Eu sentia-a em mim, instalar-se em minha alma, subjugar-me o espírito, impôr-se-lhe e levar de vencida tudo quanto lhe era contrário e quanto a poderia inutilizar.

A idea do crime.

A necessidade de matar.

Necessidade?!

Seria necessidade? Seria o indispensável? Estaria eu naquele momento, naquela ocasião em meu perfeito juizo, na posse absoluta, completa e real de tôdas as faculdades mentais para considerar o crime uma necessidade?

Não teria sido naquela hora e em tôdas que se lhe seguiram um irresponsável?

Irresponsável?

Que de atenuantes e desculpas, mas também que de aviltamentos e de misérias morais, a palavra não encerra em si!!

Eu, irresponsável?!

Sim, talvez todos os homens em qualquer acto grave da sua vida mais ou menos o sejam.

Porém, o que é certo, o que é um facto, é que sentia a necessidade de matar.

O instinto dizia-me ser forçado a matar para obter o meu sossêgo. E não só o instinto, também o egoísmo.

Sim, o egoísmo, o egoísmo que todos possuímos, erguendo-se palpápel, vivo, enleiando-me, estendendo-me seus braços, recolhendo-me em seu fétido seio, parecia segredar-me perversamente:

Se queres ser feliz e ser livre, viver enfim, tens que fazer desaparecer essa mulher da tua existência. Enquanto ela estiver a teu lado o ciúme não te deixará olhar outra coisa senão ela, não te deixará pensar senão nela. O ciúme escravisar-te-há e tu que já és um desgraçado serás dentro em breve um palhaço, um fantoche do qual todo o mundo há-de rir e de quem tua própria mulher escarnecerá.

E eu tinha a intuïção, tinha a certeza, que tudo aquilo era verdade, que tudo seria assim.

. . . .

Aqui um parentesis.

Aqui uma pregunta aos meus semelhantes, homens como eu, vivendo no mesmo século com os mesmos ou identicos vícios, com quási igual concepção da vida e aproximada maneira de sentir.

A todos aqueles que trabalham e pensam e amam e crêem e teem ilusões, planos de futuro, estrêlas de esperança, fachos de ambição.

Qual de vós não ouviu ainda por noite de indizível tortura moral, a voz do egoísmo?

Qual? Nenhum. Sim, eu sei, nenhum.

Voz que nos tenta, nos enfeitiça e perde.

Voz que faz parte de nós próprios e se ergue quando menos o esperamos para nos chamar à vil realidade, ao verdadeiro interesse da vida. Voz feita de maravilhas, de miragens côr de rosa, de vizões de outro mundo, de palhetas de oiro, de chuveiros de joias, de sonhos, de promessas, fantasias e desejos.

Voz arrebatando-nos para outra esfera, para outra região deslumbrante e esplêndida e fazendo-nos esquecer tudo quanto é nobre e é bom e é justo, casto, puro, imaculado. Oh! nem um só de vós, o mais virtuoso, o mais honesto, o mais simples, o mais crente a deixou de ouvir e se houve algum capaz de a despresar e de a vencer gostaria de o apertar em meus braços, de o sentir junto a mim, não para ser seu amigo, seu companheiro, mas para mais, para o respeitar, para o venerar, como perfeito homem descendente directo dos antigos profetas, dos velhos anacoretas, como um santo, como um ente fora do século e a êle superior.

. . . .

E a voz do egoísmo falou em mim.

A voz do egoísmo armou-me o braço.

Varreu-me da alma escrúpulos, dúvidas, piedade.

Decidiu-me.

E eu rejubilei, rejubilei por ela se ter tornado a minha instigadora e rejubilei ainda mais por o acaso me ter dado a conhecer o amante de Maria do Céu.

Sim, porque era êle, não podia deixar de ser êle.

X

Lentamente a natureza foi agonisando. Com sua agonia emigraram de meu espírito tôdas as quimeras, as imateriais ilusões e elevadas fantasias de arte, para só ficar a escuridão e únicamente prevalecer a idea sinistra do crime.

Era triste e lamentoso o acabar da gloriosa e scintilante quadra.

As árvores pouco a pouco transformaram-se em aflitivos esqueletos, braços nús erguidos em súplica final ao céu distante.

O oceano perdera sua coloração azulínea, translúcida.

Chegavam as gaivotas para o grande festim do inverno, para as bacanais enlouquecidas das tormentas. As estrêlas lucilavam mais trémulas, mais pequeninas, mais afastadas e os horizontes acinzentavam-se de nuvens. Uma aragem glacial,

sôpro de morte e de ruína, varria a praia de lés a lés. O sol era como soberano derrotado, como infeliz herói escarnecido pela névoa soturna e destruïdora de tôda a maravilha. Névoa abatendo-se sôbre tudo e tudo enrodilhando em seus álgidos véus.

Os crepúsculos já não tinham os esplêndidos efeitos de cor e de beleza. Aqueles efeitos impossíveis de reproduzir nas telas executadas embora com todos os carinhos e cuidados. Eram crepúsculos de cinza, crepúsculos de amargura e desolação. E assim imerso em sombras, sepulto em sombras, indecifrável, enigmático, tudo acabava e morria. No casino e nos hoteis não havia já animação.

Certa noite desencadeou-se o temporal. Todo o dia ameaçara e para a tarde nuvens negras, pesadas, monstruosas vieram correndo do sul dar o golpe de misericórdia no sol que sucumbia em hemoptises. Desceram lúgubres e imensas as trevas.

Trevas do génesis, do tempo em que a terra ainda se não formara, profundas, medonhas, sem qualquer reflexo, sem qualquer pálida claridade sideral. O vento começou sua faina. O vento redopiava, zunia, cascalhava, praguejava, ria em gargalhadas alvares, dizia segredos, confissões incompreensíveis, suspendia-se para voltar com mais violência, com mais fúria e brutalidade numa dança de S. Vito enlouquecida e pavorosa.

O oceano encapelado atirava-se contra a muralha, todo iluminado pela luz esverdeada dos relâmpagos. As águas ganhavam de momento, de instante a instante, colorações fantásticas, estranhas e sôbre elas pareciam redopiar

em frenésis, em entusiasmos, fantasmas rubros de fogo, cinzentos de bruma, verdes de ódio, amarelos de traição. Tôdas as fúrias, tôdas as desesperações do mundo, dançando bailados trágicos sôbre as águas revoltas. Ao longe o trovão ribombando dir-se-ia o prelúdio de qualquer sinfonia que Wagner estivesse compondo no universo do além.

Ouviam-se perdidos pelos espaços os ruídos, os gritos, os sons, os estalidos mais variados e pavorosos. Soluços e casquinadas, pragas e maldições, murmúrios e surdinas de ténue brisa logo desfeitas, sufocadas pelo choque espantoso das vagas na penedia abrupta. Á luz dos relâmpagos rasgando a densa noite descobria-se, em aparições dantescas, o oceano franjado de espumas alvas, as árvores torcidas, quebradas, as fôlhas dispersas pelo chão enlameado, as barracas destruídas, as avenidas inundadas, enfim, quanto até ali fôra agradável e alegre tornado em ruínas e em tristeza.

Contemplando serenamente a tormenta, pensava que assim como era a natureza, assim era e assim seria sempre a alma humana.

Umas vezes socegada, tranqüila, cheia de esperanças, de ilusões, de sonhos, outras povoada de receios, curvando-se aos maus sentimentos, escravisada pelo interesse, pela ambição, chicoteada pelo remorso ou pela vaidade, estorcendo-se nos braços do vendaval da insánia ou afundando-se nos pélagos insondáveis e temerosos da vingança, da inveja e da estupidez. Mas se à natureza chegava sempre a hora fagueira, retemperadora da bonança, às almas raro era dado gosarem, depois dos devastadores conflitos íntimos,

a consolação suavíssima de melhor estado e de mais perfeito e compensador equilíbrio. E isto acontecia comigo que nos fugazes momentos serenos de meu espírito, nas suas poucas horas de paz e de calma, de esquecimento e de indiferença existia sempre e sempre agora prevalecia a idea do crime obrigando-me a obedecer-lhe e a agir sem lhe poder pôr freio, sem a poder dominar.

Tinha-me vencido aquela tremenda resolução nascida numa noite de desvario nervoso, confundira-se comigo, penetrara-me até ao íntimo, como se fôsse um veneno, uma sífilis moral contaminando-me tôda a alma. Levado por ela, insensìvelmente, naturalmente iria até ao fim. Ao fim, à consumação, à vitória do meu instinto sôbre a minha inteligência. Vitória fácil que se leva uns homens ao triunfo, a outros conduz à degradação e à maioria abre as portas do eterno sofrimento moral.

*
* *

Por uma manhã doentia de outono regressamos a Lisboa.

Regressamos à cidade e pelo seu contacto, pela sua influência o drama, o grande drama, precipitou-se.

Precipitou-se de forma tam brusca, tam rapida, avassalou-me de tal maneira que eu fui nas suas mãos autómato, joguête, elo de sua negra cadeia. Reatadas nêsse inverno as nossas antigas relações de sociedade, interrompidas pelo falecimento de meu pai, começamos a freqüentar os bailes e os chás, as partidas elegantes, os es-

pectáculos da moda. Aquela vida, tive então ocasião de o observar, agradava sobremaneira a Maria do Céu.

Dir-se-ia ter enfim encontrado o seu meio, o seu elemento, o maior prazer de seu espírito.

A estadia na praia fizera-lhe bem. Estava mais forte, mais còrada, mais alegre e comunicativa. Os bailes, sobretudo, entusiasmavam-a.

Passava horas e horas a escolher vestuários, a inventariar perfumes, a procurar nos jornais e nas revistas da especialidade, modelos novos e novas creações.

Chegava mesmo a esquecer as horas das refeições e muitas, muitas vezes, a surpreendi corrigindo, modificando o vestido recenchegado da modista.

A sua arte de se vestir simplesmente e por isso mesmo com muita elegância fazia-a notada e afamada nos salões.

Sobresaía entre as outras, impunha-se-lhes, e quem a visse diria estar ali uma mulher superior, cuja beleza digna de ser admirada se harmonisava com os seus modos, gestos, maneiras e conduta.

Oh! ela era diferente, bem diferente de tôdas as mais, de tôdas quantas meus olhos viam, mas esta diferença longe de me orgulhar, de me encher de vaidade tornava-se constante tormento para a minha alma e doloroso acicate para o meu ciúme.

Jámais deixei de a vigiar, de a espiar na ânsia de descobrir pelos seus sorrisos, conversas com os outros homens, pelos seus próprios olhares, qualquer simpatia ou preferência.

A nossa vida íntima sofrêra também sensí-

vel alteração. Maria do Céu interessava-se pelos meus trabalhos, pela minha arte.

Enchia a casa de flôres, flôres ricas de perfumes capitosos embalsamando deliciosamente todo o espaço.

A disposição dos móveis, dos bibelots, dos pequeninos e preciosos objectos de arte, levava-lhe grande parte do tempo e sempre o seu gôsto encontrava novos efeitos, nova estética, mais perfeita ordem.

Eu considerava-lhe os mínimos gestos, observava atento tôdas as modificações nela operadas e ocasiões havia em que o meu amor se erguia forte, desvairado, desejando beijá-la, comê-la de beijos, beijos ardentes, fortes e selvagens.

Beijá-la nas faces, nos olhos, na bôca, apertá-la contra mim, dizer-lhe francamente tudo, tudo quanto por ela sentia e pedir-lhe, suplicar-lhe para se me dar tôda — corpo e espírito, carne e alma — voluptuosamente, ìntimamente, confiadamente.

Gosei depois do nosso regresso da praia, os meus melhores dias de homem casado e apesar de na minha vida avultarem um sem número de sombras, sombras nefastas e incómodas, da qual a peor era a idea sempre em gestação do crime, por diversas vezes tudo procurei olvidar.

Nunca mais vira aquele sinistro homem que encontrára junto de Maria do Céu na noite da audição de Sara Spengler.

Nunca mais o vira, mas também jámais esquecera.

Nos salões, em todos os divertimentos onde iamos, Maria do Céu conduzia-se com tal decoro, que eu próprio chegava a admirá-la.

De facto, na grande e pavorosa decadência dos nossos costumes, no tremendo caos do nosso estado social e na miséria da nossa vida sempre tam infame e tam baixa, possuir uma mulher que embora nos não ame, mas nos respeite, é já inestimável ventura.

Quantas modificações, revoltas, indecisões e conflitos não haviam tido eclosão em minha alma para assim ligeira e resignadamente abdicar do amor, pô-lo quási de parte, relegá-lo para segundo plano e apenas exigir de Maria do Céu fidelidade e compostura. Ela já mais mulher, já mais integrada na vida, conhecendo provavelmente melhor os seus segredos, mistérios e dissimulações, tendo a escola que recebera na praia do convívio das amigas e principalmente de Madalena Silveira, encontrava a maneira de me ser agradável, de me seduzir, de me fascinar com pequenos nadas, carinhos fáceis e palavras doces e mentirosas.

Quantas, quantas vezes porém, depois das expansões e dos carinhos, não lhe descobri, aterrado, no olhar, nos gestos, na atitude, em tôda ela a sombra de íntimo e invencível desprêso por mim, quási a certeza insuportável da falta de sinceridade de todos os seus actos.

Não podia dissimular o meu desagrado.

Ela então punha-se a olhar-me desconfiada, receosa, como se tivesse cometido qualquer falta, como se na sua vida houvesse um grande e fatal segrêdo.

As lágrimas velavam-lhe as pupilas.

Lágrimas de remorso, de arrependimento, lágrimas provàvelmente de saüdade pelo *outro*, por aquele homem que eu vira duas ou tres vezes e jámais, jámais tornára a encontrar.

Onde estaria êle? Onde se refugiaria? Que locais freqüentava e em que rua vivia?

Ignorava-o e esta ignorância era para mim torturante. Não o podia esquecer, não podia tirá-lo da minha memória e os seus traços fisionómicos apareciam-me bem nítidos, bem visíveis quando trabalhava, apareciam-me durante a noite, a tôdas as horas e a todos os momentos, abertos, rasgados por gargalhadas escarninhas. Doutras vezes, numa alucinação, via seus olhos, aqueles olhos que me haviam incomodado, fitando-me, fixando-me, desafiando-me. Aquele homem passou a ser um fantasma na minha vida. Passou a ser uma sombra.

Tornou-se em pesadêlo, em obsessão. Por tôda a parte o procurava; nos salões, nos cafés, nas tabacarias, nas próprias ruas, mas sempre inútilmente, inùtilmente... oh! inùtilmente. Certa ocasião pareceu-me vê-lo no teatro.

No segundo entre-acto descobri-o na plateia falando, rindo, feliz e alegre.

Estava com vários amigos num camarote e tal foi a minha excitação, nervosismo e mal-estar que eles perceberam e perguntaram-me se me sentia doente.

Respondi numa evasiva, levantei-me e vim fumar para o corredor.

Estavamos, enfim, frente a frente.

Tinha ali, a duas centenas de metros, o meu rival, o amante de Maria do Céu. Como homem de honra e de caracter, como ofendido impunha-se-me o dever de o não deixar sair sem lhe exigir explicações, sem o obrigar a dizer a verdade.

E a verdade não devia, não podia ser outra

senão a confissão das relações com minha mulher.

E uma vez de posse do que havia, uma vez sabendo tudo, talvez deixasse ir aquele homem em paz, enquanto eu saborearia a volúpia do crime. A volúpia do crime, sim. O tempo que antecede o crime, as horas e os dias gastos na sua premeditação, na escolha do momento, na escolha da arma ou do venêno, na maneira mais simples, menos comprometedora de o cometer. Tudo por quanto a alma do criminoso passa, quanto ela sente e vibra em nervosismos, em cóleras, em hesitações, num completo alheamento dos sentidos, da inteligência, do raciocínio e do mundo. . .

Quando voltei à sala ia em meio o terceiro acto.

A representação já não me prendia, nem interessava.

O meu primeiro olhar foi para a plateia. O homem lá estava, deliciado, atento, com ar de superioridade triunfante.

Olhando-o, observando-o, senti invadir-me, dominar-me imenso rancor.

A vista turvou-se-me, o cérebro esvaiu-se-me, o coração começou a bater irregular, agitado, ao mesmo tempo que dôres fortíssimas, insupòrtáveis me martirisavam os rins e o fígado.

Quási sem poder articular palavra despedi-me dos meus amigos, desculpando-me com o meu mal estar.

Eles ficaram desolados.

Quando me encontrei sòsinho respirei a plenos pulmões. Depois ergui a gola do casaco, derrubei o chapéo e fui encostar-me a uma das

portas laterais, esperando a saída, esperando, sobretudo, a saída daquele homem. A noite estava tépida, apesar de ser dezembro. No céu muito alto lucilavam estrêlas minúsculas. Uma desgraçada, filha da noite, pela noite mantida e encoberta, veio até mim dirigindo-me um convite ignóbil. Repeli-a com enfado.

Automóveis passavam fustigando as trevas com seus farois potentes.

Ao longe apregoavam jornais e do café em frente, todo iluminado, chegavam-me aos ouvidos sons vagos duma orquestra desafinada.

E todo êste scenário e todo êste mistério, coisas adivinhadas e não vistas, misérias morais evidentes, desigualdades flagrantes, todo êste cortejo lôbrego da noite com seus jogadores, meretrizes, assassinos, ladrões, tôda a vaza social da cidade, fez-me reflectir fria, desapaixonadamente no drama íntimo do qual o meu ciúme me obrigava a ser o protagonista.

Tive nêsse momento vergonha de mim próprio, íntima e sincera vergonha.

Achei-me um homem inferior e vil, igual a qualquer pária, semelhante a qualquer sicário. Consultei a minha consciência e ela ficou silenciosa. Tal era a hedionda baixêsa de meus desígnios que a minha consciência hesitava em emitir seu parecer. Martirisado, indeciso, nervoso, sem saber por que caminho tomar, resolvera quási abandonar a minha espera, vencer o ciúme, expurgar a tenção daninha do crime, dominar-me, curar-me, mas de repente chegou até mim o éco duma salva de palmas, depois outra, depois ainda outra.

Terminára o espectáculo. As portas abri-

ram-se. Cosi-me mais à parede e ancioso espiei todos os indivíduos que por mim passaram.

Alguns voltavam-se surprêsos, outros não davam por nada e quando ao fim de meia hora vi o átrio vasio, enorme desespêro se apoderou de mim.

Não o vira, não o enxergára.

Alguém o tinha avisado, alguém velava por êle.

Angustiado, sentindo-me ridículo, sentindo-me profundamente idiota, regressei a casa, a pé.

Quando entrei dirigi-me logo para o quarto.

Maria do Céu dormia.

Dormia serena, placidamente.

Contemplei-a extático.

Que estranha, que peregrina, que imaterial beleza ela não possuía.

Beleza de linhas puras, harmoniosas, suaves.

Beleza feita de candura e de bondade.

Seu rôsto dir-se-ia, pela palidez e pela meiguice da expressão, o rôsto de uma madona.

As pálpebras dum branco quási lácteo tinham filamentos côr de rosa, dum côr de rosa macio e delicado. Os lábios rubros, entre-abertos, deixavam vêr os dentes alvos e iguais e os cabelos negros, que ela usava cortados, davam-lhe o aspecto de uma boneca da moda.

O seu braço esquerdo repousava sôbre o linho do lençol, repousava esquecido, abandonado, como serpente sagrada habituada a cingir os corpos nús das deusas e das cortezãs.

E eu por muito tempo a contemplei enlevado.

Depois êste sentimento de admiração, senti-

mento expontâneo e natural em todos os homens quando se encontram junto de qualquer mulher bonita, desapareceu, apagou-se e senti em meu peito referver o ciúme e no meu cérebro dominar, erguer-se, avassalar-me a idea do crime.

Ela estava ali, ali em frente de mim, sòsinha, abandonada, sem defeza possível.

Podia matá-la, podia acabar com aquela creatura que me torturava a vida.

Dei dois passos para o leito. As mãos enclavinharam-se-me, a face contraiu-se-me, a bôca encheu-se-me duma espuma compacta, os dentes rangeram-me—ia matar, ia assassinar—.

Mas, um frémito de comoção percorreu-me todo, qualquer fôrça, receio ou falta de confiança em mim colou-me ao solo, prendeu-me os movimentos. Acobardei-me... não, não, era ainda cêdo para cometer o crime. Precisava de mais provas, provas evidentes, concretas, reais.

Acordeia-a.

Ela olhou-me sem interesse, depois consultou o relógio.

—E' tarde, uma da manhã. Só agora chegaste?

—Só!

—Muita gente no teatro?

—Bastante.

—Viste a Madalena?

—Não.

Respondia sacudidamente passeando agitado pelo quarto, atirando quási as palavras.

Maria do Céu olhava-me de soslaio, pressentindo qualquer scena desagradável.

Esteve por momentos calada, seguindo-me

os passos e quási de repente, sentando-se na cama, preguntou-me irónica:

—Olha lá, tu estás com a insónia do costume?

O metal de sua voz feriu-me os nervos como se fosse uma lâmina de aço raspando sôbre a superfície polida do mármore.

Então não pude mais. Senti-me estrangulado pela indignação, pelo despeito, pela cólera.

Disse-lhe tudo. Pela primeira vez abri-lhe a minha alma. Deixei-a ver as chagas por onde ela há tanto sangrava. Todo o suplício em que se debatia, todos os tremedais em que se afundava aos poucos. A minha voz tinha qualquer coisa de grave, de fatal, de trágico mesmo.

Os olhos deviam chamejar de intenso, impressionante clarão.

O clarão da loucura.

Os gestos eram com certeza fóra de propósito, gestos de desiquilibrado, de excitado, de doente.

As palavras saíam-me em catadupa, atropelando-se, ininteligíveis algumas delas.

Quando acabei de falar estava coberto de suor, nervosíssimo, afogueado e intimamente cheio de vergonha por ter proporcionado àquela mulher o triste espectáculo da minha inferioridade, por lhe ter revelado tôdas as fraquesas da alma.

Ela ouviu-me entre assombrada e receosa.

Quiz dizer qualquer coisa mas os soluços encheram-lhe a garganta, roubaram-lhe a voz.

Súbito, ergueu-se do leito, em desalinho, furiosa, espumando e vindo para mim, que insen-

sìvelmente recuara, olhou-me com desprêso e soltou uma casquinada de riso.

Depois mais calma, recuperando o sangue frio, sentou-se no sofá e dando à voz um tom natural, disse-me estar farta, estar esgotada.

Era melhor, mais honesto, mais humano, tomar qualquer resolução.

Havia o divórcio.

Se já não a amava, se era impossível a vida em comum, se o meu amor se transformara em ciúme, que prazer, que estúpido prazer era aquele de a martirizar e de me martirizar.

—Um homem, Rogério, quando não tem coragem suficiente para viver no seu meio, na sua época, contemporizando com ela, fazendo por lhe compreender a engrenagem, para ser um seu intérprete e não um revoltado, isola-se ou desaparece.

Não há o direito de injuriar ninguém, sobretudo uma mulher com suspeitas, sem fundamento, idiotas mesmo.

A creatura que vira junto dela, na praia, e que tanto me preocupava, era como as outras.

Gostava de conversar e de conviver.

Era isto e mais nada. Eis o que me tinha a dizer e que não a torturasse mais, que não a afligisse, que a deixasse dormir.

Fiquei perplexo ao ouvir estas palavras.

Fiquei meio emparvecido, sem coragem para replicar.

Saí do quarto com o cérebro vasio de tôdas as ideas e os nervos em inútil revolta.

A êste estado moral esgotante e quási doloroso sobreveio a insónia.

Tôda a noite a passei no meu gabinete, ora

sentado, ora passeando agitado, sem posição e sem sossêgo.

Repetidas vezes fui escutar à porta do quarto na esperança de ouvir Maria do Céu chorar, soluçar, lamentar-se.

Maria do Céu dormia serena, repousava como se nada se houvesse passado entre nós, como se as nossas relações fôssem as mais amistosas.

E isto, esta calma, êste sossêgo ainda mais me desnorteou.

Diminuiu-me a meus próprios olhos ìntimamente, como se eu fosse para aquela mulher um homem despresível, um tarado... um mísero farrapo humano.

Essa noite foi definitiva na minha existência. Foi então que desvairado pelos maus pensamentos, intoxicado pelo café e pelo tabaco, resolvi pôr de lado todos os obstáculos, tôdas as barreiras que como intransponíveis e irremovíveis muralhas me estavam impedindo de a matar e de acabar com o meu sofrimento.

Recordei as suas palavras.

Recordei-as uma a uma, fazendo esforços de inteligência para as compreender e avaliar bem o que elas queriam dizer, o que elas significavam:

— *Um homem quando não tem coragem suficiente para viver no seu meio, na sua época, contemporizando com ela, fazendo por lhe compreender a engrenagem, por ser um seu intérprete e não um revoltado, isola-se... desaparece.*

Desaparece, tinha ela dito. *Desaparece.*

E aqui estava uma sugestão do suicídio.

Quem saberia se em seu cérebro, antes,

muito antes de me ter surgido a mim a seu respeito, não lhe teria aflorado a ela a idea de me assassinar, de me fazer desaparecer para então se entregar a quem lhe apetecesse.

Sim talvez, talvez, o que lhe faltava era coragem para executar o golpe.

Aquela mulher por tôdas as formas procuraria levar-me ao desespêro, ao aniqüilamento de minhas faculdades mentais e daí ao nada.

Não podia deixar de ser isto.

A calma com que ela me falara, a idea do divórcio, a gargalhada insultuosa com que acolhera minhas palavras, a sua fraca defeza e ainda o sossêgo, a tranqüilidade que mostrára depois do que entre nós tinha havido, longe de me convencer de sua inocência, mais me radicava na convicção que Maria do Céu era culpada e tinha contra mim devidamente estudado qualquer terrível plano.

Plano que ignorava, que não sabia mesmo até onde iria, mas que com certêsa seria a minha condenação à morte, o abandono do lar, a fuga, o amante vindo buscá-la, obrigando-me a divorciar... o escândalo.

Precisava quanto antes de defender-me, de me libertar. E para me defender e para me libertar só o crime me parecia indicado.

Dealbava a manhã, quando adormeci.

Dormi e sonhei.

Sonhei que me levavam entre soldados para longe, muito longe, nem eu sabia para onde.

Desonrado, perdido, despresado por todos atravessava as ruas da cidade, furtando-me aos olhares curiosos da multidão.

Insultos soezes, frazes de alcouce e de ta-

berna, ameaças e pragas chegavam-me aos ouvidos.

Ia semi-morto, mal me podendo arrastar, ardendo em febre.

De roldão, com o corpo contuso, encontrei-me numa sórdida carruagem de caminho de ferro, entre os companheiros de degrêdo, feras humanas, faces hediondas, olhares oblíquos e vítreos, bôcas tresandando a aguardente.

Soldados iam e vinham cumprindo ordens. A madrugada fria de inverno enregelava-me os ossos e no compartimento o cheiro dos corpos era insuportável e nauseabundo.

Lentamente o comboio poz-se em marcha.

Para traz ficava a cidade.

Aquela cidade onde brilhara, na qual tinha um nome, da qual poderia ser uma glória, onde ensaiara seus primeiros vôos a minha arte, onde cometera o crime que me desgraçara e comovera até à indignação a opinião pública.

Para traz ficava a cidade, a vida, o triunfo, o esplendor, o meu passado, todos os dias de alegria, felicidade e riquesa... um mundo acabado e desfeito.

Agora era o mistério.

Agora era o indecifrável.

Chovia, chovia copiosamente e o céu muito escuro parecia cair, desabar sôbre a terra.

Olhando tudo, a soturnidade do firmamento, a desolação da natureza, o triste espectáculo das coisas mortas e dos sêres adormecidos no grande letargo hibernal, a minha alma oprimida desejava o sol, anciava pela liberdade.

Mas a liberdade jámais, jámais a teria.

Para onde ia eu, para onde me levavam?

Para o cárcere, para a África?

Oh! não, não podia ser.

Não podia estar preso, ir ali com aqueles desgraçados, igualado a êles, nivelado com êles pela fatalidade.

Não era um criminoso comum, não, não era. Matara para salvar a minha honra ultrajada. Matara para ser um homem digno.

A sociedade não compreendia isto, não sabia avaliar a justiça do meu gesto e condenando-me condenava-se a ela própria, tornava-se defensora da culpa, da desonestidade e do adultério. Tirarem-me a liberdade para castigarem o meu delito, o delito dum homem honesto e cioso de seu bom nome era infame e monstruoso.

Mas nesta sociedade em decadência, debochada e imoral onde todos os vícios desde a pederastia até às mais ignobeis concupiscências campeiam livremente, qual seria o homem de consciência límpida e de bastante coragem capaz de me mostrar, de me apontar não como criminoso, mas como um carácter superior a todos os outros.

Nenhum, sim, nenhum.

E num arranco final de revolta e de desespêro tentei arremessar-me à linha, tentei fugir, mas quando o ia fazer mão potente e gigantesca apertou-me de tal forma o pescoço que a bôca escancarou-se-me e na aflição da asfixia uma golfada de sangue jorrou-me do peito.

Sangue negro, sangue pôdre, sangue de criminoso, sem um glóbulo rubro, sem um reflexo de saúde, corroído de toxinas.

Todo eu me escoei em sangue.

E atraz do sangue veio o coração, os pulmões em farrapos, matérias ascorosas, bílis nogenta, fragmentos do fígado, substâncias putridas.

Vomitei tudo... vomitei, se tanto é possível, a própria alma, estorcendo-me em âncias, em contracções, numa agonia pavorosa.

E assim apertando com as minhas mãos, minhas mãos enclavinhadas e nervosas o próprio pescoço, acordei atordoado, as fontes perladas de suor, suor glacial, os membros lassos, o cérebro esvaído, o corpo exausto.

Era meio dia.

Passei ao quarto de banho.

Preparei-me para almoçar e quando Maria do Céu entrou na sala beijei-a e nem sequer ao de leve aludi à scena dessa noite.

Para quê mais palavras?

Há momentos na vida em que qualquer palavra só póde prejudicar a acção.

Chegara um dêsses momentos.

O meu plano estava traçado.

Agora executá-lo era fácil.

XI

Não sei, não posso precisar o tempo que se passou. E'-me impossível fixar o dia, a semana, o mês. Por mais esforços, por maior que seja a meditação a que obrigue o meu cérebro, os míninos detalhes, os pequeninos nadas, sempre tam importantes, esquecem-me e escapam-me. Recorro ao éter e ao café em quantidades pequenas no intuito de chicotear a memória, excitar os nervos, despertar as ideas e nada consigo, nada obtenho de vantajoso.

Há pormenores que se me varreram por completo. Há frazes de despeito, de indignação e de raiva por mim proferidas que nunca serei capaz de repetir.

A sensação que a princípio experimentei foi tam intensa, tam brutal, feriu-me de tal maneira a sensibilidade, impressionou-me tanto que jámais, suceda o que suceder, o maior cataclismo, o mais extraordinário aconteci-

mento, tornarei a sentir semelhante em minha vida.

Ignoro e nunca fui capaz de descobrir qual o impulso, qual a causa, o factor desconhecido que me levou até ali, me revelou a culpa e avultou a meus olhos fornecendo-me plenamente razão para o meu crime. Tam variadas vezes passára por aquêle recanto sem de nada desconfiar!

Tam variadas vezes inspeccionára tudo, sempre inutilmente. E afinal, a prova, tôda a prova da traição, do adultério tinha-a ali bem perto de mim, onde menos a esperava encontrar.

Estava sòsinho em casa.

Maria do Céu saíra.

Saíra como costumava fazer frequentes vezes.

E eu recalcando ciúmes atrozes, sentindo em meu cérebro talvez desperta e alimentada pelo próprio ciúme a labareda da inspiração, fumei estirado no sofá vários cigarros e depois dirigi-me ao atelier.

O trabalho era agora para mim o único lenitivo e refúgio.

Quanto mais produzia tanto mais encontrava assuntos para outras obras.

A minha mão era fácil e era firme.

Traço dado era traço definitivo.

Expressão esboçada logo meu espírito crítico a julgava sem êrro, perfeita. E caso curioso, nota interessante, foram sempre as figuras de mulher aquelas que me saíram mais belas, verdadeiras e reais. Sem o auxílio de qualquer modelo, unicamente recorrendo à minha imaginação, vendo reproduzidas em meu cérebro com a nitidez de chapa fotográfica as feições e os corpos, pintei madonas e pintei cortezãs, pintei

e creei uma legião de creaturas femininas sacrificadas umas pelo amor, outras pelo misticismo e ainda outras por abstracções irreais.

Nêsse dia porém, tudo quanto tentei produzir, saíu-me imperfeito e inferior.

Um cansaço aniqüilante, espécie de vazio intelectual foi-se apoderando de mim, inutilisando-me, despertando-me os nervos, mal dispondo-me.

Pousei os pinceis, arrumei o cavalete e para me distrair recorri à leitura. Abri romances e tratados filosóficos, livros de viagens e livros de arte e ao fim tudo repeli, tudo atirei para o lado enfastiado sem nada compreender e sem nada me interessar.

Pensei em saír, em dar uma volta pela cidade, em visitar Teodoro Manfredo, retido no leito havia já duas semanas em consequência duma queda desastrosa, mas qualquer esfôrço era superior às minhas fôrças e superior à minha vontade.

Enorme lassidão tomára-me o corpo e não só o corpo também a alma, asfixiando-a, vencendo-a.

Nunca me encontrára em semelhante estado e a consciência da minha derrota física e moral, a consciência do meu fracasso na vida avassalava-me, fazendo-me sofrer num desespêro dilacerante, incomportável.

Comparava o meu destino, a minha vida à dos outros e uma grande inveja, uma revolta íntima sacudia-me em fúrias e em rancôres tremendos e inúteis. Os outros eram felizes, gosavam a existência, conheciam as deliciosas horas do prazer, os inefáveis momentos do amor, os

instantes supremos da ventura, o enlêvo espiritual das viagens.

Triunfavam, caminhavam seguros de seu papel e de sua missão.

Eram valores marcantes ou então viviam felizes no anonimato, na grande galeria dos vulgares, contentes, de bem consigo próprios, senhores do seu destino.

Só eu que tanto trabalhava e tanto me esforçava era um condenado, um pária.

Mas porquê, porquê meu Deus?!

Onde estava a causa de tanto sofrimento e de tanta amargura?!

Onde tinha sua origem aquele inimigo oculto, aquele fantasma, aquela bruma fatal que sempre me derrotava quando tentava dar qualquer passo para a frente, saltar qualquer obstáculo ou pôr em prática qualquer ideia?

Que mal tinha feito para Deus me roubar tôdas as esperanças, tôdas as ilusões, a confiança em mim, o sossêgo de alma, a serenidade, a vontade e a fé? Que mal tinha feito para Deus assim me abandonar e me repelir?

E descri, pela primeira vez, de Deus.

Daquele Deus que minha mãe me ensinára a amar e a respeitar com todo o fervor da alma e tôda a confiança do coração.

Descri num frio e cruel scepticismo.

Analizei-o, julguei-o à luz forte e brilhantíssima da razão e da lógica.

Recordei factos da minha vida nos quais êle poderia ter intervindo com sua mão potente, afastando o mal, fazendo triunfar o bem.

Outros em que apelara em vão para a sua justiça e para a sua misericórdia.

Outros ainda em que procurara o confôrto de sua ajuda, nada mais encontrando do que escuridão e silêncio.

Preguntei a mim próprio, à minha consciência e à minha alma se elas eram crentes, se acreditavam em Deus ou se o temiam.

E minha consciência e minha alma ficaram caladas e indiferentes.

Sim, Deus era um mito.

Não havia Deus, o que existia era o destino.

O bruto, o feroz, o implacável e invencível destino.

Passeando agitado, fóra de mim, pelo atelier, procurei então devassar o meu destino.

Encarei o futuro, avaliei as probabilidades de vitória com que podia contar.

Era rico, tinha saúde, tinha talento e se me soubesse dominar, se conseguisse refrear as paixões, seria feliz, seria uma creatura para a qual a vida correria fácil e serena.

Mas precisava sobretudo, acima de tudo, dominar-me. Teria essa coragem? Não o sabia, não o sabia. Era preciso porém experimentar, experimentar mais uma vez.

Resolvi então sair, ir à baixa, procurar os meus amigos, distrair-me e quando regressasse estaria mais bem disposto, mais reconciliado comigo próprio.

Dirigi-me ao quarto para me barbear.

Preparei tudo, ensaboei a cara e quando olhei o espelho, (ainda hoje estremeço e me sinto percorrido por um arrepio glacial ao recordar esta scena) o espelho refletiu o móvel que ficava na retaguarda.

Reflectiu-o, como também reflectiu os outros

e tudo quanto estava para lá, tudo quanto fazia parte do aposento. Uma cómoda D. João V, um pequeno relógio de bronze, frascos de perfumes, flôres, jarras de Saxe, bibelots variados, um pijama de sêda suspenso dum cabide de mogno e ainda conservando as formas do corpo de Maria do Céu.

Mas aquele pequenino móvel — era uma escrivaninha de pau santo com embutidos de marfim e de metal amarelo, que pertencêra a minha mãe e onde ela costumava guardar as suas economias e pequeninas cousas queridas — avultava no espelho, aumentava de dimensões, de volume, parecia caminhar para mim, tomar tôda a superfície polida do cristal, afastar os outros móveis, ofuscá-los, sumi-los.

Olhei-o supersticiosamente. Seu verniz muito luzidio rebrilhava, os embutidos dir-se-iam joias antigas de velha múmia e todo êle tinha um aspecto grave, venerável.

Sorri e indiferente, sem ligar importância ao caso, continuei a barbear-me.

Passados minutos o móvel tornou a aparecer-me no espelho, tornou a impôr-se aos outros, a colocar-se-lhes na frente, como a despertar-me a atenção, a chamar-me, a reclamar-me. Acabei de me vestir sem que aquela impressão se dissipasse de meu espírito.

De vez em quando ia ao espelho, olhava-o, fitava-o demoradamente e de contínuo o móvel, aquele móvel misterioso e incómodo, se destacava, se impunha de maneira dominadora e atroz.

Dirigi-me a êle. Toquei-o.

Mas ao tocá-lo retirei repentinamente a mão, como se a madeira me escaldasse.

Fiquei então à sua frente, olhando-o, interrogando-o receoso e desnorteado.

Aquela secretária herdada de minha mãe tinha qualquer coisa de enigmático, de inexplicável, de atraente e de fatal.

Queria, fazia esforços para me libertar do domínio estúpido daquele corpo inanimado, mas sentia-me vencido por êle, subjugado, impotente para esquecer a sua influência. Dei dois ou três passos em direcção à porta no desejo de saír, de ir para a rua, de tomar ar e ver outra luz, mas os meus nervos poderam mais, a curiosidade espicaçou-os.

Voltei para trás e fui colocar-me no extremo do aposento. Doía-me a cabeça e devia estar a arder em febre. Sentia as pálpebras pesadas e instintivamente fechei-as.

Nesse momento começaram a tilintar no aposento milhares de campaínhas, de guisos, de metais entre-chocando-se, dando a idea que todos os embutidos da secretária se haviam desprendido e tombado um a um, justapostos, no solo.

Passados instantes — realidade ou fruto da minha alucinação — ouvi distintamente a tampa do movel caír com estrondo e do seu interior saír correndo espantado e furioso um fantasma, sangrento e terrível. E esse fantasma, êsse monstro avançou para mim brandindo seu gladio de fogo. De instinto baixei a cabeça disposto ao sacrifício, mas o espectro ao encarar comigo, ao tocar-me, estacou de repente e suas órbitas descarnadas e profundas encheram-se de lágrimas cristalinas. Assim contemplando-me, em contemplação melancólica e piedosa, êle ficou por algum tempo, depois foi recuando como assus-

tado e quando chegou junto do móvel que tinha sido seu escuro cárcere feriu-o com mão certeira e forte, com o gladio incandescente. Uma viva labareda ergueu-se súbito e só se extinguiu quando da secretária apenas restava um montão de cinzas.

Aterrado, fóra de mim, olhei... olhei e vi tudo na mesma.

Não restavam dúvidas que havia sido vítima duma alucinação extraordinária, alucinação muito próxima da loucura.

Tive mêdo de mim próprio. Receei pela integridade das minhas faculdades mentais e como a sua perda exactamente na altura da vida em que me encontrava, eram na minha família quási tára (meu avô paterno e dois tios de meu pai tinham sido internados aos 33 anos para morrerem furiosos, no manicómio) fiz esforços de vontade e domínio sôbre mim próprio, para escapar a semelhante desgraça.

Fui ao espelho.

Estava extremamente pálido com profundas olheiras e o globo ocular raiado de grandes nódoas sanguíneas. Não me impressionei. Aquele era mais ou menos o meu semblante habitual, mas o que acabou por me desnortear foi de novo a secretária evidenciar-se-me no cristal do espelho. Agora estava só, agora só a via a ela. Os outros móveis tinham desaparecido na penumbra, tinham-se sumido, para só ela permanecer irremovível, fatal.

O suor frio gelou-me as fontes e invadiu-me o rosto, os dentes bateram-me uns contra os outros, as mãos tremeram-me como num ataque epiléptico e as pernas vacilaram-me sem fôrça, sem energia e sem potência.

Caí sôbre uma cadeira e chorei.

Chorei nervosamente, copiosamente, como uma criança, como uma mulher histérica.

Mesmo que eu quisesse era-me impossível refrear o pranto, era-me impossível calmar-me, serenar.

Chorei de raiva, de nervoso e de medo.

Medo pelo que me poderia revelar aquele móvel, pelo que êle poderia encerrar de vergonhoso e de definitivo para a minha pobre alma. Passada esta crise, esta excitação, impelido pelo ciúme, levantei-me da cadeira decidido, disposto a tudo.

Dirigi-me para a secretária, fechei os olhos e quási insensìvelmente, quási mecànicamente, abria-a, escancarei-a.

Um perfume muito intenso, muito activo chegou até mim.

Era o perfume que Maria do Céu costumava usar.

Reagi à perversa influência daquela essência que no estado em que me encontrava era quási um narcótico.

Com enorme curiosidade, ansioso e ofegante abri a primeira gaveta. Minhas mãos mergulharam em seu interior com intensa volupia. A gaveta, porém, apenas continha sêdas, rendas, bugigangas femininas.

Fechei-a cautelosamente e depois abri outra, mais outra, ainda outra e já descorçoado, já arrependido ía-me a retirar envergonhado comigo próprio, vexado, quando me lembrei que a secretária possuía um falso ainda por devassar.

Sentei-me de novo em frente dela e senhor absoluto dos meus nervos, cuidadoso, os olhos

a brilharem, os sentidos todos concentrados para que nada me escapasse, para que nada me passasse despercebido, abri-o sofregamente.

Meti as mãos, levei-as bem ao fundo e retirei um pacote de cartas.

Oh! eram as minhas cartas! As cartas que havia escrito a Maria do Céu quando estávamos noivos. Cartas repassadas de ternura, de amizade, de emoção e de carinho. Cartas ingénuas e entusiásticas nas quais puzera todo o sentimento, tôda a minha a alma e espiritualidade. Aquelas cartas eram um pouco de mim próprio, da vida passada.

Eram as horas, os minutos, os segundos, os mínimos instantes dos tempos felizes, dos tempos de ilusão, quimera e esperança.

Tempos já afastados e mortos.

Cada palavra, cada fraze, cada exclamação correspondia a outros tantos estados do meu espírito desdobrando-se em sentimentalidades carinhosas, em confissões sinceras, revelações verdadeiras e expontâneas do meu carácter e modo de ser; de tudo quanto venerava e admirava e que afinal se resumia e se sintetisava numa só creatura, nela, em Maria dò Céu.

Quando lhe escrevia tinha sua imagem à minha frente. Sua imagem cheia de candura, repleta de atrativos e ainda aumentada de sedução pelo amor e pela estima.

Assim cada carta daquelas era um hino à mulher amada, estrofe do poema da minha paixão, sinfonia de meu peito elevando-a, engrandecendo-a, divinisando-a.

Cartas que tinha escrito febril e desvairadamente, acalentado pelo meu sonho e por êle

embalado numa poesia tôda feita de luminosidades, de scintilações e de puresa.

Olhando, palpando aqueles pedaços de papel agora inúteis, únicos destroços, cinzas frias dum sonho desfeito, sentia-me sucumbido.

Tudo falhara, tudo dera de si, tudo se desvanecera como fumo passageiro e leve.

Escrevera aquelas cartas leal, sinceramente, obedecendo à verdade, obedecendo aos sentimentos mais elevados da minha alma, e ao fim encontrára o deserto e o pantano.

O deserto do desespêro. O pantano do ciúme.

Para recordar, para deliciado viver um pouco do passado, desatei a fita de sêda que unia as cartas.

Espalhei-as sôbre a mesa, olhei-as... esbugalhei os olhos... tornei a olhá-las e soltei um grito de espanto, grito de leão ferido de morte, grito final, grito pavoroso.

Entre as minhas cartas, escondidas, dissimuladas no meio delas, havia as de outro.

Fixei mais a vista.

Não me enganara, não, não, não me enganara.

Eram doutro. A letra, o papel eram diferentes.

Eram as cartas do amante.

Recuei. Recuei cheio de espanto, e de horror.

Fui à porta do quarto espiar se Maria do Céu já chegara, se lhe ouvia os passos, se a pressentia.

Tudo estava imerso em silêncio.

Tudo estava como adormecido.

Fechei-me por dentro, dirigi-me à secretaria e abri a primeira carta.

Abri-a, mas não tive coragem de a ler até ao fim.

Falava de certa tarde que haviam passados juntos na praia, de beijos trocados, de promessas feitas, de carícias luxuriosas, de volúpias indecentes.

Senti-me agoniado, senti-me desfalecido.

Uma íntima vergonha escaldava-me as faces, uma cólera brutal, desenfreada, selvagem subia-me em ondas do coração ao cérebro, mas ao mesmo tempo estava satisfeito por ter encontrado enfim plena justificação moral para o crime e a certeza de que o ciúme não era infundado, não era devido a qualquer enfermidade mental ou desiquilíbrio nervoso.

Tornei a colocar as cartas no mesmo sítio, fechei a secretária e calmo, absolutamente calmo, com o plano estabelecido, senhor dos meus actos e do meu futuro, acabei de me vestir.

O espelho não reflectiu mais, evidenciando-o, o móvel acusador.

Era já tarde quando saí.

Dei uma pequena volta pela baixa.

Respirava melhor, como se tivesse alijado dos ombros um grande pêso.

Ao regressar a casa Maria do Céu beijou-me ternamente e pediu-me para a acompanhar à sessão da moda dum cinema qualquer.

Acedi, sorrindo.

Que me custava proporcionar alguns momentos de prazer àquela criatura para a qual em plena mocidade se ia em breve fechar o ciclo doirado e luminoso da vida.

XII

Os dias que se seguiram foram atrozes e foram trágicos.

A presença de Maria do Céu era-me insuportável.

Perturbavam-me os seus olhares. Arrepiava-me o som da sua voz.

O projecto, o terrível projecto de a matar o mais breve possível, obcecáva-me.

Mas, por mais que procurasse não encontrava maneira de a assassinar sem comprometer a minha liberdade.

Sim, porque acima de tudo, superior a tudo, custasse o que custasse, era indispensável salvar a minha liberdade.

Não há palavras, não há termos, não existem frases em qualquer língua que clara e perfeitamente traduzam o meu estado de espírito, receio e indecisões.

Maria do Céu continuava a sua vida de sociedade e de divertimentos.

Madalena Silveira ia casar. Era um casamento de conveniência, arranjado pelos pais, não se sabia bem em que condições. E Maria do Céu falando-me da amiga, confessando-me a relutância que ela tinha pelo futuro marido, dizendo-me seu sacrifício, parecia insinuar-me que também ela casara comigo sem me ter qualquer amor.

Para ela a amiga era uma pobre mulher destinada a ser uma revoltada. Porém a culpa era do homem que a desejava, que não queria ou não sabia compreender-lhe a alma, a má vontade de Madalena em casar com êle. Os homens, continuava Maria do Céu, não olham a maior parte das vezes aos sentimentos, preferências, gôstos e inclinações daquelas que desejam, e mais tarde por culpa deles, só por culpa deles, surgem as desilusões irreparáveis. As desilusões irreparáveis, êsse veneno da vida, labirintos negros que somos forçados a atravessar e dos quais jámais saímos sem neles deixarmos o mais precioso da nossa sensibilidade, do nosso próprio coração. Oh! é bem complicada a alma das mulheres e raros são os homens que, pondo de parte desejos, vaidades ou interesses, estão à altura de as avaliar e compreender.

Ouvia tudo isto sem uma réplica, irritado, contrafeito. Aquelas palavras pareciam-me dirigidas e cada uma tinha o poder desagradável de insinuação cobarde e grosseira.

Davam-me então ânsias diabólicas de lhe saltar ao pescoço como tigre enfurecido, de a estrangular, de sentir-lhe a carne ceder sob a pressão de meus dedos, os ossos estalarem à fôrça dos meus músculos, de só a deixar quando

em minhas mãos sentisse seu corpo frio de morte.

Olhava-a ferozmente, mordia os lábios até os fazer muitas vezes sangrar e mentalmente murmurava:

— É hoje... é hoje, o teu último dia.

Depois faltava-me a coragem e também ainda não tinha descoberto a forma de a assassinar sem levantar a mínima suspeita, de maneira que o meu crime ficasse por completo ignorado.

De tôdas as ocasiões em que ia ao nosso quarto, olhava o móvel que pertencera a minha mãe, aquele móvel que era a sentença de morte de Maria do Céu, onde estava a prova de sua ignominiosa traição.

Ao vê-lo, sentia-me empalidecer, ao mesmo tempo que uma angústia sufocante, angústia que parecia apertar-me o coração, torcê-lo, esmagá-lo, me percorria todo, me sacudia brutalmente.

Refugiava-me então no atelier, no extremo da casa.

Em alucinações via Maria do Céu nos braços do amante, beijando-lhe a bôca, acarinhando-o, sorrindo-lhe, cingindo-o contra o seu corpo, entregando-se-lhe como prostituta. Levantava-me furioso, cego, fóra de mim, dava uns passos cambaleantes, incertos para a visão detestável, mas de repente tudo se dissipava e desaparecia.

Agora eram apenas os quadros por terminar, as telas grosseiramente esboçadas, os estudos feitos sem aplicação e sem cuidado que tinha à minha frente. Considèrava-os um a um. Afastava-os, aproximava-os da vista em minucioso exame e todos êles me pareciam inferiores, ba-

nais, indignos de qualquer artista probo e respeitador de sua arte ou mesmo dum principiante.

Não restavam dúvidas, o ciúme, o vulgar ciúme, manietando-me, apoderando-se pouco a pouco da minha vida, não contente em a estragar transformando-a em pântano, em deserto, em inferno, tinha também, sem eu o pressentir, tomado conta da minha arte.

A minha arte agora era uma coisa sem significado, sem grandêsa, sem ideal e sem espiritualidade.

Estava derrotado.

Derrotado na vida e derrotado na arte.

Podia haver maior suplício? Podia haver maior desgraça?

Podia haver no mundo dois casos semelhantes ao meu, em que um homem vê à sua frente tudo ruir, falhar por causa duma mulher em que êle não tem confiança e sabe culpada?

Não, não podia.

Recapitulava, relembrava tudo desde os primeiros anos da minha mocidade, e via que tinha estragado a vida, levado apenas pela sedução do amor.

Era pois urgente, agora que sabia tudo, que tinha nas mãos as provas, tôdas as provas, defender-me, jogar a última cartada, salvar a minha arte e salvar a vida.

Mas porque o não fazia?

Porque hesitava tanto?

Oh! o motivo era simples.

Apesar de tudo, de tôdas as mínhas taras, de todos os meus vícios, de todo o meu ciúme, eu ainda por cima era cobarde.

Homem sem sentimentos, sem dignidade,

sem brio, incapaz de defender sua honra, seu nome ultrajado, de vingar seu amor escarnecido.

Era melhor contemporisar, fechar os olhos, ser o marido ideal, o marido idiota.

Havia tantos em Lisboa. Que fazia à sociedade mais um? Que se importava ela com isso? Que tinha que vêr com isso? Vá, era necessário sofrer a traição com cara alegre, prasenteira. Tratar Maria do Céu como se ela fôsse mulher honesta, fingir perante o mundo que ignorava suas faltas, deixar os outros rir, os homens lamentar-me nos cafés, as mulheres escarnecer-me nos salões. Era natural. Era exactamente como faziam os outros. Que tinha eu, na verdade, para não ser como eles?

Era eu, porventura, mais do que eles? Nada custava o adultério e até talvez com êle alguma coisa lucrasse.

Mas não, não e não.

O ciúme não me permitia tal e à medida que estes pensamentos me assaltavam, êle erguia-se, revoltava-se, gritava reclamando vingança, pedindo sangue, fazendo crescer a coragem para cometer o crime. E não só a coragem, mas também o esquecimento, o desprêso de todos os preconceitos e das barreiras morais e sociais que defendem qualquer homem normalmente constituído de perpetrar a sangue frio um assassinato. Além disto, que já era muito, estava cansado de sofrer, de me debater numa agonia sem fim. Agonia que cada vez se fechava mais à minha volta, como noite impenetrável e lobrega.

Precisava, queria, ansiava por me libertar. A morte daquela mulher era para mim a vida oferecendo-se-me esplendida e bela.

Eram novos horisontes abertos. Horisontes imensos, cheios de sol, de colorações, de encantos, de promessas e ilusões onde à vontade podia triunfar, crear e erguer. Triunfar na existência, crear e erguer um templo de arte resplandecente e maravilhoso de originalidades.

E isto embriagava-me os sentidos, fazia-me já adorar o futuro e ter a certeza que nele seria alguém e nele encontraria quanto desejasse, quanto fôsse indispensável para a minha perfeita e real felicidade.

. . . .

Até que um dia decidi-me. Um dia não pude mais.

Senhor dos meus nervos, da minha inteligência e sensibilidade, numa premeditação completa e raciocinada, calculando tudo, dispondo tudo de maneira a que a morte fôsse quasi fulminante, não desse tempo a qualquer socorro ou intervenção médica, cometi o crime.

Cometi o crime — ao escrever estas palavras sinto as carnes arrepiarem-se-me, os olhos encherem-se-me de lágrimas, o sopro vital quási abandonar-me.

Todo o meu sistema nervoso se contrai, tôdas as fibras do meu corpo dão de si, e um grande vazio moral apodera-se-me da alma como se no mundo eu só existisse, ignorando tudo e através dele perseguido e amaldiçoado fôsse obrigado a caminhar de surpresa em surpresa, de ameaça em ameaça, de abismo em abismo, até me perder e me sumir na noite imensa do misterioso.

Olho transido à minha volta e tenho a impressão que a sala onde escrevo está cheia de fantasmas... de sombras de mortos.

E' minha mãe, é meu pai, é Maria do Céu, todos, todos aqui estão, debruçados sôbre a mesa ordenando-me que escreva... que diga a verdade.

Mortos queridos, únicas saüdades do meu triste passado, sossegai.

Que nada perturbe a paz das vossas tumbas abandonadas. Escreverei tudo, direi tudo, obedecerei ao vosso invisível mandato, como se minha voz fôsse o eco de vossas vozes, como se minha alma guardasse a essência pura das vossas almas de eleição.

Cheguei ao ponto mais doloroso do relato da minha vida.

Tudo quanto se vai ler para diante é ignóbil, é trágico, é horrível e é-o por ser a expressão nítida da verdade.

Terei coragem para escrever?

Sim, tenho-a; um homem na minha situação possue coragem para tudo, para os maiores sacrifícios e para os maiores cinismos.

*
* *

Matei-a com veronal, que a muito custo consegui em dose suficiente.

Sabia que o coração sempre debil de Maria do Céu e sua compleição fransina não resistiriam ao veneno, mas se resistissem eu próprio em momentos terminaria a sua obra.

Foi a seis de Novembro de 192...

Lembro-me como se fosse hoje.

Nunca mais esquecerei esta data.

Ela é fatal, definitiva na minha vida.

Não sei porquê desde que me levantei aquele dia pareceu-me propício.

Pareceu-me o dia destinado pelos fados para o golpe final.

Li, certa vez, que os grandes acontecimentos, realizações e conquistas, os extraordinários sucessos que revolvem ô mundo, bem como todos os impulsos da alma humana, delitos, desejos, loucuras, ambições e apetites têm já de antemão fixados pelos incógnitos desígnios que regem a humanidade, datas e momentos oportunos. E que essas datas e esses momentos são sempre assinaladas às creaturas umas vezes pela inteligência, outras por inspiração súbita, tam célere que sua velocidade só se pode comparar à da luz, e outras ainda por predisposição especial que as arremessa e domina.

Despresados porém êsses misteriosos auxílios, essa espécie de incitamento espiritual e moral, é raro a ocasião, o momento tornar a proporcionar-se no decorrer dos tempos e até às vezes no rolar monótono da vida.

Li isto e não acreditei; contudo, o certo é que naquele dia sentia em mim qualquer coisa de novo, de corajoso, fôrça e ânimo sôbrenaturais, que jamais experimentara, segredando-me ser aquela a hora que devia aproveitar.

Ser aquela a minha hora de acção.

Não hesitei. Não vacilei. Fui para deante como se o acto que resolvera praticar fôsse o mais simples, natural e fácil.

Pela manhã recolhi-me no atelier pensando em tudo, calculando tudo, sondando os sentimentos e convencendo-me à medida que o fazia

que todos os preconceitos que até então me tolhiam estavam vencidos e subjugados.

No bolso do meu casaco estava o veneno e por várias vezes o olhei, por várias vezes o toquei, ansioso por descobrir em cada uma das suas moléculas o germen de destruìção e de morte.

De quando em quando, cautelosamente, entreabria a porta e punha-me à escuta, espiando o movimento da casa. Aproximava a hora do almoço e nunca, como nesse dia, ela me pareceu tam lenta e vagarosa a chegar.

Agora tinha pressa de assassinar Maria do Céu, de acabar com aquela mulher, e os minutos, os segundos, as mais ínfimas parcelas de tempo eram para mim eternidades.

Decidira, num golpe de audácia, audácia de verdadeiro criminoso, envenenar o vinho que Maria do Céu costumava beber. Era porém, preciso fazê-lo sem que ninguém suspeitasse.

Receava muito os meus nervos. Temia que me traíssem, me fizessem ter qualquer precipitação... me perdessem.

Tentei o golpe com prudência e cautela. Saí do atelier e naturalmente dirigi-me à sala de fumo contígua à de jantar e com ela comunicando por uma larga porta envidraçada que se conservava sempre aberta.

Um creado punha a mêsa e ao vêr-me não estranhou.

Tinha por hábito, meia hora antes de almoço, lêr naquela sala os jornais da manhã.

Nesse dia, escusado será dizer, não li nada.

Seguia os movimentos, os passos do creado sem lhe perder um só, esperando ansioso que êle terminasse e saísse.

Levantei-me, acendi um cigarro e abri depois a janela sôbre o jardim.

Fiz isto tudo quási maquinal, quási como autómato, impelido pelos nervos, por qualquer coisa superior à minha vontade, que por completo me dominava.

Olhei para fóra sem nada ver, sem em nada reparar e assim estive não sei quanto tempo.

Súbito, e como se o instinto me sacudisse, voltei-me e vi-me sòzinho no aposento. Senti-me tranzido por um frio interior, as mãos tremeram-me, mordi os lábios e com precipitação e alvorôço, apoderei-me da garrafa do vinho e deitei-lhe dentro todo o veneno.

Os pós brancos aderiram em parte às paredes do cristal, em parte ficaram boiando à superfície do líquido. Então, desvairado, agitei o vinho até desaparecer todo o vestígio da droga.

No momento preciso em que com mão indecisa pousava a garrafa, ouvi passos no corredor.

Afastei-me apressado e quando Maria do Céu entrou na sala já eu mergulhara na leitura do jornal.

A sua voz despertou-me.

— Ah! exclamei, numa falsa surpresa.

— Queres almoçar?

— Pois sim... volvi, quási em surdina.

Ela sentou-se à mêsa e mandou servir.

Eu fiquei sem coragem de me aproximar.

Maria do Céu tornou meiga, quási cariciosa:

— Rogério, vem, arrefece, meu filho.

— Vou já, deixa-me acabar de lêr êste artigo.

Não lia nada.

Não estava mesmo em estado de pensar em nada.

Sentia impossibilidade completa, absoluta de me levantar, de caminhar de fazer qualquer movimento.

Uma fôrça desconhecida, subjugadora, cadeias diabólicas, mãos invisíveis de aço e de bronze prendiam-me à cadeira, tolhiam-me os músculos, aniquilavam-me os movimentos. Deixei descair a cabeça sôbre um dos ombros e fiquei-me emparvecido, olhando o tapete onde o sol desenhava pequeninas figuras geométricas rútilas e vivas. O espaço era azul, dum azul quási transparente e a cidade acariciada pelas tintas suaves daqueles últimos dias de outono estava cheia de encantos e de beleza.

O inverno anunciava-se esplendido de atractivos, de festas e de espectáculos.

A vida moderna triunfava, erguia seus braços cingidos pelos rútilos bracelêtes das paixões, dos vícios elegantes, dos desejos sensuais das noites rubras de amor e de boémia. Mulheres de corpos ondulantes, mulheres cujo andar tinha o ritmo das sereias, vitórias efémeras da efémera formosura humana, enchiam as ruas, as avenidas, os clubs, todos os recintos do prazer e da moda.

Riam, gosavam a existência, a magia, a atracção e as tentações que ela possue e são a um tempo agradáveis e devastadoras. O apogeu do século, o advento da cidade nova, da cidade moderna sem desigualdades, livre de misérias, de pustulas sociais, onde tudo seria alegria e confôrto, paz e felicidade teria em breve completa e definitiva realização. A existência prometia transformar-se e aperfeiçoar-se mais e mais, proporcionando ao indivíduo uma era de bem-estar e de civilização.

Chegara a ocasião, a hora culminante para o mundo, em que o homem em todos os campos e em todos os ramos da actividade e da inteligência, em tôdas as matérias, assuntos e aspectos do pensamento seria um dominador consciente e um iluminado sereno, calmo, reflectido.

Eu sabia-o, pressentia-o e a convicção, a quási certeza de que Maria do Céu, aquela mulher estuante de mocidade, a mulher que amara, que amava ainda, não poderia gosar e apreciar o triunfo da vida e seria dentro em horas um cadáver talvez enegrecido, talvez hediondo, desmoralizava-me, tornava o meu crime monstruoso, injusto, infame.

Um suor frio, suor glacial, suor de agonia, suor como nunca senti nem jámais sentirei banhou-me todo quando vi Maria do Céu servir-se de vinho. Do vinho que eu envenenara, do vinho que a ia matar.

Fechei os olhos, apertei as fontes, quiz gritar, quiz avisá-la, mas estava afono, a língua colada ao palatino e uma paralisia de todos os órgãos, músculos e nervos amarrava-me agora mais sòlidamente à cadeira.

Essa horrível impressão de impotência e de aniquilamento durou pouco, cinco minutos se tanto.

De chofre levantei-me, de ímpeto arremessei o jornal e sem querer, insensivelmente, olhei Maria do Céu.

Nada de anormal se passara. Ela bebera já sem de nada suspeitar. Conservava as suas côres, a sua boa disposição, comia com apetite, saboreando lentamente os alimentos. Sentei-me à mêsa taciturno e quando pela segunda vez,

diante de mim, ela levou o copo à bôca, vieram-me ânsias de impedir que ela bebesse, de lhe dizer tudo, de me acusar, de fugir, de a libertar, de me matar.

Era já tarde, muito tarde, porém.

O mal estava feito, o delito consumado e agora que o começara era necessário levá-lo até ao fim, sem hesitações, sem me deixar dominar pela cobardia.

Não se descreve, não se pode descrever o meu estado de espírito nesse atroz momento. Quem quizer que calcule e avalie a minha situação. A situação do assassino em frente da vítima.

A ver, a saber que ela se estava envenenando, a praticar friamente e lentamente o crime, a querer por um lado impedi-lo e a sentir por outro cada vez mais forte, mais dominadora, mais selvagem a vontade, a necessidade de matar. E êste último desejo venceu definitivamente, acabou por firmar seu intenso domínio sôbre mim.

Quando lhe vi o copo vasio eu próprio numa amabilidade, amabilidade que me podia ter comprometido, lho enchi novamente.

Mas os meus nervos já não podiam mais suportar a pressão a que há tantas horas os obrigava e derramei o vinho sôbre a toalha.

Maria do Céu olhou-me desconfiada, estupefacta.

Que olhar, Deus meu, que terrível e insuportável olhar.

Ainda hoje o sinto, ainda hoje êle me persegue e me queima.

Còrei, baixei confundido o rosto.

Maria do Céu bebeu mais um gole, sorriu, pôs-me a mão no braço e perguntou-me se tinha trabalhado muito pela manhã, se me tinha cansado, sim, porque era necessário não me fatigar.

— Achas-me qualquer coisa? — perguntei receoso.

— Pálido, excitado.

— Ah! é a minha eterna doença.

— Deves modificar-te, isso envelhece-te, esgota-te.

— Será assim até ao fim.

Respondia sem a olhar, desejoso que a conversa e o almoço terminassem.

Tomei à pressa meia chávena de café. Levantei-me da mêsa. Não podia mais.

Tinha receio que ela começasse a sentir-se indisposta, lhe surgissem os vómitos, lhe empalidecesse a face, e os olhos começassem a revirar-se-lhe nos pronúncios de agonia dolorosa. Receava cobardemente vê-la morrer, vê-la acabar.

Fugi aterrado, perseguido por sombras fantásticas, enormes, horrorosas. Sombras que me cercavam, que me não deixavam caminhar, agarrando-me pelos braços, pelas pernas, pelo tronco, pelos cabelos.

Sentia nos ouvidos rumores estranhos, indecifráveis, rumores de enlouquecer e de desnortear. Murmúrios e gritos, soluços e pragas, anatemas e insultos. Dir-se-ia que a meu lado estava alguém a acusar-me, a escarnecer-me. Assim, neste estado, neste nervosismo, nesta tremenda tortura não sei quanto tempo passou.

Duas... três... quatro horas... não sei... não posso calcular.

De repente, como se acordasse dum sonho ou duma letargia prolongada, ouvi um creado chamar-me aflitivamente.

— Senhor Rogério... senhor Rogério... a senhora está mal... muito mal... morre... vai morrer!

Abri a porta, num repelão.

Respirei fundo, simulei espanto, consegui soltar um grito de dôr e fiquei no mesmo sítio sem coragem de me aproximar, sem poder dar um passo.

Defrontar-me com a minha vítima, vê-la morrer era horrível, era quási impossível. Num supremo esfôrço, chamei a mim todo o meu sangue frio e a passos lentos, cambaleante, dirigi-me ao aposento para onde tinham levado Maria do Céu.

O que então se passou foi espantoso.

E' preciso ser-se muito cínico, muito hipócrita, possuir como eu então possuia um estôfo e instinto de verdadeiro criminoso, é necessário que por completo e em absoluto a paixão, o ciúme nos tenham cegado para representar o ignóbil papel que então representei. Nesse momento, olhando-me intimamente, é que vi, é que tive a nítida consciência de quam baixa, infame e repugnante era a minha alma. Alma de assassino, alma negra e traiçoeira de sicário.

Quando vi Maria do Céu sôbre o leito debatendo-se ainda nas vascas da agonia, a baba esbranquiçada escorrendo-lhe da bôca, os olhos vítreos, entreabertos, as mãos enclavinhadas, o ventre ligeiramente inchado, quando a vi assim despedir da vida, rodeada pelos creados que choravam e procuravam em vão chamá-la à existên-

cia, consegui também chorar, soltar exclamações, impropérios, fazer uma grande scena de desespêro, angústia e dor. No meu íntimo porém rejubilava. No meu íntimo uma grande aleluia se erguia e aquele cadáver era-me absolutamente indiferente.

Os creados atarantados não sabiam que fazer. Um dêles lembrou um médico.

A esta idea estremeci, olhei-o com ódio e atirei um nome—Jorge Vaz, o meu melhor amigo.

Chamado telefònicamente, Jorge Vaz só chegou daí a meia hora.

Corri a recebê-lo e cai-lhe nos braços debulhado em lágrimas.

Ele comovido abraçou-me.

Levei-o ao aposento onde Maria do Céu jazia. Jorge Vaz estremeceu visivelmente impressionado.

Olhou com respeito e carinho o cadáver, tomou-lhe o pulso, entreabriu-lhe os olhos e numa voz funéria, voz adequada ao acto, balbuciou comovido:

—Nada há a fazer, coitada!

Saímos do quarto cabisbaixos e sem trocarmos palavra.

No corredor, Jorge Vaz poz-me amigàvelmente a mão no ombro e em tom de confidência perguntou-me se minha mulher sofria de qualquer doença grave ou se tomava excitantes.

Senti-me empalidecer.

Respondi vagamente que nos primeiros tempos do nosso casamento Maria do Céu se queixava freqüentes vezes de dores sôbre o coração e prescrutando-o com a vista pedi-lhe para me dizer a que atribuia a morte.

— Se queres que te diga é difícil responder à tua pergunta. Só a autópsia o revelaria, mas é claro nem se pensa nisso. Julgo que fôsse a rutura de qualquer vaso importante, há casos, sabes há casos. Enfim... um acidente... desagradável acidente... Vou passar a certidão de óbito.

Calçou as luvas vagarosamente, mergulhado nos seus pensamentos, absorto, abismado.

Tornou a abraçar-me, prometendo voltar mais tarde, pela noite, para me fazer companhia.

Fiquei só. Só junto do cadáver de Maria do Céu, do cadáver da minha vítima. Oh! que horrorosos, que trágicos, que indescritíveis momentos. Não me podia aproximar, não a podia ver. A sua face esmaecida, banhada pelo clarão pálido e amarelado das velas, ganhara imaterial bondade e estranha e impressionante candura. As pálpebras muito transparentes pareciam deixar ver os olhos, e os olhos, os olhos dela, estavam fixos em mim. Seu olhar perseguia-me, trespassava-me e ao mesmo tempo seus lábios pareciam descerrar-se para me acusar, para me invectivar ou talvez para me dizerem palavras de perdão. Mudei de sítio. Refugiei-me tranzido no extremo do aposento e até lá seu olhar me perseguia fixo e terrível.

Surgiram-me então desejos epilépticos, selvagens de a esbofetear, de a despedaçar, mas, perante a serenidade e rigidez do cadáver, todo estremeci sentindo-me impotente e miserável. Abandonei aquele aposento onde ela estava, onde estava sobretudo o seu medonho olhar. Vagueei pela casa considerando tôdas as coisas num espanto, como se tudo fôsse para mim desconhecido, como se nela fôsse um estranho.

Vieram-me chamar para jantar e então ao sentar-me à mêsa, ao ver o logar de Maria do Céu vazio, perante a certeza que ela nunca mais, nunca mais o ocuparia, que o meu lar estava desfeito e estava perdido, chorei; as lágrimas refluiram-me do coração aos olhos, sincera, franca, irrepremivelmente.

Lágrimas que foram um bâlsamo, que foram o derradeiro sofrimento de minha antiga vida, da vida que para mim tinha seu epílogo naquele dia.

Depois de as ter chorado, tive a consciência, a certeza, vi que estava enfim livre, só, senhor de mim e compulsando o meu **eu**, o meu sub-consciênte, não ouvi erguer-se-me na alma a voz do ciúme.

Grande alegria, intensa satisfação, a alegria e a satisfação interior que se apodera de todos os homens quando se sentem desembaraçados dum enorme suplício moral, começava a invadir-me.

Mas não me deixei levar, não me deixei arrastar.

Era indispensável não esquecer o meu papel de viuvo, o meu desgôsto e dor. Era indispensável não deixar de ser hipócrita e de ser cínico.

À noite veiu chegando gente. Abraçavam-me compungidos, balbuciando palavras ininteligíveis.

Eu soluçava, os olhos vidrados de lágrimas e a um ou outro mais íntimo lamentava em breves palavras a minha desdita. Teodoro Manfredo e Jorge Vaz procuravam a todo o transe confortar-me, aconselhando-me paciencia e resignação. Teodoro, então, não me perdia de vista e a espa-

ços limpava os olhos, contava scenas da vida de Maria do Céu que êle conhecera desde pequena, dizia-me palavras verdadeiramente paternais. Tive nesse dia a prova de quanto êle me estimava, de quanto me era dedicado, mas ao ouvi-lo, ao vê-lo tam sinceramente comovido causava-me calafrios a idea que aquele homem ficaria fazendo de mim, a surpreza que lhe causaria, se lhe dissesse que era um assassino, que tinha sido eu que envenenára Maria do Céu, que tôdas as minhas atitudes eram fingidas, falsas, estudadas.

Em pouco tempo a câmara ardente encheu-se de mulheres. Gente que eu não conhecia, amigas de Maria do Céu, outras que vinham por cortezia, por obrigação, por dever de sociedade.

Ao ouvi-las, ao vê-las depôr sentidamente flores sobre o caixão de minha mulher, espevitando as velas, falando em voz baixa, quási em surdina, mostrando os rostos velados por tristeza convencional, odiei-as profundamente. Odiei-as por não me deixarem só, por não permitirem com a sua presença que eu gozasse à vontade, que saboreasse à vontade aquela primeira noite de calma, de tranqüilidade, de paz de espírito. Aquela primeira noite de homem livre.

Odiei-as por me obrigarem a representar contìnuamente o meu ignóbil papel, por ao verem-me nos corredores, ao encontrarem-me em qualquer sala se pôrem a fitar-me, a observar-me, a falar de mim, a lamentar-me. Ia-me sentindo cansado, impotente para continuar a exteriorisar uma dôr e um desgosto que não sentia. Mas isto ainda não foi tudo. O destino reservava-me outra

provação. Às onze da noite chegou Madalena Silveira. Vinha tôda de luto, mal podendo articular palavra, comovidíssima, nervosa, os olhos macerados de chorar.

Procurou-me e caiu-me nos braços sacudida e sufocada.

Atrás dela, olhando-nos entre admirado e comprometido, estava um homem baixo, atarrecado, de lunetas e dedos refulgentes de aneis.

Era o futuro marido.

Passada a crise, Madalena enxugou os olhos com o seu lenço de sêda, respirou fundo e com indiferença apresentou-nos.

Êle abraçou-me gravemente.

Pareceu-me antipático, pretencioso, grotesco. Ficamos os três calados, num embaraço, sem encontrarmos qualquer palavra a dizer.

Madalena olhou-me e eu olhei-a e não pudemos retirar os olhos um do outro, como se estivéssemos hipnótisados, como se idêntico fluido sobrenatural nos tocasse as almas e as consciências. Assim passaram não sei quantos segundos, não sei quantos minutos, segundos e minutos insuportáveis em que o meu instinto de defeza me aconselhava ser urgente livrar-me da estranha influência daquela mulher. Pressentia qualquer coisa de desagradável, de perigoso para a minha liberdade, para o meu segrêdo a avançar para mim, a envolver-me pouco a pouco, a sufocar-me, a estrangular-me como o polvo sufoca e estrangula a prêsa. Madalena suspirou e com voz velada pediu-me para a acompanhar junto do cadáver de Maria do Céu.

Já o tentara fazer, dizer-lhe adeus, dar-lhe

um grande beijo, mas não podia, não podia . . . faltava-lhe a coragem.

Só comigo, só sentindo-me perto dela, podendo apoiar-se ao meu braço, lhe viria um pouco de ânimo e de resolução.

Fingi não a ouvir. Ela insistiu, nervosa.

— Rogério, peço-lhe que me acompanhe. Vá, faça êsse sacrifício. Quero olhá-la, quero vê-la, eu que tanto a estimava ao mesmo tempo que você que tanto a amava. Sòsinha, tenho mêdo, sabe, mêdo.

A sua voz era trágica, dolorosa, arrepiante. Sua voz parecia-me um brado de além-túmulo, um desafio e uma ameaça. O cinismo, a hipocrisia, tôda a minha energia moral evolavam-se, abandonavam-me escorraçadas por aquela voz que era a exteriosação completa, sinceríssima da dôr e da amargura. Vi-me perdido, desnorteado, desmoralisado. Vi a meus pés aberto, escancarado o abismo da descoberta do meu crime. Abismo no qual miseràvelmente ia cair arrastado, impelido pela mão daquela mulher. Era indispensável tomar qualquer resolução. Não podia, não devia ser outra senão afrontar, zombar do próprio perigo.

Ofereci-lhe o braço.

Atravessei com ela o corredor.

Mas não era eu que a levava, não era eu que conduzia aquele pobre corpo e aquela amargurada alma martirizada por um desgôsto verdadeiro.

Era ela, que me obrigava a acompanhá-la, que me subjugava. Sentia o seu domínio, o seu tremendo domínio e se ela tivesse pronunciado uma palavra, emitido uma opinião sôbre a morte,

recordado qualquer episódio da vida passada, se se houvesse referido ao nosso amor, estou certo que naquele momento ter-lhe-ía dito tudo e tudo confessado.

Ao entrar na câmara ardente abafada e impregnada do desagrável cheiro das velas e do arôma das flôres moribundas, ao encarar com o cadáver seráfico e impressionante, Madalena fez-se pálida, vacilou, teve uma contracção brusca como se fôsse percorrida por potente corrente electrica, olhou-me esgaseada e caiu sem sentidos.

Amparei-a a custo. Amparei-a satisfeito. Estava salvo.

Seguiu-se enorme confusão.

Tôda a gente se levantou para a socorrer, para a levar dali.

Consegui então recuperar as fôrças perdidas.

Corri ao atelier e tomei dois cálices de licôr.

O álcool actuando-me sôbre os nervos calmou-os, reconduziu-os ao seu lugar, deu-me novas energias, ergueu-me do pântano onde estava prestes a atolar-me.

Quando voltei à sala, Madalena já entreabrira os olhos, já falara, já dera acôrdo de si.

Jorge Vaz ministrara-lhe um frasco de sais e numa voz cariciosa aconselhava-a a retirar-se, a descansar. Voltaria no dia seguinte. Voltaria quando estivesse mais calma.

Aproximei-me receoso. Ela apertou-me a mão e com os olhos toldados de lágrimas, balbuciou:

— Meu amigo, meu pobre amigo!

Ergueu-se a custo do divan onde a tinham deitado.

Foi ao espelho, colocou o chapéu e despediu-se. Acompanhei-a até ao vestíbulo.

O noivo, o homensinho insignificante, descera já as escadas.

Madalena atirou-me os braços ao pescoço e apressada disse:

—Queria-lhe falar, Rogério. Dizer-lhe uma coisa grave, muito grave mesmo. Amanhã, amanhã será·

E desapareceu rápida, sacudida, nervosa.

Fiquei interdito.

O resto da noite passei-a a pensar na fraze de Madalena.—Uma coisa grave, muito grave mesmo.

Que poderia ser?

Que me poderia querer aquela mulher?

Aquela mulher, a única amiga íntima de Maria do Céu e provavelmente a sua confidente, sabedora dos seus segredos, dos seus vícios, dos seus amores.

Que me poderia querer?

Naturalmente Maria do Céu dissera-lhe tudo. Contara-lhe tudo. Tudo quanto entre nós se passara. A nossa vida íntima, o meu ciúme, a existência do amante, as cartas escondidas, aquelas cartas que ela não tivera a precaução de queimar, de destruír.

«*Uma coisa grave, uma coisa muito grave*».

Sim, era-o.

Era-o sobretudo para mim, para a minha liberdade, para os meus desígnios, para a minha vida futura.

Matara, assassinara, cometera o crime sem me lembrar de Madalena, sem nela pensar, sem me recordar dos laços de estima que a ligavam

a Maria do Céu, sem ver que ela podia tornar-se a minha denunciadora, a minha perdição.

Maria do Céu morrera.

Maria do Céu fôra assassinada por mim num requinte feroz, numa exaltação ciumenta e doentia.

Desaparecera. Sumira-se. Era um cadáver... mas ficara Madalena.

Ficara aquela mulher enigmática, fria, reservada e irónica.

Aquela mulher de olhos metálicos, de gestos bruscos, de palavras sibilinas.

Ficara como sombra, como espectro de vingança e expiação pronto e decidido a perseguir-me, a não mais me deixar.

Que me quereria ela?

Que revelações, que mistérios, que coisas medonhas, ignóbeis e infames a sua conversa não me revelaria?

Como começaria a contar-me, a dizer-me quanto sabia, quanto Maria do Céu lhe tinha confiado, tudo o que adivinhara, suspeitara ou desconfiara?

Como seriam os seus olhares, silêncios, maneiras, atitudes, a sua voz ao encontrar-se a sós comigo, ao deixar transparecer a certeza que fôra eu que assassinara... que eu era um criminoso?

Se lhe contasse tudo, se lhe abrisse a minha alma, se lha revelasse, tal qual como era, sem artifícios, sem dissimulações, sem roupagens falsas, sinceramente, francamente, compreender-me-ia, perdoar-me-ia ela?

Oh! não, decerto que não.

As mulheres por mais inteligentes, sentimen-

tais e bondosas que sejam nunca perdoam os nossos crimes, quando êsses crimes ferem uma sua irmã, uma sua companheira.

Então, por mais razão que nos assista, todos nós temos aspectos de monstros, de miseráveis e só se de todo em todo não podem é que não nos perdem e não nos entregam nas mãos da justiça.

Madalena não me compreenderia.

Madalena não me perdoaria.

Sabia, tinha a certeza disso.

Mas mesmo que me compreendesse, mesmo que me perdoasse, não tinha coragem para me defrontar com ela. Não podia ouvi-la falar em Maria do Céu, dizer-me que ela tinha tido um amante.

Um amante que lhe chorava a morte, a desejava ver pela derradeira vez e num impulso talvez irrefletido mas perdoável, apelava para a minha piedade, para a minha generosidade, conscio de que eu consentiria a sua vinda, a sua odiosa presença.

Passei tôda a noite a tomar café, a fumar cigarros, a passear pelo corredor, a espreitar à porta da câmara ardente num desvario, num nervosismo, numa exaltação sempre crescentes.

Jorge Vaz, Teodoro Manfredo e alguns amigos falavam-me, aconselhavam-me sossêgo, pediam-me que repousasse.

Não os ouvia.

Estava fora de mim, excitado, estúpido, o cérebro esvaído, a alma incapaz de se manifestar, o espírito adormecido, delirado sob a acção dos excitantes.

Por fim, já madrugada, atirei-me como fardo para um sofá e adormeci.

Dormi, uma, duas, três, sei lá quantas horas. Dormi um sono de chumbo, sono como nunca tinha dormido. Dormi como um animal, como um bruto, como um selvagem.

Quando acordei era manhã.

O sol entrava a custo pelas frestas das janelas. Tôda a casa mergulhada na penumbra tinha um ar soturno, insuportável.

Perto de mim estavam dois homens conversando em voz baixa.

Num deles todo vestido de preto, impressionantemente vestido de preto, reconheci o noivo de Madalena.

Olhei-o enfastiado, aborrecido.

Êle aproximou-se untuoso e servil.

Estendi-lhe a mão com indiferença, mas quando êle me disse que Madalena não podia vir, estava doente, obrigada a ficar no leito devido à comoção sofrida na véspera e o encarregara de me acompanhar, de me confortar de me ser prestável no que quisesse, vieram-me desejos de o abraçar, de o beijar, de o tratar como se êle fosse o meu maior amigo.

Sorri; êle sorriu também.

Sem saber porquê, insensìvelmente, comecei a falar-lhe de arte, de política, de tudo enfim quanto pude encontrar que me distraísse, que afastasse a idea que no quarto próximo jazia morta, morta por mim, Maria do Céu.

Falava fluentemente, com claro raciocínio, perfeita compreensão dos factos, das coisas, dos homens e dos acontecimentos.

Êle ouvia-me interessado e pela sua fisionomia, pelo o espanto que a minha conversa

lhe causava, ia constatando os progressos da minha inteligência.

Livre daquela mulher era outro homem. Era tal como tinha sido, como sempre deveria ser.

Um triunfador.

Um dominador.

Todo o meu *eu* estava completamente senhor dos seus actos e desígnios, encarando a vida de frente, sem vacilar, sem tergiversar.

Deixara de ser um autómato. Deixara de ser um fantoche.

Compulsando o meu íntimo, a minha alma, via que ela estava deserta de qualquer preocupação, aliviada do pêso do ciúme, respirando, agindo livre, magnificamente.

Não acompanhei Maria do Céu ao cemitério.

Os meus amigos impediram-mo de o fazer.

Eu também não insisti.

Quando o féretro chegou à rua espreitei por uma das janelas e nesse momento, ao vê-la ir, ao vê-la desaparecer para sempre, vieram-me âncias de soltar uma sonora gargalhada, de dizer a todo o mundo que vencera, que soubera desfazer-me daquela mulher infame cujo amor estragara o melhor da minha vida.

*

* *

Decorreram dois meses.

No turbilhão da cidade, na vertigem da vida moderna a morte de Maria do Céu esqueceu e passou bem depressa.

A existência corria-me fácil, serêna, agradável.

Preparei tudo para uma viagem ao estrangeiro.

Viagem através da qual gosasse e me aturdisse, conhecesse novas mulheres, novas cidades, novos países, no amor e nos aspectos dos quais encontrasse assuntos e originalidades para enriquecer a minha arte.

Certa manhã, ao ler o jornal, caíu-me sob os olhos a notícia do próximo casamento de Madalena Silveira.

Estremeci.

O seu rosto macerado surgiu-me. Suas palavras reboaram a meus ouvidos.

«Uma coisa grave, muito grave mesmo».

Que poderia ser! Que me quereria ela?

Ignorava-o.

Não precisava mesmo sabê-lo. Para quê ressuscitar cadáveres? Para quê tornar a peregrinar pelas sendas de tortura e do martírio?

Para quê descer da luz à escuridão, da beleza à matéria, da felicidade ao pesadelo, agora que a vida me sorria, me convidava, me acolhia abrindo-me os braços cheios de ilusões e promessas esplendidas?

Não o queria saber. Não precisava sabê-lo. Minha vontade era até nunca mais falar a Madalena, nunca mais a ver, nunca mais dela me lembrar, nunca mais a sentir perto de mim, a ressuscitar pela sua presença, Maria do Céu.

*

* *

Por uma manhã clara e suave embarquei no *Prince Georges* com destino a Alexandria.

Vista de bordo Lisboa pareceu-me bem pequena e bem miserável para o meu sonho, para a minha ambição e para a minha glória.

No alto mar tirei o fato de luto.

Vesti-me elegantemente e fui tomar chá no grande salão do paquete.

Daí a momentos dançava o charleston com uma italiana gentil, de elegância requintada.

Assim comecei a minha nova vida.

Entre os braços sensuais duma mulher, os acordes febris duma orquestra moderna e a imensidade maravilhosa e triste do oceano.

XIII

Céu côr de turquêsa pálida. Mediterrâneo azul.

Um paquete, um grande paquete singrando a muitas milhas à hora.

Todo o confôrto, tôda a comodidade, todo o luxo da vida moderna.

Concerto a bordo. Creados de casaca.

Luz electrica iluminando tudo, fazendo ressaltar o branco e o oiro das decorações.

Jantares à americana, ceias regadas a champagne, chás servidos em porcelanas raras.

Paquete de turismo e de milionários.

Não há terceira classe. Não há porões infectos onde em horrível promiscuidade se acumule o gado humano.

Smokings e vestidos de baile, cigarros de ponta de sêda e charutos caros, aromáticos, perturbadores.

As antênas da T. S. F. vibram em ruídos sêcos e cavos.

Notícias de Paris, de Londres, de Nova--York... do mundo.

O Jazz-Band entôa o *God save the King*.

Os inglêses aplaudem.

As misses loiras sorriem indiferentes. Ha uma que parece um desenho futurista.

É a filha do alto comissário do Egipto. Vinte e sete anos. Não fuma e não bebe. Em compensação embriaga-se com éter, e o éter, o seu abuso, tornou-lhe a péle translúcida, quási diafana e deu-lhe ao rôsto uma coloração macia e meiga onde ressalta e grita volupias infrénes o rubro de seus lábios sensuais. Tem também uma amante. Uma amante egípcia, muito engraçada, muito infantil que de quando em vez se perde em devaneios, olhando o mar com os seus grandes olhos verdes, semelhantes a duas esmeraldas de tesouro antigo. Passa a bombordo um dreadnought francês, depois outro, logo a seguir um submarino e na linha do horizonte descobrem-se já mais unidades.

É a esquadra francêsa em manobras no Mediterrâneo.

O *Prince Georges* abranda a marcha e saúda.

As máquinas parecem dominadas por qualquer gigante invisível.

As antênas da T. S. F. fremem mais nervosas, mais exaltadas.

— *Bon voyage.*

— *Vive la France!*

— *Urrah pour l'Anglaterre!*

E no deck, perfilada e soléne, a orquestra ataca a Marselheza.

Os acordes entusiásticos do hino parecem encher os espaços, dominá-los, espiritualisá-los.

Uma salva de artilharia dum dos dreadnoughts agradece e o *Prince Georges* retomando a sua velocidade saúda ainda mais uma vez, enquanto imponente e magnífica a esquadra vai desaparecendo nas névoas oceânicas.

Cai o crepúsculo.

Crepúsculo rôxo sôbre as águas azuis, dum azul carregado, intenso, soturno.

O sol mergulha ràpidamente nas águas tranqüilas e no firmamento surgem as primeiras estrêlas.

À noite dança-se e conversa-se.

O salão de fumo, as salas de leitura, os *bars* dão a idea de qualquer club do boulevard Haussman ou de Regent Street, de qualquer circo literário ou café de Whilhelm Strass ou da Puerta del Sol.

Intriga-se, mente-se, calunia-se.

Discute-se política, arte, literatura e desporto. Uma americana, viúva dum milionário, conta as impressões da sua última viagem aérea.

Diz-nos depois o seu destino.

Vai ao Cairo assistir à filmagem duma película de aventuras extraída duma novela de que é autora.

Lord Greeg, egiptologo afamado, disserta sôbre as múmias dos faraós, sôbre os tesouros do vale do Nilo e explica a um jornalista romaico a evolução da cultura assírica.

Vicente Diaz, caricaturista espanhol, afundado num maple, fuma melancòlicamente, os olhos semi-cerrados, um impercetível sorriso na comissura dos lábios como se estivesse zom-

bando de tudo quanto o cerca, quanto ouve e quanto vê.

Vão aqui representantes de todo o mundo civilizado, de tôda a Europa, de tôda a América e todo o mundo civilizado, tôda a Europa, tôda a América ambiciona desembarcar no Oriente, gosar-lhe o scenário fantástico das cidades, devassar-lhe os sonhos, iniciar-se na sua volupia, aturdir-se nos braços das suas mulheres, mergulhar nos seus recantos de prazer desenfreado.

Mas o Oriente ainda está longe e apesar do *Prince Georges* devorar as milhas que dêle nos separam, a viagem, esta viagem entre céu e mar, entre dois lagos azues, muito azues, impressionante, inalteràvelmente tranqüilos e calmos, vai-se tornando aborrecida e monótona.

Compreendendo-o e sentindo-o, Ivette de Lorme, bailarina francêsa contratada para a ópera do Cairo, quiz ter a amabilidade de nos deliciar certa tarde com a maravilha estilisada dos seus estilisados bailados clássicos.

Depois houve chá. Chá seguido de danças modernas e foi então que conheci Rosário Gonzalez.

Rosário era uma rapariga alta, esguia, de cabelos negros, perfil aquilino e de olhos profundos, imensos, enigmáticos.

Fumava muito, fumava sem cessar, como para matar o tempo ou esquecer qualquer desgôsto.

Interessou-me, impressionou-me aquela mulher e tentei aproximar-me.

Convidei-a para um tango.

Ele ergueu para mim os olhos, os seus grandes olhos e acedeu.

Acedeu maquinálmente, por cortezia, talvez por necessidade de se aturdir, de se sentir envolta na volupia tam moderna da dança.

Quando acabamos sentei-me a seu lado e dissemos então as primeiras palavras.

Ao saber-me artista fixou-me atentamente, com simpatia. Simpatia misturada de curiosidade e comoção que sua alma misteriosa foi impotente para dissimular.

Eu sentia-me atraído e fascinado.

Atraído e fascinado pela sua beleza esquisita, pelo fluido terno de seus olhos, por sua inteligência e cultura e ainda porque precisava amar, dedicar-me a alguém, ter perto de mim uma mulher que com seus carinhos, meiguices e infantilidades acabasse por dissipar as sombras que me povoavam o espírito. Acabasse por de todo me fazer esquecer o meu crime.

Passaram dias.

Certa noite, noite serena cheia de estrêlas e de reflexos sideraes, eu e Rosário levados talvez pelo mesmo anceio e pelo mesmo desejo, viemo--nos sentar na coberta divagando em camaradagem franca, impregnada já de sincera simpatia.

Do salão de música chegavam até nós os acordes da orquestra.

Na amurada um outro inglês veiu debruçar-se prescrutando com o binóculo a imensidão das águas ou olhando o planeta Marte que a oeste brilhava em colorações impressionantes de sangue.

Já tinhamos deixado para trás a ilha de

Malta e no dia seguinte desembarcariamos em Alexandria.

Aproximava-se o fim da viagem e com ela acabava também o meu devaneio, a deliciosa convivencia com aquela mulher a um tempo esquiva e sedutora. E eu não queria, não podia já deixá-la ir, perdê-la, vê-la desaparecer na confusão das ruas de Alexandria, na sordidez dos bairros de Constantinopla, na policromia dos bazares do Cairo.

Através da Turquia e através do Egito seguiria aquela mulher como servo humilde, executaria quanto ela me ordenasse, faria todos os sacrifícios para a prender, para lhe proporcionar as horas mais agradáveis.

Depois quando estivesse cansado, quando estivesse saciado, abandoná-la-ia, esquecê-la-ia, desprezá-la-ia sem mais complicações e sem a mínima hesitação.

Fazê-la minha amante, viver junto dela, acompanhá-la por tôda a parte, mostrá-la aos meus amigos, à cidade, ao mundo, parecia-me tam fácil, tam natural que lho propuz numa audácia, francamente, sem rodeios.

Ela olhou-me surpresa, fixou-me com curiosidade, sorriu e como resposta deu-me um beijo ardentíssimo, um beijo apaixonado sôbre os lábios.

Semi-cerrei os olhos e balbuciei num transporte:

—Meu amor... meu amor.

E de novo as nossas bôcas se uniram. E num amplexo os nossos corpos se juntaram. O dela fremente de luxuria e de volúpia, e meu exaltado de desejo e de sensualismo.

Depois foram as grandes confidências, os grandes segrêdos, tôda a sua vida, ilusões e projectos. Depois foram os momentos inefáveis, deliciosos porque passam dois amorosos nos primeiros instantes de suas relações, aqueles instantes em que suas almas anciosas, insatisfeítas, procuram descobrir, devassar, apoderar-se dos gôstos, das preferências, das paixões dos desejos, das simpatias de cada um.

Rosário era divorciada.

Desde o seu casamento nunca se dera com o marido. Na intimidade, nas pequeninas coisas que constituem o complicado mundo interior êle era um homem grosseiro e ridículo.

Para a alma de Rosário, para a sua alma de rapariga moderna, embalada docemente por sonhos artísticos e delicados, vivendo e ambicionando construír um universo à parte, onde tudo fôsse requinte, harmonia e graça, êle, o marido, com os seus negócios de gado, preocupações cambiais e banalidades, era insuportável pelo materialismo e pela inferioridade dos pensamentos.

Por outro lado, o temperamento ardente de Rosário, o seu temperamento essencialmente sensual de americana do sul, não se satisfazia, não se aplacava com as carícias e beijos do homem a quem se entregara.

Carícias e beijos prodigalisados à pressa, sem fogo, sem entusiasmo, sem volupia.

Duma vez não poude mais.

Duma vez atraiçoou-o.

Fê-lo porém tão desastradamente que o escândalo constou, a alta sociedade de Buenos-Ayres comentou-o, a cidade teve nele o seu caso do dia.

E o divórcio surgiu.

Rosário para evitar dissabores e vexames foi forçada a abandonar a Argentina. O velho mundo e sobretudo o oriente como um deslumbramento fôra de contínuo o seu sonho, a sua aspiração e para os ver, para os sentir de perto embarcara no *Prince Georges*.

Muitas vezes já a bordo pensara em arranjar um companheiro, com o qual pudesse trocar as suas impressões de viagem. Um companheiro, um amante em cujo peito se reclinasse quando à vista do deserto se sentissse exausta e tranzida, cuja bôca fôsse o imaculado sacrário de seus beijos e a volupia a chama inconsumível do seu desejo.

Eu aparecera. Eu era um artista e sua alma, sensibilidade e coração segredavam-lhe baixinho que eu seria o companheiro ideal.

Mas ela tinha-me por um homem moderno, por um homem deste século, por um homem incapaz de se apaixonar, portanto desde já me prevenia sinceramente, lealmente, que não acreditasse na constância do seu amôr, em nenhuma das suas ternuras e carinhos.

Talvez tudo fôsse falso, fingido, enganador.

Que queria eu, ela era assim.

Assim, uma mulher incapaz de se afeiçoar, de se dedicar, de se sacrificar.

Não sabia se tôdas as mulheres seriam o mesmo.

Não sabia se este feitio era bom ou mau.

A verdade, porém, é que ela não se podia modificar.

Riu, perversamente riu.

E com a voz um pouco alterada, nervosa mesmo:

—Não nasci para ser como as outras, a escrava de qualquer homem. Não nasci para que eles me conquistem. Eu é que os apeteço, eu é que os desejo e eles vêem a mim, submetem-se-me, adoram-me. Vêem como tu vieste, como ainda hão-de vir muitos.

Um dia, quando eu menos o suspeitasse, quando acreditasse mais e mais confiasse no seu amor, já ela estaria longe, já me teria abandonado, à busca de outras terras, de outras paragens, de outros motivos, de outros possuídores.

—Eu sou a eterna Insatisfeita, meu amigo.

—Eu sou a Peregrina do Amor e da Volupia.

Os seus olhos faíscavam relâmpagos de perfídia, de luxúria e de deboche.

A bôca tinha um rictus dolorido de expressão amarga e ironia contundente.

O corpo dir-se-ia vergastado pelo algoz terrível e invisível do desejo.

Tôda a sua alma se me mostrava, se me apresentava como indecifrável mistério.

E eu sentia-me atraído. Manietado. Escravisado.

Que ia ser de mim? O que me esperava?

Não o sabia, nem me importava. Um sentimento duplo de amor e de curiosidade impelia-me para aquela mulher.

Despresei todos os perigos, tôdas as ciladas, tôdas as traições.

Procurei-lhe os lábios, beijei-lhos sôfregamente em testemunho de paixão, como a dizer-lho, a garantir-lhe que por ela sofreria tudo e tudo acharia natural.

Arrefecia. Descemos ao *bar*. Pedi licôres e café. Tomámo-los quási em silêncio, quási sem nos olharmos.

Acendemos cigarros e nessa mesma noite Rosária, fremente de desejo, entregou-se-me num amôr exaltado, amor doentio e cheio de sensações fortes, deliciosas, esgotantes.

E assim sepultei o meu crime em beijos, em luxúria e em volupias.

Nos braços tépidos daquela mulher consegui olvidar o cadáver da outra.

E assim tudo quanto até ali no amor me parecera detestável, começou a afigurar-se-me esplêndido e magnífico.

O «*Prince Georges*» vogava serenamente.

Nas trevas da noite avistava-se já o farol de Alexandria.

XIV

Na tarde do dia imediato desembarcamos.

Alexandria com todo o seu encanto oriental, os palácios brancos, os minaretes de mármore, os jardins cheios de palmeiras e de rosas, as ruas movimentadas e coloridas, mostrou-se-nos banhada por um sol muito rutilo e muito brilhante.

Saímos da alfândega entre a turba multa indisciplinada de operários chinezes sordidos e ignóbeis. O nosso hotel, o *England-Palace*, ficava quási no extremo de Alexandria, no bairro elegante e europeu. Da janela do nosso quarto via-se a cidade em perspectiva curiosa, dando a idea de quadro cubista. Para o norte era o bairro judeu, com os seus estabelecimentos acanhados e escuros, bazares de mercadores de essências capitosas, perturbantes, de iluminadores de pergaminhos, verdadeiros artistas no género, de negociantes de penas de avestruz e sedas, de cambistas de ouro e de prata. Para leste, em amontoado, mancha cinzenta e disforme, ficavam as fábricas, as oficinas e os grandes armazens.

Subia no céu muito azul, no céu onde o sol era uma braza viva, o fumo espesso e negro.

Depois descobriam-se as linhas rectas das avenidas modernas, europeias, onde estavam os grandes escritórios de comércio, os consulados e as sucursais dos bancos ingleses. Ruídos surdos, espaçados, como o desdobrar das vagas dum mar furioso em areia áspera de praia selvagem, enchiam o ar.

A cidade parecia ter vida intensa, forte, moderna, vida de mercância e de luxo, mas ao mesmo tempo tinha um aspecto banal, soturno, insuportável.

À hora do jantar descemos ao salão do *England-Palace.*

Um mundo cosmopolita, no qual abundavam os caixeiros-viajantes alemães, enchia-o quási por completo.

Com dificuldade conseguimos mesa, junto duns turistas despreocupados e alegres.

Alexandria, sem eu mesmo ainda a conhecer, sem com ela me ter familiarisado, ia-me enfastiando.

Julgára vir encontrar uma cidade magnífica, cheia e ciosa de suas antigas tradições, venerando a memória de Cleopatra, orgulhando-se dos feitos e da glória de Alexandre, e afinal, pelo que vira no trajecto do cais para o hotel, pelo que o ambiênte me deixava adivinhar, tinha a impressão, a dolorosa impressão, dum grande armazem, dum grande bazar onde apressados, deselegantes e mal dispostos, vinham tratar de seus interesses, os comerciantes de todo o mundo.

A Alexandria da história, da lênda e do

sônho, a Alexandria que imaginára, não existia ou se existia ainda a não tinha descoberto.

Onde estavam os seus artistas, os seus centros intelectuais, as suas maravilhas e belezas, tudo quanto dela fizera nos tempos afamados dos Ptolomeus a herdeira da civilização helénica?

Onde estava aquele inebriante perfume do oriente, aquele sortilégio que sempre me tentára, a visão das «*Mil e uma Noites*», as princesas de corpos languidos, os pachás recamados de pérolas, os kalifas vivendo misteriosamente em seus palácios impenetráveis?

Tudo se sumira, desaparecera, desabára sob a acção lenta e pertinaz do tempo.

Agora Alexandria era uma cidade como outra qualquer, porto de mar no Mediterrâneo, empório de comércio sem atracção, sem mistério ou novidade.

Depois de jantar saímos.

A noite estava serena, mas fria. Nas ruas menos iluminadas crusamos com um ou outro árabe de face terrosa e olhos profundamente negros.

A aparição dêstes vultos, mal se destacando nas trevas, caminhando curvados, cautelosos, era a única nota que nos lembrava o oriente, que nos fazia recordar que estávamos em Alexandria.

Ao longe ouviam-se sirenes dos vapores de carga e ruídos desagradáveis de guindastes e de correntes. Eram os barcos que partiam nessa mesma madrugada para os portos da Europa e à pressa enchiam os porões e se abasteciam de carvão.

Ao desembocarmos numa avenida circundada de palmeiras muito altas e esguias, fo-

mos surpreendidos pelo espectáculo cheio de côr e de beleza das caravanas, com os seus árabes de albornoses muito alvos, os camêlos fortes, corpulentos, quási bíblicos, que encetavam a travessia árdua do deserto.

Calcurreamos ainda ruas e praças, umas monótonas, tristes, orientais, outras cheias de claridade, de automóveis, de multidão apressada e distraída, verdadeiramente europeias.

Por fim chegamos a uma artéria, na qual grandes glôbos eléctricos espalhavam sua luz amarelada e crua. Chamou-nos a atenção um grande edifício todo iluminado, semelhando um diamante refulgindo intensamente no escrínio azul da noite.

Era o «Mohamed-Alli», o teatro da moda, onde resolvemos passar as primeiras horas da noite, vendo Vera Sergine representar a Fédora.

À porta estacionavam carruagens e automóveis. Gente entrava apressada. Os contractadores turcos atiravam aos quatro ventos, em péssimo francez, preços descomunais, e dentro, no *foyer*, na sala, tudo relusia, scintilava, tudo estava excitado, no alvoroço, na ansiedade da primeira representação, tal como se estivéssemos em qualquer cidade dêste nosso estafado e desinteressante ocidente.

Alexandria mostrava-se-nos assim entre duas civilizações.

Entre o passado e o futuro.

Entre as caravanas primitivas e os automóveis conduzindo os milionários americanos e as prostitutas francezas.

Dum lado estava o mundo asiático, a tradição, a rotina, do outro espreitava, preparando o

salto, a Europa, o século vinte, as suas inovações, o seu impudor, a vida moderna accionada pela electricidade, rendendo culto à mecânica.

E Alexandria possuída por um homem a quem adora, mas que não lhe póde satisfazer os caprichos e requestada insistentemente por outro a quem não compreende, que é um estrangeiro, um intruso, mas que promete cobri-la de sedas, enfeitá-la de joias, dar-lhe esplendor e nova existência, novo futuro, hesita, tergiversa, não sabe por qual se decidir.

Pobre cidade, a Europa, o seu vício, o seu materialismo e perversão hão-de acabar por te vencer e então tu não serás mais do que múmia profanada por todos os aventureiros e por todos os curiosos.

*

* *

Depois do teatro fomos ao café Americano.

No café Americano, muito perto do cais, joga-se, dança-se, bebe-se e fuma-se ópio e cigarros turcos, magníficos.

É uma espécie de refúgio obrigado de todos os boémios e de todos os revolucionários da Europa e é também lá que se encontram aqueles que vieram ao Oriente, trazidos pelas sensações de beleza ou pelo encanto da originalidade. Actrizes e jornalistas, grandes repórteres em missões difíceis, jogadores e bailarinas, banqueiros arruinados, agentes do bolchevismo, emigrados russos, tudo ali vai caír, ali vai dar, uns para se divertir, outros para esquecer desgôstos inconfessados, remorsos infernais, pe-

sadêlos constantes e ainda outros, talvez a maioria, para angariar no jôgo o parco e difícil sustento cótidiano. Idêntica comunhão, camaradagem nascida não se sabe como, une e liga tôdas aquelas almas, todos aqueles indivíduos e os recemchegados, sejam quem forem, venham donde vierem, tragam os desígnios que trouxerem, são acolhidos com bonomia e até com amabilidade.

Desde o príncipe Miguel Ivirtenoff que os vermelhos despojaram de todos os bens e perseguiram cruelmente até Estanislau Kerm... revolucionário simpático que então tive ocasião de conhecer e que foi membro da extinta *Tchéka* de Moscou, todos parecem irmanados pelo mesmo ideal, juntos pelos mesmos laços, apetites e desejos. É a igualdade do vício. O vício unindo-os, fazendo-os esquecer afrontas e agravos, raças e castas, nivelando-lhes as mentalidades, envolvendo cérebros e almas na mortalha glacial do olvido, do desprêso do passado.

De facto, e tive então ocasião de o constatar, o vício é a maior fôrça igualitária do género humano.

Um aristocrata ou plebeu, um analfabeto ou intelectual, um conservador ou avançado dominados pelo vício, sob a sua acção e postos frente a frente, são iguais.

Desejos, bestialidades, baixesas, paixões, misérias morais, até maneiras de pensar e de agir, se assemelham de forma flagrante, rial.

*
* *

Café Americano, em Alexandria às duas da madrugada: Começou o baile. Sobem do sub--solo acordes de músicas espaçados e confusos. Sob nossos pés dir-se-ia ramalhar uma floresta imensa de árvores gigantescas, seculares, sacudidas pelo vento do norte.

Iniciou-se a orgia.

Entra pelo braço do Delírio S. M. a Bacanal.

Estala com fragor o champagne.

Rebrilham licores.

Rompem os Jazzs-Bands.

À porta, uns atraz dos outros, durante muito tempo, estacam automóveis de luxo.

Chegam mulheres decotadas, cobertas de joias, olhos profundos, bôcas rubras.

Mulheres habituadas aos *cabarets*, familiarisadas com o vício.

Entram homens de *smoking* e de casaca, franceses, ingleses, americanos, espanhois, um ou outro oficial de marinha, ostentando condecorações. No rôsto de todos divisa-se e descobre-se fàcilmente a curiosidade e o desejo de se aturdirem, a ânsia de encontrarem uma mêsa de jôgo ou uma garrafa de vinho capitôso.

Everim-Pachá, antigo governador da cidade, atravessa a sala cumprimentando para a direita e para a esquerda, muito afável e sorridente.

As cortinas de seda, seda quási translúcida dum palco, abrem-se lentamente e tres bailarinas egípcias, de deslumbrante beleza, surgem executando a dança do ventre.

Veem nuas, completamente nuas. Seus cor-

pos são corolas, corolas de carne, desfazendo-se, desfolhando-se em requebros sensuais. Seus corpos apetecem, são afrodisíacos, pecaminosos, tentadores. Olho-as, devoro-as com a vista, sentindo desejo de as possuir, de as beijar, de as ter, esquecido já de Rosária, esquecido das mulheres que me rodeiam, entusiasmado, fascinado. Mas a visão, a maravilha acaba depressa.

O pano fecha-se entre o estralejar das palmas e chuva polícroma de pétalas de rosas. Aplaudo também e por muito tempo conservo em minha retina, a impressão das bailarinas e do surpreendente espectáculo dos seus bailados. Espero que elas voltem, que o pano reabra, que elas tornem a dançar. As lâmpadas porém, amortecem. O movimento, o ruído diminue. Estou quási só. Na sala apenas vejo sujeitos graves e gordas matronas conversando em voz baixa.

Desço então às caves. Desço aos paços encantados do prazer, à ante-câmara das paixões. Ali sim. Ali espera-me o oriente em tôda a sua febre, exotismo, sensualidade e impudor.

Ali a vida passa sem nos apercebermos, sem por ela darmos, entre sortilégios, entre sensações nunca experimentadas, beijando, possuindo mulheres cujos corpos têm mixtos de apetecedor e de repelente, de voluptuoso e de glacial.

A sala é de mármore negro com embutidos arroxeados. A luz eléctrica scintila por tôda a parte em reverberos fortes e brilhantíssimos. Ao fundo, entre sêdas, veludos, incensadores de bronze e de mármore, estão os divans e os maples, as almofadas destinadas aos fumadores de ópio.

Distingo dois ou tres vultos e entre êles

Estanislau Kerm... que me acena amigàvelmente. Ao centro, no parquet encerado, dança-se o fox, o tango, o charleston, o black-bottom, tôdas as danças da moda. As mêsas muito limpas, muito artísticas estão cheias de flôres, de vinhos variados, licôres, champagne, mel, carnes frias e tâmaras cristalisadas. Ceia-se e dança-se. Pelo espaço erram perfumes esquisitos.

Perfumes estranhos, amalgama de mil essências, que vão desde o delicioso aroma das rosas maceradas até às pestíferas exalações dos corpos humanos.

Criados negros acorrem apressados e solícitos à mínima reclamação.

A animação atinge o auge. A sala é um bazar, uma quermesse, uma feira na qual pontifica e domina o vício. Vejo mulheres nos braços dos homens, beijando-os libidinosamente, babujando-lhes a cara, atirando-lhes febrís os braços ao pescoço, entregando-se-lhes quási numa fúria. Vejo outras, bebendo e fumando até cairem prostradas em abandonos lassos, numa inconsciência absoluta.

Os fumadores de ópio teem as faces lívidas, os olhos cavados e riem bestialmente. As músicas aturdem tudo, tocando sem cessar, num delírio e numa exaltação.

Abafa-se. Sufoca-se.

A atmosfera é pesada, irrespirável. Sinto-me mal, sinto-me doente. Bebi já tres cálices de cognac e não sei quantas taças de champagne.

Começo a perder o tino, a noção de mim próprio.

Sobrevem-me o desejo de falar, de dizer coisas, de ouvir a minha voz. Uma espécie de

bruma translúcida como véu de fina gaze envolve-me, separa-me dos outros, impede que êles se aproximem de mím, que eu me aproxime dêles, que eu os toque, que êles me toquem. Súbito, êsse véu de bruma começa a ganhar forma, a avançar para mim e o meu crime surge-me em frente dos olhos esmagando-me, avassalando-me.

Revejo tudo quanto se passou.

As horas negras, as horas torvas, tôda a tragédia, os seus mínimos instantes e detalhes e sobrepujando os ruídos, as músicas, os murmúrios das conversas, resôa a meus ouvidos a voz de Madalena:

— «*Uma coisa grave, uma coisa muito grave*» —.

Contemplo Rosária e récuo espavorido. Não é ela que está comigo, não... não... não é.

E' a outra, é Maria do Céu.

E' o seu corpo, são os seus olhos, a sua bôca, cabelos, sorrisos, tôda ela tal qual como a conheci, tal qual como a tive.

Os seus braços enleiam-me como serpentes, suas mãos prendem-me os pulsos como algemas.

Quero fugir, quero gritar, mas o pavor gela-me as palavras nos lábios e tolhe-me os movimentos.

Oh! como os seus braços me apertam, como as suas unhas se cravam profundamente na minha carne!

E' horrivel, é insuportável.

Tento defender-me, opôr qualquer resistência... não posso.

Estou exausto, estou perdido...

Não sei quanto tempo se passou.

Sinto agora afagarem-me, beijarem-me, mas os afagos e os beijos são-me totalmente estranhos.

O véu de bruma começa a dissipar-se.

A custo entreabro os olhos e ao entreabri-los vejo-me num gabinete todo forrado de sêda escarlate iluminado por luz velada e discreta.

Junto de mim está sentada uma adolescente.

Pergunto-lhe onde estou, o que significa aquilo.

Ela sorri com malícia.

— Onde estás... mas no café Americano, meu amor.

— E Rosária?... e aquela mulher?

— Sei lá... não me interessa...

— E tu?

— Eu?

— Sim, tu?

— Sou uma como há milhares em Alexandria.

Bailarina, aventureira, conspiradora, tua irmã ou tua noiva, tua amante ou tua escrava. Sou o que a tua fantasia quizer que eu seja.

— Onde me encontraste?

— Na sala, meio embriagado. E' proíbido estar embriagado na sala, e então trouxe-te para aqui. Faz de mim o que quizeres.

Sua bôca procurou a minha bôca, os nossos lábios juntaram-se.

Beijei-a depois sôbre os olhos, nos seios, por tôda a parte. Apertei ferozmente contra o meu aquele corpo franzino de creança e de boneca. Confundimos as nossas luxúrias, satisfizemos todos os bestiais desejos e quando exausta

de lascívia a deixei prostada nos coxins de damasco, olhei-a tristemente e tive suprêmo nojo de mim próprio.

Atirei-lhe duas libras e saí.

Dirigi-me para o hotel.

A madrugada estava fria e no céu a lua declinava ensanguentada e enorme. Pelas ruas desertas vagueavam cães uivando e ao longe o Mediterrâneo marulhava em cadências dolorosas.

Os edifícios baixos e sujos dir-se-iam tumbas abandonadas há muitos séculos.

Tudo estava impregnado de tam profunda, tam pesada tristeza que minha alma recolheu-se em si própria tranzida e apavorada.

Alexandria pareceu-me depois daquela noite de orgia uma cidade moribunda, cidade, do silêncio, de sombras e de cinza.

*

* *

Levado por outros sonhos e desejos de aventura e esquecimento visitei ainda, acompanhado de Rosária, todo o velho Egito. Estivemos no Cairo e estivemos em Memfis. Admiramos atónitos e sucumbidos as pirâmides. Subimos o Nilo por uma dôce tarde de outono pincelada de tons de ópala e ametista.

Vimos nascer o sol às portas do deserto e acompanhados pelos sábios ingleses visitamos os túmulos dos velhos faraós. Até que, depois de muito peregrinarmos entre ruínas respeitáveis, maravilhas históricas e belezas indiscritíveis, tomamos o rumo de Constantinopla.

E aí o oriente acabou por me enfastiar.

A côr, o movimento, o ruído das ruas de Constantinopla irritava-me, aturdia-me. As diversões, teatros, dancings e cabarets, longe de me distrairem, envolviam-me nos sudários das mais dolorosas recordações.

Sudários manchados pela nódoa do meu ignóbil passado... do meu crime. O esplendor e encanto do oriente, a vida das suas cidades, a grandêsa de seus monumentos, seu próprio mistério eram-me insuportáveis.

Erguiam-me primeiro em arroubos de espiritualismo acima do mundo, das coisas e dos sêres, para depois mais rude e cruelmente me arremessarem à realidade, à perfeita consciência daquilo que era.

Um criminoso.

Então nesses momentos horríveis e tormentosos em que a frio, sem mentiras, sem subterfúgios, compulsava o meu íntimo, nesses momentos em que a máscara me caia para só ficar o homem tal qual era, assaltava-me a idea libertadora do suicídio.

Porém, quando ela começava a ganhar consistência, a apoderar-se mais dominadoramente do meu espírito, vinham os braços lúbricos de Rosária afagar-me e sua bôca beijar-me voluptuosa e concupiscente.

Dir-se-ia que por instinto admirável, sobrenatural mesmo, essa mulher conhecia a minha vida e tudo quanto a torturava e enegrecia. Dir-se-ia que sabia o meu crime e por generosidade doentia a que não era alheio o desprêso pelas paixões avassaladoras e pelos amores desvairados, m'o perdoava.

Estudando-a, observando-a em tôdas as ma-

nifestações de sua inteligência, via que estava em frente duma mulher superior, cuja mentalidade e carácter planava muito acima do comum e dos preconceitos vulgares. Com o decorrer do tempo e com a intimidade, tudo quanto ela fazia, pensava e tinha por natural eu insensìvelmente adotava como se fôssem meus próprios usos, pensamentos e opiniões.

E receei Rosária.

Receei sua influência enérgica e constante sôbre o meu débil organismo moral. E êste receio aumentou, tornou-se quási aflitivo, quando certo dia, em momento de íntimas confidências, estive a ponto de lhe revelar o meu crime.

Suspendi a tempo, mas desde então quando ela me falava do seu passado, do seu casamento, do escândalo do divórcio, procurava e conseguia recalcar a curiosidade, não me interessar pela conversa, dando por tôdas as formas indícios de que ela me era desagradável e aborrecida.

Rosária ôlhava-me e sorria.

— Não te interessa o passado?

— Não... não... o passado é sempre triste de recordar.

— Sim... talvez tenhas razão. Não falemos.

E ficavamos um em frente do outro, silenciosos, distantes, perdidos, não sei em que regiões...

Debruçados ambos sôbre as ruínas dos tempos mortos, daqueles tempos para mim inconfessáveis e tormentosos...

XV

A primavera seguinte foi-nos encontrar em Paris, gosando a ruidosa vida dos teatros, da arte e dos boulevards.

Meses deliciosos passados no íntimo convívio dos triunfadores da literatura, dos palcos, do music-hall e do cinema.

Noites esgotantes de *Le Vertige* e de *La Rotonde*, cenáculos de escritores, artistas e revolucionários de todo o mundo, cada um com seu ideal diferente, e onde meu espírito se elevava em sonhos impossíveis.

Montmartre primeiro e Paris depois conheceram então meu nome e meus trabalhos.

Longe porém de me hostilizarem e combaterem, facilitaram-me a vitória e aplanaram-me as dificuldades.

De tôdas as compensações morais — e tantas e tam variadas elas foram — que no decorrer da vida devo à Arte, esta foi a mais inefável.

Foi a consagração além fronteiras do meu

estreito e acanhado país. Do meu país atrasado séculos na civilização, rude e estùpidamente hostil a todos os trabalhadores intelectuais. País de analfabetos, de invejosos e de madraços onde só alcançam a glória fácil e o bem estar material os imbecis, os intriguistas e os ignóbeis aventureiros da política.

Raça infesada e bronca, joguete miserável de tôdas as influências, espelho de crassa ignorância, escárneo e vergonha da Europa e rebotalho no esplêndido concerto das nações progressivas.

Longe desta terra, onde infelizmente nasci, sentia-me possuido e animado por novos desejos, ambições e ideais. A minha mentalidade por completo se modificara e trabalhando sem cessar, tendo confiança no triunfo, consegui que Paris, todo o Paris artístico, mundano e culto me freqüentasse o atelier e seguisse com curiosidade a minha obra.

Rosária desvanecida compartilhava largamente de meus éxitos e nas horas de intimidade, seus carinhos, seus beijos e ternuras ungiam-me a alma e aplacavam-me os sentidos, como se fossem os de uma deusa, os de uma ninfa de mãos muito castas e de lábios muito puros e aromáticos.

Depois das corridas de *Longchamps*, quando Paris começa a despovoar-se e a grande metrópole se assemelha então a catedral fria e erma entregue ao culto dos estrangeiros, dos povos bárbaros, partimos para Deauville.

Velozes, entre ceias americanas, danças modernas, excursões e festas deslumbrantes, os meses de verão evolaram-se, como a essência subtil e delicada dos ciclames orientais.

Findo Setembro regressamos a Paris e nos dias que se seguiram todos exclusivamente dedicados ao trabalho, preparei, corrigi e retoquei com carinho e com esmêro as telas que destinava ao salão de outono. Quando em meados de Novembro abriu o certamen, o público, o grande público, ao qual ainda me não revelára e para quem era desconhecido e anónimo, surpreendeu-se, impressionou-se com a minha arte. Era opinião unânime que ha muito não aparecia em França artista que tam fielmente soubesse interpretar a estranha maravilha da natureza.

Só um homem do sul, só um meridional como eu, era capaz de reproduzir na téla com tanta beleza, perfeição e verdade os efeitos claríssimos do sol, as sombras esbatidas dos luares, os perfis serenos das mulheres amorosas, a suavidade dos regatos e a magestade imponente e ciclópica dos oceanos.

E a multidão quási esquecida dos outros expositores, subjugada pela minha arte, premia-se em frente dos meus trabalhos, admirando-os, disputando-os.

A crítica prestou-me as mais rendidas e sinceras homenagens. As revistas da especialidade publicaram-me o retrato acompanhado de reproduções das minhas obras, levando assim mercê da sua expansão, o meu nome, aos quatro cantos do universo.

«*L'Illustration*» chamou-me o moderno Corot e «*Le Figaro*» numa entrevista que lhe concedi não hesitava em colocar-me entre os primeiros paìsagistas e pastelistas contemporâneos.

No meio de tantos triunfos, entusiasmado por todos estes acontecimentos, delirado, ébrio

na contemplação de mim próprio, sentia, enfim, a vida abrir-se à minha frente sem preocupações, sem obstáculos, sem sombras, livre, desanuviada e bela.

Paris era então para mim a cidade ideal, a cidade maravilhosa, na qual encontrára a perfeita ventura sempre tam esquiva e onde tudo me decorria fácil, serêno e agradável.

A certeza, a convicção de que era nêsse grande empório conhecido e estimado, que a minha arte já creara discípulos e admiradores apaixonados, dava-me novas fôrças e incitamentos para trabalhar.

A minha inteligência, tôdas as faculdades intelectuais outróra assombreadas, confusas, constantemente ocultas pela muralha escura do ciúme, da desconfiança e tortura moral, manifestavam-se agora com vivo esplendor, ajudando-me, facilitando-me o estudo e permitindo-me realizar as creações da minha imaginação. E pouco a pouco, mas segura e firmemente, à medida que me ia reencontrando, refloriam em meu coração e em meu cérebro aquelas virtudes e predicados que deve ter qualquer homem moderno e que são verdadeiramente os únicos factores que lhe tornam a vida interessante e digna de ser apreciada.

Gradualmente foi despertando em mim a vontade inquebrantável que tudo conquista e tudo vence.

A tenacidade brônzea perante a qual os mais árduos obstáculos desaparecem.

A esperança que é a um tempo visão de sonho e farol protector na noite cerrada da dúvida e do scepticismo. A ambição, fôrça motriz de to-

dos os empreendimentos, realidade de tôdas as fantasias, estrada ampla e cheia de sol que leva a todos os triunfos, e a confiança em mim próprio, nas minhas aptidões, no meu destino e missão.

Os dias, as semanas e os mêses, passando, abriam abismos, interpunham oceanos de esquecimento entre a minha nova personalidade e aquela que cometera o crime. Olvidára tudo ou quási tudo quanto para trás ficava, como se o homem que envenenara fôsse ente para mim estranho e desconhecido.

Comtudo, não posso deixar de o confessar, nos momentos de solidão, muitas vezes quando trabalhava mais absorvido, mais interessado e preso, parecia-me que de repente alguma coisa surgia atrás de mim, alguma coisa de vago, de incorpóreo, que não via, mas cuja influência me desnorteava a ponto de me sentir tocado por mãos ocultas, fixado por olhares magnéticos, dominadores.

Todo o meu entusiasmo arrefecia, a coragem abandonava-me e na minha alma, no meu íntimo erguiam-se e despertavam as sombras do passado. Daquele triste passado, que era grilheta e estigma de vergonha e de infâmia. Travava-se então em mim uma luta insuportável e atroz. Luta na qual sentia os nervos desfalecer cansados já de tantas pressões e de tantos domínios.

Ia perdendo as qualidades de dissimulação e às vezes era tal minha tristeza e acabrunhamento, aspecto de derrotado e de vencido, que Rosária assustada vinha para junto de mim procurando adivinhar as causas e os motivos daquele meu deplorável estado.

As causas?! Os motivos?! Nunca ela os soube, nunca tive coragem de lhos confessar e hoje arrependo-me de o não ter feito.

Arrependo-me de não ter dito aquela mulher, sempre para mim tam carinhosa e tam boa, o segrêdo da minha vida.

Pobre Rosária, pobre amante, pobre capricho do meu coração ávido de amor e insatisfeito de ternura!

Tu ficaste na minha existência como uma saudade eternamente viva e eternamente propícia.

Estou a vê-la sentada a meu lado, afagando-me com suas mãos muito brancas, olhando-me suavemente e formulando hipóteses desencontradas sôbre minha melancolia. Hipóteses que umas vezes me taziam sorrir, outras me deixavam indiferente e ainda outras me gelavam o sangue pela maneira como eram ditas, pelo que de velado escondiam e de misterioso encerravam. Inteligente e astuta, sempre velando por mim como quem vela por uma creança querida, nada lhe escapava e nada lhe era indiferente.

Certo dia, em que um jornal desdenhava da minha arte e dos meus processos, ela entrou radiante no atelier, como se tivesse descoberto enfim, tôdas as causas do mal que me afligia e me tornava quási intratável.

— Pronto, já sei, são estas críticas, estes artigos e ataques que te trazem mal dispôsto.

Lancei um olhar desdenhoso ao jornal, amarfanhei-o e arremessei-o depois ao cesto dos papeis velhos.

— Para quê essa irritação? Todos os artistas, meu filho, todos os homens de valor teem inimi-

gos. Tê-los é uma honra, desprezá-los é uma virtude — disse Rosária, sorridente.

— Não os desprezo, porque nem sequer me dou ao incómodo de os conhecer — volvi, acendendo maquinal o charuto.

— Então não é isto que te entristece?

— Não, não é.

— Jura-lo.

— Juro, retorqui débilmente.

E como das outras vezes, ficamos os dois calados, olhando-nos estùpidamente.

E nêste silêncio, silêncio insuportável, Rosária procurava com tôda a sua astúcia de mulher, desvendar os segredos reconditos de minha alma e eu procurava, chamando em meu auxílio todos os meios, tôda a mentira, hipocrisia e falsidade de que minha alma era susceptível, esconder esses segredos.

Não sei quanto tempo isto durou, não sei quantas vezes sob vários pretextos se repetiu esta scena, o que sei é que pouco a pouco Rosária, ressentida com o obstinado silêncio que eu guardava sôbre o passado e com a minha freqüente má disposição, foi-se afastando de mim, deixando-me sem o suspeitar entregue à minha íntima e dolorosa tragédia.

Uma tarde, no Bosque de Bolonha — a recordação dêste episódio que parece banal, mas que foi definitivo na minha vida, que fechou para sempre de forma inexorável o ciclo de luz em que minha alma por momentos se ergueu — ainda hoje me enraivece e me faz espumar de cólera e de desalento, ouvi atrás de mim a voz fina duma mulher dizer em português o meu nome.

Voltei-me surpreendido e curioso.

E ao ver essa mulher, ao encará-la — isto não é literatura, é simplesmente a verdade — senti, sim, senti tôda a alegria, ilusões e desejos, todo o orgulho que até então, como fogo sagrado vivera e tivera em mim, palpitante, magnífico, deslumbrante, estremecer, bruxolear e... apagar-se.

Então senti-me novamente miserável, scelerado, pária ignóbil e joguete de tôdas as paixões.

Senti renascer em mim o antigo homem, o ciümento vulgar, o criminoso impune. Essa mulher era a sombra da outra, a supliciadora do meu espírito.

Era Madalena Silveira.

Fiquei gelado, preso ao solo, lívido, quási incapaz de qualquer movimento. Uma paralisia geral parecia tomar-me todo e um véu espesso toldou-me a vista, como se fôsse perder os sentidos, fulminado por uma síncope. Tinha os ouvidos cheios de ruídos estranhos, de zumbidos muito finos e agudos e a cabeça ao mesmo tempo esvaía-se-me e pesava-me insuportàvelmente sôbre os ombros. Súbito, tôdas estas angustiosas sensações se dissiparam e revi Madalena na temerosa noite do crime. Revia-a esfíngica, misteriosa, olhando-me intencionalmente, a bôca arrepanhada num sarcasmo, a expressão assombreada e rude, dizendo-me aquelas palavras que, por completo, me haviam desnorteado. Aquelas palavras enigmáticas, indecifráveis, horríveis que eram como grilheta de bronze soldada à minha alma e à minha consciência. Madalena sorridente dirigiu-se-me abraçando-me e felicitando-me pelos meus triunfos.

A custo, com visível e comprometedor embaraço, a voz prêsa de comoção, as fontes a latejar, agradeci-lhe em termos banais e tal era minha perturbação que me esqueci de cumprimentar o marido, que a seu lado me olhava idiotamente.

Madalena deu-me o braço. Nesse instante tive a desagradável impressão que me haviam lançado a primeira cadeia, a primeira algema.

Lentamente fomos caminhando, enquanto Madalena contemplava com interêsse as outras mulheres, as estrelas de cinema, do teatro e do music-hall que passavam conduzindo automóveis.

Era por Junho e o firmamento muito azul e muito límpido podia-se bem comparar aos que estamos habituados a ver nas delicadas aguarelas do século XVIII.

Doirada pelo sol a folhagem das árvores tinha tonalidades suaves, dum verde muito puro, e ao longe os lagos dir-se-iam duas superfícies polidas do mais fino e precioso cristal.

Automóveis, carruagens de luxo, cavaleiros e amazonas sucediam-se sem cessar e nos passeios as mais lindas mulheres de Paris, as raínhas do palco, da moda e da elegância conversavam e riam.

Madalena respirava a profundos haustos aquele ar impregnado do aroma das últimas flôres da primavera e tôda ela parecia transfigurada, mais linda e sedutora entre aquela sociedade fútil, entre aquela sociedade cheia de requinte e de civilização.

Por momentos cheguei a esquecer-me que levava pelo braço Madalena Silveira, a amiga

íntima e talvez a confidente de Maria do Céu... da minha vítima.

Seu corpo bem talhado junto ao meu, o perfume que dela irradiava, o clarão de seus olhos, clarão impressionante, magnético, perturbaram minha sensibilidade, calmaram-me os nervos e fizeram acordar o homem que sempre fui e por mais que quizesse nunca pude deixar de ser. O homem sensual, duma sensualidade impulsiva, arrebatadora, entusiasmando-se depressa, desinteressando-se ainda com maior rapidez e, portanto, incapaz de compreender e apreciar o amor.

Mas tôdas estas sensações desapareceram e sumiram-se quando a ouvi falar.

Quando mais distintamente lhe ouvi a voz, aquela voz que dois anos antes reboara a meus ouvidos num momento trágico para dizer as palavras que eram para mim ameaça e pesadêlo constante. Oh! aquela voz! Voz sibilina e aguda, cheia de altos e de baixos, mixto de confidência e de acusação, umas vezes musical como a das velhas sereias da lenda, outras, desagradável como a de um mau actor, ainda hoje a ouço, ainda hoje a tenho nos ouvidos.

Madalena resolvera fixar residência em Paris. Queria que eu ajudasse o marido, creatura falha de expediente, a procurar um andar elegante, não muito longe dos grandes *boulevards*.

Depois de instalada, contava comigo. Sabia-me relacionado, conhecido e desejava que a apresentasse aos meus camaradas, a introduzisse na sociedade, no mundo tam difícil das artes, das letras, da suprema elegância.

Tencionava crear em Paris um salão onde

tôdas as semanas reüniria, onde eu seria o mais desejado, o mais querido, o amigo leal, o velho camarada.

Expunha os seus planos com grande entusiasmo, falando alto, gesticulando, enquanto o marido sorria e acenava afirmativamente com a cabeça, olhando vagamente a multidão, como se sôbre ela já reinasse pelo fulgor do seu oiro e espessura da sua estupidez. O sol, por detrás das árvores do Bosque de Bolonha, era uma grande mancha ensanguentada.

Arrefecia.

Ao longe acendiam-se as primeiras luzes.

Tomamos um taxi.

Ao chegar ao *boulevard* dos Italianos despedi-me.

— Venha jantar connosco, Rogério — solicitou Madalena.

— Impossível, minha amiga. Tenho exactamente para hoje um convite, ao qual não posso faltar.

— Alguma mulher? tornou ela, sorrindo.

— Não... não... — redargui nervoso. Um jantar de artistas.

— Bem, bem, não o quero prender. Mas olhe, espero-o amanhã, às sete e meia no Claridge.

— Não faltarei, volvi quási a custo.

Beijei-lhe a mão e reparei que, como as minhas, Madalena as tinha geladas, e ao mesmo tempo percorridas por imperceptível tremura nervosa.

Seus olhos fixaram-me prescrutadoramente.

Sua face empalideceu e seus lábios iam-se a descerrar, talvez a repetir as palavras da noite trágica, quando o taxi partiu.

Fiquei no passeio emparvecido, desnorteado como homem a quem acabam de revelar uma catástrofe inesperada ou vem de sofrer um pavoroso choque moral.

Não havia dúvida, entre mim e aquela mulher, entre mim e Madalena Silveira, existia qualquer coisa de inexplicável, de pavoroso e de trágico.

Fui como ébrio, como louco, pelos *boulevards,* pelas ruas já tôdas iluminadas, cheias de vida, de ruído e de animação.

Não via ninguém, não reparava em nada, pensando que tinha agora de me defrontar continuamente com Madalena, de lhe falar, de a visitar e, de cada vez que o fizesse, o passado, o terrível passado, surgiria à minha frente em tôda a sua evidência, nos seus mínimos detalhes, nos seus mais angustiosos momentos.

Quando extenuado, ardendo em febre, cheio de delírios e de visões, cheguei a casa, já a noite se fechara por completo.

Rosária não estava.

Não estava, nem deixara dito para onde fôra.

Lentamente, duas, três horas sucumbiram sem que Rosária chegasse.

Então sòsinho, passeando nervoso e agitado na sala, olhando de quando em vez ancioso pela janela, à medida que martirisadoramente o tempo se ia evolando, senti erguer-se em meu peito, ressuscitar, renascer de suas próprias cinzas, feroz, implacável e terrível, o ciúme que me perdêra.

O ciúme pela minha amante, tal como o tivera pela minha mulher!

Com os mesmos sintomas, a mesma angús-

tia, tortura e desespêro, semelhante crueldade, idêntico furôr sanguinário e selvagem.

Oh! oh! não podia, não devia ser. Onde me levava agora êste novo amor, onde me conduzia esta nova paixão?!

Outra vez ao desvario?

Outra vez ao crime?

Era urgente reagir. Precisava salvar-me.

Precisava ser superior aos meus instintos e superior às minhas aviltantes taras.

Compulsei o futuro.

Vi-me de novo diminuído, aniqüilado, inferiorisando-me, retalhando minha carne e minha alma nas arestas agudas do ciúme e mais tarde caindo outra vez nos tremedais do crime.

Fiz então sôbre mim próprio o esfôrço mais penôso e mais dilacerante de tôda a minha vida.

Chamei em meu auxílio a vontade, o desdém, a indiferença.

Sacrifiquei, desprezei tudo para me salvar, para fugir aos espectros ensangüentados que de longe como féras esfaimadas espiavam meu espírito, esperando que êle vacilasse para então levarem até ao fim sua obra de tragédia, de dôr e de morte.

E heròicamente, estoicamente, as lágrimas vidrando-me as pupilas, a angústia oprimindo-me o coração, miserável entre os miseráveis, desgraçado entre os desgraçados, fugi daquela casa! Daquela casa onde amára, onde passára os mais belos dias, onde julgara enfim ser feliz entre os carinhos de Rosária e a vitória definitiva da minha arte.

. . . .

O comboio para o sul saía do *Quai d'Orsay* às onze da noite.

Minutos antes, tomava nêle logar um farrapo humano, um infeliz vencido pela desdita e sem saber como se libertar de seu domínio.

Êsse farrapo humano, êsse infeliz era eu. Quando a locomotiva silvou e o comboio se pôz em marcha, insensìvelmente, impelido pela saüdade, por tantas, tam gratas e tam queridas recordações, debrucei-me da janela.

Paris mostrou-se-me pela última vez todo fosforescente de luzes, magnífico, deslumbrante, fascinador, para logo a seguir desaparecer e só ficar a noite escuríssima e lôbrega.

Embrulhei-me na manta, atirei-me para um recanto sombrio da carruagem e longa, sentida, inùtilmente chorei minha ventura para sempre perdida e para sempre morta.

E enquanto vertiginosamente o comboio ia cortando a planície, o bater do rodado, o entrechocar das ferragens, o rumorejar do vento nas árvores que ladeavam a via, todos os ruídos e todos os sussurros repercutiam-se no meu cérebro e traduziam a meus ouvidos aquelas terríveis e enigmáticas palavras, causa de todo o meu sofrer e de tôda a minha renúncia:

«*Uma coisa grave, uma coisa muito grave*».

XVI

Quando cheguei a Lisboa o meu estado era deplorável.

Sentia-me doente, tolhido por cansaço senil.

Estava por completo desprovido de vontade, de ideas, de memória, tal como um indivíduo que tivesse saído dum manicómio ou acabasse de sofrer trinta anos de degrêdo.

O mundo exterior para mim não existia ou se às vezes dava por êle, a sua influência era tam débil em minha alma que não me chegava a impressionar-me.

Parecia-me que assassinára na véspera Maria do Céu e seu cadáver surgia-me por tôda a parte rígido e acusador.

As côres sombrias, laivadas de sangue da tragédia, cercavam-me por todos os lados e quanto mais lhes pretendia fugir mais sua intensidade me cegava. Alexandria, o Cairo, Constantinopla, as noites de boémia e de amor, o meu êxito em França, tudo quanto vira e quanto gosara, apa-

gara-se-me da memória para só ficar sinistra, implacável, irremovível, a visão do crime.

Do crime friamente premeditado e cometido com requintes de cinismo. Ao revêr Lisboa, esta cidade para mim fatal e cheia de tristes recordações, todo o meu ser sofreu intenso choque.

Sucedeu-me então o peor que pode suceder a qualquer humano. Incompatibilisei-me comigo, tive desprêso por mim, senti-me esmagado pela responsabilidade do acto que praticára. As crises que semelhante estado me trouxe foram as mais deploráveis. Por diversas ocasiões ardia em febre, caía quási em delírio e nestes momentos atrozes o meu raciocínio apagava-se e a luz da minha inteligência bruxuleava, deixando-me abatido, o olhar quebrado, o cérebro exausto, todo o meu *eu* vagueando trôpego não sei por que regiões da degenerescência, da loucura mansa... da idíotia.

Outras (e quantas, quantas elas não foram!) um suor incomodativo e glacial perlava-me as fontes. A meus olhos dançavam fogos-fátuos macabros.

A meus ouvidos zuniam vozes desconhecidas, sibilantes e escarninhas. Tinha atordoamentos repentinos, inesperados. Atordoamentos que ameaçavam arremessar-me ao solo, como impelido por mão terrível e oculta. A vontade, o sentido do equilíbrio, a própria noção do destino falhavam-me também e quando resolvia ir a qualquer parte, logo que punha em prática meu desejo, certo era retroceder amedrontado, pusilânime, sem decisão e sem coragem.

Mas eu não estava doido.

Sentia na verdade, tinha a certeza que não

era o mesmo. Que uma grande, radical modificação, revolta dos sentidos e indisciplina de tôdas as faculdades do cérebro e da alma, se operara em mim.

Modificação no meu carácter. Revolta no meu modo de ser. Indisciplina nos mais pequenos actos da minha vida, nos mais simples pensamentos, não podendo contar ou ter confiança em qualquer das fôrças morais ou mesmo intelectuais que outrora possuíra.

Dava-se comigo um caso curioso, que julgo ser próprio de todos os delinqüentes e que é provável tenha passado despercebido aos mais hábeis e experimentados criminalogistas:

— O receio, o pavor dos assuntos. Receio e pavor constantes, horríveis, insuportáveis, pois nunca sabemos o que o interlocutor nos vai dizer, se o amigo ou conhecido que encontramos nos fala de qualquer farça ou tragédia, aventura ligeira de sua vida, ou crime semelhante ao nosso que o tenha impressionado. Receio e pavor que muitas vezes nos faz denunciar, amedrontando-nos, e do qual todos os criminosos procuram fugir para de contínuo o encontrarem à sua frente como carrasco traiçoeiro e inexorável. Deste receio e deste pavor sofri eu também os golpes rudes e desnorteadores. Hoje, ao escrever a história da minha vida, que é afinal a história do meu ciúme e do meu crime, recordo um episódio que me podia ter sido fatal, se o destino não tivesse decretado reservar-me expiação mais dilacerante:

Certa tarde, no club, quebrado o fio da conversa, conversa sôbre banalidades, que não se podia manter por muito tempo, um amigo fa-

lou-me dum crime misterioso do qual a polícia se ocupava e que era então, no acanhado meio lisboeta, o caso do dia.

Estremeci na cadeira.

Tentei desviar o assunto. O meu amigo, porém, insistiu.

— Parece que mataram a creatura para a roubar, mas há também uma história de amor. Complicada e curiosa história, por sinal — disse êle.

Não respondi. Meus olhos não se ousavam fixar, nem se podiam erguer.

Sentia-me esfrear, cair em delíquio, com atordoamentos na cabeça e dores em todo o corpo.

O meu amigo continuou, dizendo-me suas suspeitas, a forma mais hábil e mais rápida de conduzir as investigações, expondo-me depois sua opinião sôbre o crime, citando casos de nevropatas matando em absoluta inconsciência, de tarados assassinando em exaltações doentias, de sadicos cevando-se bestialmente no sangue morno de suas vítimas, como se êle fosse um vinho capitoso ou nectar inegualável.

Tôda uma erudição de criminologia sob os seus mais variados aspectos, indo até à citação de nomes de assassinos célebres, fazendo aluzões a compêndios das maiores sumidades médicas, onde os crimes desde os passionais até aos de delicto comum eram meticulosamente estudados.

E, por fim, neste ridículo costume que tem a maioria dos portugueses de fazer literatura e alardear sentimentos piegas e hipócritas, rematou:

— Seja como fôr, em qualquer das hipóteses, em qualquer dos casos, matar uma mulher, matá-la por amor ou por ciúme é cobarde, é vil.

Suas palavras repercutiram pelo ambiente ficando nele, vibrando, a meus ouvidos numa toada constante, ininterrupta — *é cobarde, é vil.*

A vista escureceu-se-me por completo e mortificado em lògar do meu amigo vi à minha frente Maria do Céu, olhando-me com aquêle mesmo terrível olhar com que à mesa do nosso almôço me fitára no dia do crime. E era ela própria, era o metal da sua voz que eu agora distintamente ouvia repetir:

— *E' cobarde, é vil.*

Baixei a cabeça e sem querer, superior às minhas fôrças, expontâneo, irreprimível soltei um grito de aflição, de terror e de angústia. O meu amigo estupefacto contemplava-me e eu deixei-me ficar na sua frente derrotado e abatido sem lhe poder sustentar o olhar, mascando monossilabos... idiota... imbecil...

Naquele momento se êle proferisse mais qualquer palavra, se insistisse no assunto eu teria dito tudo, confessado tudo... estaria irremediàvelmente perdido.

Passaram segundos, segundos que me deram tempo a refazer-me, a dominar-me.

— Mas que foi, que foi? — preguntou o meu amigo, com curiosidade.

— Nada... nada... respondi, a voz ainda mal segura.

— Impressionaste-te?

— Impressionei... falemos doutras coisas.

— Pareces uma mulher histérica!

— Que queres, estou doente, estou fraco e

depois tenho os nervos em estado deplorável... deplorável — disse, sorrindo a custo, mas já absolutamente senhor de mim.

O meu amigo, aquele homem que podia ter sido o depositário da minha confissão, da atroz confissão do meu crime, ficou ainda por instantes perplexo sem nada compreender e sem nada ter atingido.

Reduzida e acanhada era sua intuïção psicológica para não ter percebido logo que a impressão, o terror causado pela sua conversa, pelo *assunto* da sua conversa, fôra devido a mais alguma coisa do que apenas à delicadeza e fragilidade de meu sistema nervoso. Estivemos ainda alguns momentos juntos, falando em viagens, literatura, política, mas, a-pesar-de todos os esforços, a excitação produzida pelo choque que sofrera não se calmava, era superior a mim, vencia-me completamente.

Despedimo-nos.

Ele ofereceu-se para me acompanhar.

Recusei.

Preferia ir só.

Só com a minha tortura.

Só com a minha tortura não é bem, não digo bem.

Havia outra coisa, vaga, imaterial, incorpórea, indefinível que me seguia, espiava os passos, era senhora deles e do íntimo do meu ser, das profundas do meu sentimento, dos arcanos do meu coração me gritava sarcástica e imperativa, dominadora e terrível — *para a frente, para a frente.*

E essa qualquer coisa era como o desdobramento do meu próprio *eu.* Dir-se-ia que minha

alma se tinha separado em duas. Dum lado ficára seu aspecto malévolo e ao mesmo tempo corajoso, destemido e cínico, hipócrita e traiçoeiro, sem dignidade, sem brio e sem escrúpulos.

A sombra e a lama.

Do outro prevaleciam fracas, gastas, despresadas, impotentes aquelas qualidades e aquelas virtudes que minha mãe me transmitira. A bondade e a renúncia, a generosidade e a ternura, a crença e a fé, o receio das expiações, a honra, a lealdade, a nítida compreensão das responsabilidades a que obrigam todos os actos que praticamos. E estas duas partes do mesmo todo, nas quais pela influência grosseira do mundo minha alma se desdobrara, entrechocavam-se, batiam-se, insultavam-se, atiravam-se uma contra a outra em espantosos combates, em prolongadas crises, acabando sempre por ficar vencida a mais pura e vitoriosa a mais ignóbil.

Enquanto a primeira, a que me arrastára ao crime e havia sido sua inspiradora me chibatava, impulsionava e gritava que fôsse para diante, que me dominasse, que tivesse ânimo para sofrer tôdas as provações e para representar a comédia até quando fôsse necessário; a outra, a imaculada, a diamantina, a detentora de todos os predicados apreciáveis, a que me podia salvar, sumia-se amedrontada e tranzida.

E eu ficava entregue a tudo quando era mau, vil, infame e injusto. Ficava prisioneiro de mim próprio, debatendo-me sem achar saída nos domínios da minha já tam pouco clara razão.

Caminhava continuamente seguido pela sombra do crime e vendo em tôda a parte os seus estigmas indeléveis.

Relembrava-o, revivia-o a cada momento, a cada instante, nas suas mais pequenas scenas, detalhes, episódios, como se êle fôsse o único acto de tôda a minha vida.

Muitas vezes me surpreendi balbuciando. «*Sou um assassino... um assassino.*»

Não existe romancista servido pela mais exuberante imaginação ou psicólogo por mais familiarisado que esteja com a alma humana que possa descrever o meu estado de espírito, as atribulações e momentos de angústia e desvairo que passei desde o meu regresso a Lisboa.

Sabia o coração preparado a comportar muitas dôres e sofrimentos. Sabia-o pronto a resistir estòicamente aos vendavais da adversidade e a desfazer-se aos poucos com brio e honra sacudido pelos tufões da desilusão, da indiferença e do desdem.

Nunca supuz porém que êle podesse receber tantos e tam variados ataques da dúvida, do receio e do mundo sem se pulverisar como queimado por uma bala.

Por uma bala?!

Deus meu, o que escrevi!

Por que não me suïcidei então?

Porque não tive fôrça moral para pôr têrmo à existência?

O que era que a ela me prendia?

O que havia ainda que me sedusisse?

Que expiação, que tremenda expiação me estava reservada para, ao pegar no revólver, — sim, porque eu cheguei a apoderar-me da arma libertadora — sentir a mão inerte, gelada, incapaz de qualquer movimento, impotente para premir o gatilho.

Que significava aquilo?

Que queria dizer semelhante falta de acção?

A minha energia, a minha vontade não me ajudaram, traíram-me exactamente quando mais necessitava delas.

Onde estavam?

Para onde se haviam sumido?

Oh! era bem fácil sabê-lo.

Tinham desaparecido, debandado perante a minha cobardia.

Sim, sim, escrevo-o envergonhado, confuso, esmagado.

Mas é a verdade, a verdade em tôda a sua crueza e ao mesmo tempo em todo o seu esplendor.

Tudo aquilo, tôda a falta de acção, todo o pavor, hesitação e fraqueza que me tomavam os movimentos eram pura e simplesmente cobardia.

A cobardia dos doentes, dos indecisos e dos criminosos temendo a morte, o além.

E durante tôda a minha vida a cobardia tolhera meus desígnios, adulterára meus actos, falseara-me as intenções, conspurcara-me indelevelmente o carácter.

Fôra ela aliada ao ciúme que me prendera a língua e me não deixára dizer franca e claramente a Maria do Céu as minhas desconfianças e o meu próprio amor em tôda a sua grandeza e paixão.

Fôra ela que me obrigára a fugir em frente do meu rival, quando o vi na varanda do hotel zombando de mim com os amigos. Ao encontrar dissimuladas nas minhas as cartas do amante, as cartas que foram a sentença de morte, lá estivera também a cobardia desnorteando-me,

avultando a meus olhos a culpa, fazendo-a tomar proporções extraordinárias e não permitindo que, como qualquer homem normal, obrigasse Maria do Céu a dizer-me tudo, a contar-me tudo.

Em Alexandria, no Cairo, em Constantinopla e Paris, por tôda a parte, a tôdas as horas, em tôdas as cidades, atravez do mundo, como fantasma e pesadêlo omnipresente, a cobardia, a minha cobardia, seguiu-me sem cansaço e dominou-me sem tréguas.

Cobardia física e moral que era lepra corroendo-me a alma e sífilis apodrecendo-me os sentimentos.

Cobardia que não havia fôrças que jugulassem e que quando me supunha liberto de sua acção era certo o ataque ser mais rude, mais brutal e devastador.

Só duma vez, exactamente quando ela era mais justificada e mais natural, não sei porque estranho fenómeno ou porque estranha disposição, essa cobardia deixou de me perseguir e aniquilar. Foi quando entrei na minha casa de Lisboa. Quando revi os aposentos, os móveis, os *bibelots*, os retratos, os objectos que tinham vivido comigo, que haviam feito parte da minha vida e intimidade durante anos e anos, que minhas mãos haviam tocado, acariciado, que as mãos de Maria do Céu haviam tocado e acariciado também.

Ao transpôr a porta daquela casa cheia de recordações trágicas, onde falecera meu pai, onde assassinara Maria do Céu, nenhuma fibra do meu coração, nervo do meu corpo, parcela da minha sensibilidade estremeceu, vibrou comovida, impressionada ou receosa. Fiquei im-

passível, sereno, como se tudo quanto me rodeava, aquele scenário, no qual adejavam as sombras da morta e os vestígios do crime, me fôsse alheio. Mas se a minha alma era assim, assim insensível e cínica, a minha inteligência não deixava por vezes de se revoltar, irrompendo como fogo vivo de cinzas que se julgam apagadas e frias. Começava então a grande tortura moral.

Com que direito, em nome de que direito matára?

Tinha, por acaso, a certesa de que minha mulher me traía?

Eram, porventura, as cartas encontradas suficiente prova de culpa e, mesmo que o fossem, poderia assim ter disposto daquela vida, ter feito justiça por minhas mãos?

Não, não, eu não tinha, ninguém tem o direito de matar.

Portanto, uma vez que assassinára, fôsse ela culpada ou inocente, o caminho que me estava indicado era o süicídio ou a cadeia. Aquele cadáver na minha vida é que não podia continuar. Demais estava provado que por tôda a parte êle me perseguiria. Se me libertara do ciúme, agora era impossível libertar-me do crime.

Terrível situação, escura noite pela qual vagueáva perdido, derrotado, pusilânime, vendo apenas no passado um rasto de sangue e descobrindo no futuro um trilho de expiação.

E, enquanto nas horas de silêncio, nas horas recolhidas e tenebrosas da noite, a minha inteligência me torturava com perguntas e insinuações indiscretas; mal o sol tingia os horisontes, a luz doirava a cidade, logo minha alma, egoísmo, vis

paixões e deploráveis defeitos se erguiam relembrando-me os anos atrozes de ciúme e de sofrimento que passára e mostrando-me a vida pronta a acolher-me entre glórias, prazeres e felicidades.

Olhava atónito, e se dum lado via escancarada a vala do süicídio, do süicídio inútil, estúpido e talvez denunciador do meu crime; do outro descortinava uma existência satisfeita e deliciosa. Lindas mulheres, esplêndidas amantes e Lisboa, tôda a Lisboa da elegância, da política, da burguesia, estimando, bajulando o seu maior artista, o pintor cujo nome era querido e respeitado em Paris.

Süicidar-me para quê?

Süicidar-me como, se me faltava a coragem?

Não, não, süicidar-me, não.

Viveria.

Esqueceria tudo.

Esqueceria como os outros, como a sociedade havia esquecido.

Quem se lembrava agora de Maria do Céu? sim, quem se lembrava?

Ninguém, ninguém...

Madalena talvez... mas era apenas uma vaga recordação de amizade que o tempo deliria e mesmo que o não fôsse, Madalena estava tam longe, tam longe.

Era certo que podia voltar de repente, mas se então falasse, se tivesse a coragem de falar, ninguém a acreditaria.

Cinismo, hipocrisia, saber sufocar a tempo tôdas as vozes interiores que como ondas de oceano com fúria sacudiam o meu consciente e

o meu sub-consciente, eis as armas, a defeza com que me era dado contar para vencer na nova vida.

E com elas, auxiliado por elas, estava seguro que o passado, o atroz passado, dentro em breve mais não seria do que episódio para sempre ignorado na corrente impetuosa e no seio misterioso do tempo.

XVII

Ao findar o outono reüni alguns quadros, retoquei outros e fiz constar a Lisboa o meu regresso à arte. A imprensa levou então aos quatro cantos da cidade o relato minucioso dos meus triunfos em Paris, e, transcrevendo as críticas e notícias dos jornais franceses, cumulou-me de amabilidades e dispendeu comigo seus melhores adjectivos.

Lisboa, cidade fútil e leviana como uma mulher, vaidosa e cheia de pretensões como um idiota, inculta, espantadiça e indolente, apontou-me nas ruas, fêz-me notado no Chiado, escolheu-me para assunto predilecto de suas conversas, criando à minha volta quási uma lenda de prestígio, de génio e de glória. Raro era o dia em que não recebia felicitações dos mais ilustres camaradas e mais entusiásticos amadores de pintura por ter quebrado o meu isolamento e resolvido continuar em Portugal a carreira artística.

No club os amigos e conhecidos rodea-

vam-me, procurando o meu convívio e vaidosamente alardeando intimidades e confidências que não existiam e que eu jámais lhes havia feito. Mal sabiam êles, mal podiam suspeitar, quanto seu convívio me era antipático, insuportável quási, por ter a consciência dos perigos que à minha volta se multiplicavam e dos quais já agora não podia fugir.

Convidado para tôdas as festas mundanas, recebido e anciosamente esperado nos salões, evitava o mais possível as mulheres, esquivava-me sempre a convivências aturadas que levam à amizade e daí ao amor.

A lição de Maria do Céu era para mim constante e doloroso aviso. Era um toque de rebate dos meus sentimentos e do meu coração dizendo-me, advertindo-me que não podia dedicar-me, amar alguém, fôsse na mais pura e na mais inocente das intenções, sem que logo o ciúme surgisse envenenando e destruíndo tudo.

Estava condenado a passar na vida sem afeições, sem carinhos, sem possuír um peito feminino, uma doce alma de mulher que suavisasse meus dias e fôsse lampejo de sol na soturnidade da minha alma.

Êste castigo, êste anátema, que como sentença dos deuses invisíveis e do destino cego havia de arrastar sem lenitivo e sem tréguas pela existência fora, fêz-me por várias vezes assomar as lágrimas aos olhos ao ver partir desiludidas as minhas admiradoras.

Lágrimas que me queimavam as faces, que as escaldavam, que pareciam rebentar-me as pupilas, cegar-me, mas que longe de esmorecerem a mágua e o desgosto, me faziam recordar em

tôda a intensidade de sua paixão e em todo o negro da sua tragédia os anos passados com Maria do Céu.

E o crime surgia então a meu lado fitando-me e rindo.

Rindo sarcàsticamente e em cada nota, em cada som do seu riso parecia dizer-me que eu, apesar de tudo, era e seria sempre o seu escravo e prisioneiro. Não havia manhã e não havia tarde, por mais que fizesse, por mais que me procurasse distraír, que não ouvisse em mim, a meu lado, sua voz insuportável repetindo sem cessar:

— *Mataste, ouviste, é preciso que te lembres que mataste!*

E eu concordava: — *Sim, sim é verdade, matei. E agora que queres, que queres?!*

O silêncio estabelecia-se à minha volta. A pregunta formulada à minha alma, à minha consciência, ao vácuo, àquele fantasma que não deixava de perseguir-me ficava no espaço suspensa, trágica e eu sentia-me isolado no mundo como se o mundo fôsse só habitado por mim e pelo meu crime.

Punha-me então a lêr os jornais, as cartas recebidas, a recordar as palavras dos meus amigos, dos conhecidos, das mulheres que me visitavam e envaidecia-me, pressentia que ainda podia ser feliz, ser um verdadeiro homem liberto das algemas das paixões e dos vícios.

Na minha negra e atribulada existência, existência feita de mentira e de dissimulação, sacudida ininterruptamente pelos vendavais do sofrimento moral, era a Arte e tudo quanto de magnífico, de grande e de belo ela proporciona

aos seus cultores, meu único lenitivo, bâlsamo suave para quantas das escruciantes dôres me apunhalavam a alma.

Na noite de meus dias, noite caliginosa e impenetrável, apenas tremelusia aquele astro de diamantino reverbero e suave consôlo.

E eu, em adoração extática contemplava-o, procurando mais e mais aproximar-me dêle, mais e mais torná-lo incandescente pelo meu trabalho, receoso que êle se sumisse também, se apagasse, se fôsse, desaparecesse no tremedal onde campeavam ovantes o ciúme, o crime e todos os actos infames do meu passado.

*
* *

Certa manhã, tinha acabado de me vestir quando o telefone retiniu.

O criado chamou-me, dizendo ser Teodoro Manfredo.

Fiquei pálido, aterrado, suspenso.

Teodoro Manfredo!!!

Sim, ainda vivia o homem em casa do qual encontrára e vira pela primeira vez, a minha vítima.

Ainda vivia aquele homem que sempre fôra para mim amigo sincero e leal, mas que sem o saber, sem sequer de longe o suspeitar, concorrera para me tornar criminoso.

Teodoro Manfredo, quantas recordações esse nome me não veio despertar!...

Era todo o passado, desde o início da minha carreira. Era tôda a minha vida, instante por instante, minuto por minuto, segundo por

segundo. Todos os dias felizes, os meses de tortura, os anos de ciúme, todo o crime... todo o drama.

Ainda vivia, e como êle haviam de viver muitos outros, testemunhas do meu amor por Maria do Céu, fazendo parte das nossas relações e que me viriam a aparecer, pouco a pouco, hoje este, amanhã aquele, torturando-me com sua presença, fazendo-me tremer em frente deles, recordando talvez piedosamente Maria do Céu, erguendo à minha frente legiões e legiões de espectros e de perigos.

O criado, reclamando-me de novo ao telefone, arrancou-me a êstes pensamentos sombrios.

Encaminhei-me a custo e constrangido tomei o auscultador.

A voz ainda forte, bem timbrada, de Teodoro Manfredo arrepiou-me, deu-me a sensação de gêlo que me estivessem aplicando sôbre a espinha ou de chumbo derretido que me estivessem vertendo sôbre o peito. Era êle, era bem êle, o vélho Teodoro, o homem que com aquela mesma voz me apresentára a Maria do Céu.

Queixava-se de o não ter ido visitar logo que chegára a Lisboa e como não podia sair pedia-me para o ir vêr. Insensìvelmente tive uma contração de pavor e com a voz estrangulada na garganta, a gaguejar, sem saber o que dizer, escusei-me com deselegância, alegando ter de acabar o retoque dum quadro.

—Bem, bem, volveu Teodoro, não o quero fazer perder tempo, mas amanhã, espero-o sem falta.

Ia a retorquir, a esboçar a primeira desculpa, mas êle enfastiado e mal disposto desligára já.

Desoladamente, deixei cair os braços, inclinei a cabeça como um homem perante o irremediável.

Tinha de ir, tinha de obedecer.

Para a minha arte, para a minha própria vida futura, podia ser prejudicial e ter conseqüências desagradáveis e inesperadas qualquer agravo, qualquer atitude menos correcta com Teodoro Manfredo, com o artista ilustre que todo o país e estrangeiro veneravam, com aquele homem de diamantino coração, gozando de prestígio moral incalculável, quer nas mais ínfimas, quer nas mais elevadas camadas sociais.

Todavia, nem sequer queria pensar no quanto aquela visita era para mim, para a minha alma e para os meus nervos, dolorosa e torturante.

E sem querer, embora fizesse todo o possível para me distraír passei o resto do dia recordando o chá, aquele chá em casa de Teodoro Manfredo para o qual tinha sido convidado anos antes e que fôra, na verdade, a primeira scena do meu drama.

Agora ia novamente vêr a sala onde conhecera Maria do Céu, vê-la sentada no grande sofá, rindo e conversando alegremente, esplêndida em sua radiosa mocidade, dando-me a mão a beijar num sorriso, olhando-me com curiosidade, interessando-se pelas minhas palavras.

Oh! sim, sim, ela, a sua sombra, o seu fantasma haviam de lá estar, naquela casa onde a conhecera, onde sentira por ela os rebates ardentes do amor.

Ela havia de lá estar.

E com que coragem, com que cinismo po-

deria eu tornar a vêr aqueles logares sem estremecer, sem soltar um grito de pavor, sem me denunciar, sem dizer tudo, tudo a Teodoro Manfredo.

Dizer-lhe tudo?!

Confessar-lhe tudo?!

Sim, e porque não?

Reüniria o resto das minhas energias, as dispersas qualidades que ainda esmaltavam meu gasto coração, a sinceridade, a lealdade, a verdade, dir-lhe-ia tudo, contar-lhe-ia tudo, fazendo a descrição promenorisada da minha doença, pintando-lhe com as devidas côres o meu ciúme, a história das cartas... o crime, enfim.

Teodoro Manfredo tinha sido sempre para mim amigo certo e conselheiro generoso.

Depois de meu pai fôra dele, da sua experiência e bondade que colhi os mais preciosos ensinamentos, não só na arte, mas também na vida.

Ensinamentos que para meu mal sempre esqueci e sempre despresei quando êles me podiam ser profícuos e valiosos.

Teodoro era, portanto, pela sua idade, posição e estima com que me distinguia, a pessoa indicada a recolher o meu segrêdo.

E fazia planos.

Entraria em sua casa e cair-lhe-ia nos braços numa grande expansão de afecto e amizade.

Teodoro comovido deixaria toldar pelas lágrimas suas pupilas azuis e eu, tocado por aquele enternecimento, choraria também, mostrando-lhe quanto era grato e sensível à sua amisade.

Manfredo sempre desejoso de estar ao facto

dos grandes acontecimentos artísticos havia de querer saber dos meus êxitos em Paris e eu contar-lhos-ia sem vaidade e sem alarde, procurando até desviar a conversa, dando-lhe a entender que outra coisa mais grave e mais importante me preocupava o espírito. Passaríamos depois ao salão de música onde fôra apresentado a Maria do Céu. Então, ao rever aquele aposento, ali, onde cada objecto, cada móvel, tudo me relembrava a minha vítima, tudo me reconduzia ao passado, não seria superior, não poderia dissimular por mais tempo e todo eu estremeceria a ponto de ter de me apoiar para não cair exâmine.

Teodoro Manfredo surpreendido, estupefacto, interrogar-me-ia sôbre a causa do meu estado e eu então dir-lhe-ia frente a frente, cara a cara, sem vacilar, numa imensa energia e coragem:

— Mestre, sou um criminoso... sou indigno que me recebam. Quero expiar, preciso expiar todo o mal que fiz, tôda a minha leviandade, todo o meu crime.

Estas palavras proferidas em tom sincero e com profunda convicção haviam de despertar no ânimo de Teodoro tam pouco habituado às sensações fortes, primeiro a surpresa, depois o pasmo. E percebendo que êle não acreditava nas minhas palavras, que me olhava como se eu estivesse louco, repetiria, a face já enxuta do pranto, de pé, sereno, calmo, como homem que toma sôbre si tôdas as responsabilidades e não as teme nem as engeita.

— Sou um criminoso, mestre.

Então, ainda surpreso, olhando-me muito, Teodoro Manfredo tomar-me-ia as mãos e obri-

gando-me a sentar-me, diria com voz meiga, como se falasse a uma criança, a um doente:

— Mas tu enlouqueceste Rogério, enlouqueceste.

E eu responderia, debilmente:

— Não, não enlouqueci, é a verdade.

Haveria um silêncio.

Silêncio pesado e embaraçador, durante o qual Teodoro me fixaria receando-me e procurando descobrir no meu semblante o que de verdadeiro e de falso minha alma escondia, o que de horrível e medonho meu coração guardava.

Mas isto, êste exame incómodo, duraria pouco. Absolutamente senhor de mim, confessar-lhe-ia tudo. Tudo, sim, sem esquecer qualquer scena, qualquer episódio, o mais pequeno detalhe.

Faria primeiro a história do meu ciúme, as torturas porque passára, as desconfianças assaltando-me quotidianamente, a impossibilidade de me vencer, de me dominar, a minha arte e a minha vida ameaçadas e, depois, depois a idea do crime, aquele terrível projecto martelando-me o cérebro continuamente. Quando terminasse, Teodoro Manfredo, avaliando o meu amor, êle que era um sentimental, percebendo que em mim apenas o ciúme falára e agira, reconhecendo-me fraco perante as paixões, mais digno de piedade e de lástima do que de castigo, guardaria o meu segrêdo, perdoar-me-ia e até talvez me dissesse palavras de confôrto. E eu teria assim realizado o meu maior desejo:

Desembaraçar-me do segrêdo que me angustiava, dizê-lo a alguém, ter um cúmplice mo-

ral, um homem, um amigo com o qual, quando me visse mais torturado pelo remorso, pudesse livremente discutir o meu caso e analisá-lo sob seus variados aspectos.

E se êle não perdoasse?!...

Acaso não sabia quanto Teodoro estimava Maria do Céu, acaso esquecera quanto êle havia sentido a sua morte?!

Ignorava, por ventura, que durante os seus sessenta anos êle sempre fôra um homem honrado e digno, incapaz de praticar qualquer acção contra a sua consciência, de cometer a mínima falta, de encobrir com o seu silêncio o mais ligeiro delicto?

Se êle em vez de me perdoar, se erguesse fulminante de cólera, fulminante de indignação e me ordenasse que não saísse enquanto a polícia me não viesse buscar?

Como me defenderia?

Como me salvaria?

Fugindo?

— Impossível.

Matando-o?

Lançando-me à primeira ameaça ao seu pescoço e estrangulando-o?

E desaparecer depois, emigrando do país atravez de todos os perigos e de tôdas as dificuldades, para não mais voltar.

Outro crime?

De novo as mãos tintas de sangue?

A tara... a maldita idea.

Matar... matar... oh! não... não... não podia ser.

Olhei ao redor esgaseado, tranzido.

Soltei um grito, grito de horror e de nojo

por mim próprio. Escondi a cara nas mãos e fiquei para ali nem eu sei quanto tempo, incapaz de qualquer movimento, de qualquer resolução, como um cadáver, como um pouco de lama.

*
* *

Quando entre-abri os olhos, a noite caía lentamente.

No aposento imerso na penumbra do entardecer, os móveis, os quadros, os bibelots, tudo quanto dele fazia parte, sumiam-se, confundindo seus contornos e formas na semi-obscuridade.

Qualquer coisa de vago, de sobrenatural, de fantástico errava subtilmente pelo aposento, tomando-o, apoderando-se de tudo, envolvendo-me em seu sortilégio e em seu tenebroso mistério.

Ergui-me lívido, vacilante, coberto de suor. Ergui-me... e fugi. Fugi daquele quarto onde parecia estar patente, enorme e irremovível a sombra do meu crime. Fui pela rua fora, inconsciente e idiota, à busca do primeiro recanto de prazer, fôsse êle o mais sordido ou o mais luxuoso, onde pudesse aturdir-me, esquecer, aplacar o sofrimento moral.

Reclinei-me em peitos perfumados de mulheres mercenárias, cheirando a verbena e cujos lábios dir-se-iam lacre derretido.

Saciei minha febre de amor bestial, fazendo-as gemer sob a luxúria que me sacudia, gozando-lhes as carnes em ânsias e em desvairos selvagens, canibalescos.

Não me recordo dos beijos que dei, das

palavras que disse, das taças de champagne e cálices de licor que bebi.

Apenas, vagamente me lembra que pela madrugada uns amigos me trouxeram a casa de automóvel e que foi o meu criado que teve de me despir.

Não sei quantas horas dormi.

Ao acordar o sol ia já alto.

Reconsiderei, recapitulei tudo quanto na véspera me sucedera.

E sobrepujando tudo logo me ocorreu à memória a visita prometida a Teodoro Manfredo.

Era aquele o dia da minha maior provação.

O dia em que o meu moral ia ser fortemente chocado pelas fôrças ignotas e traiçoeiras do destino.

Sairia vitorioso?

Denunciar-me-ia?

Teria coragem suficiente e cinismo bastante para me encontrar com Teodoro Manfredo sem que qualquer músculo da minha fisionomia se contraísse, sem o meu coração bater mais apressado, sem a minha consciência protestar?

Duvidava muito.

Pela primeira vez me faltava a confiança em mim, faltava-me sobretudo a energia e o sangue frio para continuar a esconder os segredos e os mistérios da alma. Como condenado a quem tôda a indulgência foi recuzada e caminha para a morte perseguido pela recordação dos dias felizes, amaldiçoando a vida, os homens e as paixões, tudo quanto o escravisou, o confundiu e envolveu no turbilhão de lama, de maldade e de fogo do mundo, lamentando interiormente não ter vivido sempre ignorado no fundo de

qualquer caverna ou no meio do deserto, assim me dirigi para casa de Teodoro Manfredo.

Ia atordoado, trémulo, cheio de receios, de pavores e meus olhos contemplavam as coisas, os homens, as árvores, o céu, tudo quanto podiam abranger, como se o fizessem pela última vez.

Como se se fossem cerrar para a eterna noite e talvez para a desejada tranquilidade.

Mas não, não.

Resisti.

Soube dominar os nervos.

Para isso, para não me denunciar, concorreu também muito, é certo, o acaso e além do acaso a minha ânsia de viver a nova vida e de nela pela minha conduta e pelo trabalho encontrar a reabilitação e a paz de consciência.

Sim, havia de me reabilitar. De me reabilitar perante mim mesmo, o que é a reabilitação mais honrosa, mas também a mais difícil que o homem pode conseguir.

E foi esta ânsia de me tornar outro, este desejo muito ardente e dominador de para o futuro ser totalmente diferente do que havia sido até então, que me fez conservar perante Teodoro Manfredo tôda à calma e tôda a impassibilidade.

Teodoro, retido no leito em consequência dum ataque de reumatismo agudo, apareceu-me tam velho, tam abatido, tam doente que a custo o reconheci e com dificuldade reconstituí em minha memória o homem exuberante de vida, de saúde e de boa disposição, com quem privara anos atrás.

O acolhimento quási indiferente que me fez,

sua maneira de olhar, modos, palavras e gestos, sua face amarelada, quási transparente, tudo denunciava cansaço, alheamento, últimos lampejos duma existência a extinguir-se aos poucos.

Sómente, sua voz, aquela voz forte e bem timbrada que na véspera me fizera estremecer e fôra um choque eléctrico em minha sensibilidade, conservava o mesmo vigor, o mesmo som e a mesma energia. Ao contemplar aquele enfêrmo, aquele quási cadáver, senti verdadeira e sincera mágua. Tudo quanto me torturava e afligia o espírito desapareceu e passou a segundo plano, para nele se fixar e prevalecer a piedade, a ternura, o sentido respeito por aquele homem que era já uma relíquia e em breve mais não seria do que uma recordação.

Se fisicamente a decadência havia sido grande, intelectualmente mais se fizera sentir.

Durante duas horas que estivemos juntos nem uma só vez me falou de arte ou da minha carreira. Dir-se-ia que uma amnesia total lhe tolhera as faculdades e que o mundo, a vida, a glória eram coisas para êle desconhecidas e vagas.

Quando lhe comuniquei que em breve faria nova exposição, exposição definitiva, olhou-me abstracto e baixando a cabeça imerso não sei em que pensamentos, esteve por segundos silencioso, para logo recomeçar pela terceira vez o relato enfadonho e complicado da sua doença.

Levantei-me para me despedir.

Teodoro olhou-me fixamente e então em suas pupilas vi brilhar o reflexo antigo, concentrar-se todo o fogo da longínqua mocidade, da extincta juventude, os seus nervos vibrarem com

esfôrço, seu peito encher-se de lufadas de vida para me preguntar, como se nesta pregunta fôsse um mundo de interrogações e de desconfianças mal veladas:

— E tens sido feliz? tens sido feliz?

Uma onda de sangue invadiu-me as faces. Um arrepio interior percorreu-me. Enclavinhei os dedos, mordi os lábios e respondi debilmente — sim, tenho sido. — E esta mentira, esta grande mentira, eu próprio, ao ouvi-la, me impressionou pelo seu cinismo e pela sua ousadia. Olhei Teodoro e vi que êle recaíra no seu antigo estado. Curvara mesmo a cabeça sôbre o ombro direito como se ao dispender aquele pequeno esfôrço de há pouco tivesse esgotado tôdas as energias.

Apertei-lhe a mão, com suprêma piedade.

Teodoro disse-me ainda, mas agora com voz fraca, voz velada, voz quási de além túmulo:

— Obrigado Rogério, obrigado por não te teres esquecido de mim.

Saí.

A porta fechou-se.

Fiquei sósinho no corredor sombrio e húmido.

Sôbre minha alma, semelhante à névoa que pelas tardes maceradas de Setembro paira sôbre o oceano, abateu-se o manto negro da angústia e da tristeza.

Angústia e tristeza por ver aquele homem cheio de talento, iluminado outrora pelos fulgores rutilantes duma grande inteligência, pelos clarões esplêndidos da inspiração, morrer, acabar para ali como qualquer ignorado, como qualquer miserável, sem carinhos, sem confôrtos, sem esperanças, quási sem uma mão amiga para lhe

cerrar piedosamente os olhos no instante suprêmo. E assim eu também morreria. Assim abandonado, esquecido, despresado. E nos dias de minha doença e solidão, nos momentos trágicos de minha agonia, os espectros do meu existir, a recordação do meu crime estariam sempre junto de mim, torturando-me sem cessar, esmagando-me sob seu pêso, fazendo-me sofrer até ao fim, sem um instante de repouso, de trégua, de sossêgo...

Só a arte, o sonho, o ideal e a fé seriam capazes de me salvar, de tornarem a última fase da minha vida digna e honrada.

Enquanto atravessava a cidade fazia planos de temperança, moralidade e trabalho.

Apenas a bondade, a humildade nortceariam minhas acções.

Os desválidos, os deserdados, os infelizes, os fracos teriam em mim o seu amigo, o seu protector e companheiro.

Jámais ambição, vaidade ou apetite viriam com seu bafo maléfico toldar o claro rio de minha conduta e de meu procedimento.

Para as mulheres mostraria indiferença delicada e se os dias os reservava ao trabalho, as noites seriam para fazer os meus exames de consciência e expurgar de minha alma tôda a semente daninha.

Reconciliar-me-ia com Deus, invocaria seu nome nas horas de maior atribulação e pela crença, pela vontade, pela penitência, em segrêdo, ocultamente, sem ruído e sem alarde, a sós comigo, resgataria os erros, leviandades e paixões de minha louca mocidade.

Pregunto hoje a mim próprio:

Cumpri?

E a voz da minha consciência responde:

Não.

E porquê? Porquê? se era tam fácil fazê-lo. Se eu já tinha esgotado tôdas as fontes de prazer, saciado tôda a minha curiosidade, satisfeito os meus desejos de glória e de riquesa, vivido todos os sonhos que a imaginação humana pode conceber.

Porque não cumpri? Porque não cumpri?

Sei-o lá bem.

Por fraqueza, por tara, por qualquer coisa de oculto, de terrível, de feroz que em mim era superior à vontade, à inteligência, ao sentimento e ao raciocínio, a tudo quanto distingue o civilizado do selvagem, o animal do espiritual, o homem da fera.

XVIII

Sôbre o meu crime nove anos passaram.

Olho-me interiormente e recuo espavorido.

Onde estão os meus planos de trabalho e de reabilitação? Onde ficaram, onde se sumiram os desejos de me tornar um verdadeiro homem de bem.

Ignoro-o. O facto é que a minha vida continuou sempre a ser dominada pelas paixões e pelo desejo. Não pude, não soube, não me quiz libertar de sua influência nefasta. Desgraçada da creatura que alguma vez se deixa envolver no turbilhão devastador que sua animalidade constantemente levanta. Jámais conseguirá ser outra coisa do que escravo dos baixos prazeres, jámais conseguirá aplacar os monstros morais, o orgulho, o sensualismo, a mentira, a hipocrisia que em sua alma se degladiam como feras prisioneiras e esfaimadas.

Quando comecei a escrever o relato abjecto da minha vida e do meu crime jurei a mim pró-

prio ser verdadeiro. Jurei-o e a consciência não me acusa de até aqui ter deturpado qualquer scena ou olvidado o mais simples pormenor.

O que está para trás, essas páginas de sangue e de ignomínia que aí ficam, são a verdade em todo o seu esplendor. Agora, porém, vejo-me forçado, pela vergonha que me causam, baixesa que revelam e lama que esparrinham, a esconder muitos actos do meu existir e a mascarar outros com as roupagens elegantes, mas falsas, da fantasia.

Instalado em Lisboa, reatadas as minhas relações nada havia que me distraísse e vegetava pela vida sem interêsse, sem destino, sem ideais, como náufrago, como destrôço. Nesta apatia de todo o moral, nesta espécie de estado cataleptico a que minha alma chegára, julguei completamente morto o passado, o tenebroso passado, e meu coração e espírito começaram a palpitar e a orientarem-se em perfeita concordância com o meu instinto. E êsse instinto era todo sensual, todo carnal. Comprasia-se em deboches e saciava-se em orgias. Arremessava-me quási insensìvelmente para os amores e para os vícios mais repugnantes.

Todos os sentimentos castos que possuíra estavam calcinados e destruidos.

Calcinados pelo fogo do desejo. Destruidos pelo furor da minha volúpia que tudo enleava como serpente venenosa e voracíssima. As mulheres olhava-as apenas como objectos de prazer. Nunca se aproximou de mim qualquer creatura séria, honesta, virgem que fôsse, que

me despertasse outro interêsse ou tentação superior à da posse e à do gôso.

Todavia, nêste monte de lama, materialismo vitorioso, nesta vida desregrada de desprêso por tôda a moral, de irrespeito por mim próprio, surgiam às vezes claridades muito puras. Era a minha alma devota e boa, apaixonada de beleza e de poesia, tôdas as suas maravilhas e tesoiros acordando em mim o antigo e longínquo homem e fazendo-me vibrar de puro idealismo.

Comparando então o esplendor do que outrora sonhara ser, à miséria do que agora era, cheguei a sentir nôjo, enfado e desprêso pela minha nova personalidade.

Cheguei a considerar-me funambulo, palhaço de feira, que os outros apenas toleravam.

No atelier, sem inspiração, inteligência e vontade, quási maquinal, copiando linha a linha, traço a traço, feição a feição, os modelos que arranjava, um cansaço imenso invadia-me, a intuïção artística atraiçoava-me e uma molêsa invencível, vazio completo das faculdades mentais, tomava-me todo. Deixava cair das mãos quási inertes o pincel, afastava o cavalete e perdia-me com a mulher que me servia de modêlo em longas horas de amor e de prazer. No dia seguinte procurava continuar o meu exaustivo trabalho da véspera, mas a breve trecho aborrecia-me, enfastiava-me o quadro, o assunto e era mais uma tela que ficava por terminar, posta de lado... falhada. Procurava nos clubs, nas ruas, nos lupanares, novas mulheres, trazia-as comigo, desnudava-as, mas logo que começava a trabalhar, o

desejo chicoteava-me e despresando a arte entregava-me às carícias daquelas amantes de ocasião, daquelas sórdidas amantes a quem pagava. Houve um período pavoroso, horrível nesta fase da minha vida. Período que não sei se teve origem no meu sub-consciente, se foi originado pelo desiquilíbrio e fraquêsa do meu estado físico.

De certa altura em deante, não posso precisar datas, os afagos, beijos, palavras, simples sorrisos, os próprios gestos de qualquer mulher recordavam-me imediatamente os de Maria do Céu.

Entre êles havia semelhança tam acentuada que dir-se-ia a minha vítima, por estranho e sôbre-natural fenómeno, ter-se incarnado na alma de tôdas as minhas amantes.

Durante a noite, dormindo muitas vezes com qualquer mulher no mesmo leito em que possuira Maria do Céu, acordava sobressaltado e via o espectro da morta confundindo-se na sombra pesada dos reposteiros, fazendo estalar os móveis, banhando o aposento de pálido rasto luminoso, dando-me, enfim, por tôdas as formas indícios de sua incómoda presença.

Acendia a luz nervoso e apressado e sem nada dizer à minha companheira, mal podendo falar, fugia tremendo, como réprobo desamparado por Deus.

No atelier, pelo corredor, pelas salas passeando agitado, vi muitas e muitas vezes clarear a manhã.

A estas vigílias forçadas vinha o remorso torná-las mais dolorosas e terríveis. Remorso que me queimava as entranhas, que me fazia delirar,

que me prostrava, imprimindo-me no rôsto indeléveis sinais de enorme sofrimento moral. Recorria ao álcool e aos excitantes, mas o álcool e os excitantes, longe de me distraírem e de me proporcionarem outras miragens e outros pensamentos, apenas enegreciam mais o scenário do crime e os actos do meu passado.

O que sofri, o que passei nessas noites tormentosas de insónia e de pesadêlo, é indiscritível.

Se possuo inimigos, se um homem como eu pode ter inimigos, o mais encarniçado, o mais cruel se conhecesse e fôsse capaz de avaliar a minha angústia moral, teria para mim palavras de compaixão.

Impossibilitado de confessar o crime, tendo de o guardar, de o esconder no meu íntimo, mais monstruoso e mais atroz me parecia ainda.

Tam monstruoso e tam atroz que era já superior às minhas fôrças a sua recordação, por mais leve e ligeira que fôsse, deixava-me sucumbido. Se alguém, sabendo aproveitar ou perceber meus instantes de remorso, acabrunhamento e derrota, se tivesse aproximado de mim interrogando-me, fazendo-me falar, diria tudo, confessaria tudo em seus mais simples e insignificantes detalhes.

Porém isso era quási impossível, pois que nessas ocasiões afastava do meu lado qualquer pessoa, chegando muitas vezes, alta madrugada, a expulsar brutalmente as minhas amantes. Elas olhavam-me espantadas, vestiam-se à pressa e iam-se, julgando-me louco ou embriagado.

Outras vezes deixava-as sós no leito que fôra de Maria do Céu e pela manhã seguinte

aparecia-lhes pálido, transtornado, cadavérico, a ponto de lhes infundir terror. O remorso era um cancro devorando-me aos poucos a alma. À medida que os dias passavam e os anos sucediam, o seu ataque, longe de amortecer, mais se encarniçava e mais me tolhia.

A própria casa que ao chegar a Lisboa depois da minha fuga de França nenhuma impressão me causára, estava agora cheia de espectros, de sombras acusadoras e terríveis.

Sentia-me mal ao transpôr a porta, como se no patamar, no atelier, no meu quarto, por tôda a parte me estivesse esperando o fantasma de Maria do Céu.

Certa tarde chuvosa e fria de Fevereiro, lia um romance qualquer na confortável intimidade da minha sala de fumo.

O lume crepitava na chaminé.

A temperatura morna do ambiente, o conforto do maple, os músculos lassos, os nervos doentes, o cansaço senil que agora tam freqüentemente me invadia, fizeram-me caír em sonolência.

Semi-cerrei as pálpebras, recostei a cabeça, deixei tombar o volume que estava lendo e fiquei assim longe do mundo, longe da vida, longe de tudo, dez, quinze, não sei quantos minutos.

Súbito senti-me sacudido por braços hercúleos, monstruosos, a meus ouvidos ressoou uma voz entrecortada, lancinante, gemendo em aflições, em estertores.

Os ramos nús das árvores do jardim bateram furiosamente uns contra os outros, como se fôssem ossos de esqueleto gigante. Os repostei-

ros oscilaram ao sôpro da rajada que, sem eu saber como, penetrára no aposento.

As labaredas do fogão tremeluziram, estorceram-se, tentaram erguer-se em supremo esfôrço, mas, por fim, como subjugadas por mão poderosa e oculta, apagaram-se, sumiram-se expelindo nuvens de faúlhas pálidas e de fumo acinzentado.

Soltei um grito.

Levantei-me de golpe.

Fóra o vento cessára.

No firmamento ainda carregado havia uma vaga luminosidade e no fogão até ali cheio do bailado bárbaro das labaredas apenas restavam cinzas frias e inúteis.

Sentia-me perseguido por qualquer ente invizível, sentia que alguém me espiava, que alguém me fitava entre irónico e cruel.

E esse alguêm era ela, sim, sim, era ela...

Era Maria do Céu, a minha vítima.

Não sei descrever o terror e a cobardia que então me tomou.

A custo atinei com a porta e ao fechá-la à chave pareceu-me que lá dentro prisioneiro, encarcerado, o fantasma de Maria do Céu se debatia em fúrias, em arrancos pavorosos.

Enverguei à toa o sobretudo e saí correndo. Saí para me aturdir, para me embriagar, para esquecer.

Já na rua, ao levar a mão ao bolso, encontrei a chave da sala. O seu contacto, a sua frialdade arrepiou-me as carnes e num gesto impulsivo arremessei-a para longe.

Nunca mais abri, nunca mais penetrei naquele aposento onde distintamente sentira o am-

plexo, o domínio da morta, sua pele roçar minha pele, seus lábios tocarem meus lábios, seus olhos cheios de mistérios e ameaças fusilarem na semi-penumbra, como os dos chacais fuzilam na floresta lobrega.

Nunca mais a abri, nunca mais a ela fui, é certo, mas também desde esse dia o espectro da minha vítima não deixou de me perseguir cada vez mais próximo e cada vez mais *visível.*

O álcool, as noites de orgia, os excessos sexuais foram impotentes para afastarem do meu caminho aquele cadáver acusador. Nas mais loucas horas de boémia, nas ceias alegres e ruidosas, o pensamento voava-me para além de tudo, para além da vida, para além da morte, e ia buscar ao passado quanto o havia florido e agora mais não era do que negras córolas fenecendo num pântano de sangue. A minha vida desregrada e meu enorme e contínuo sofrimento moral envelheciam-me, roubavam-me as fôrças, iam pouco a pouco consumando sua obra de destruïção e de morte. Vagueava sem ânimo, sem esperança, sem vontade e para mim tudo era escuridão, tédio, melancolia.

Não tinha nenhum amigo e o isolamento, a que eu próprio me votava, mais concorria para me exacerbar os nervos e arrasar o cérebro. Prazeres, vícios, noites de estúrdia, viagens, mulheres, excitantes, tudo esgotára já e experimentára sem resultados apreciáveis.

O crime, a sombra da minha vítima, o remorso erguiam-se sempre superiores e triunfantes. De pouco, de nada mesmo me valia assim a vida, aquela vida nova que julgára poder levar depois de me ter desembaraçado de

Maria do Céu, e, tendo a consciência da minha falência e do meu desastre, mais sucumbia sob o anátema das minhas paixões e sob o pêso das responsabilidades dos meus actos.

Neste cerrar de trevas impenetráveis, neste começo de agonia e expiação, o destino quis com crueldade inaudita fazer brilhar tôda a verdade e revelar todo o mistério.

E, em frente dessa verdade e perante a violação dêsse mistério, vi-me perdido, senti-me desaparecer no vácuo, no oceano pavoroso da morte e do além...

*

*   *

Vou escrever as últimas palavras, o derradeiro e tenebroso episódio do meu drama.

É com esfôrço inaudito, os olhos marejados de lágrimas, o espírito confuso e a alma esmagada sob o pêso insuportável do crime, que reconstituo a scena que definitivamente fechou o ciclo da minha vida. Já não sou eu que escrevo, já não é a minha inteligência, vontade e raciocínio que lançam estas letras no papel, é qualquer coisa de sobrenatural, de impulsivo, de mais forte que comanda a minha pena e me obriga a relatar tudo quanto se passou.

Tenho a impressão, a indiscritível e acabrunhadora impressão que o mundo se desfez, se pulverisou pelos espaços e que como eu tudo vai morrer, tudo se vai afundar no túmulo. E afinal as coisas continuarão existindo, os homens serão idênticos e idênticas suas paixões e desejos.

O universo permanecerá rolando indiferente entre harmonias e tormentas.

O amor dominará os corações e as almas, abrindo à sua frente caminhos floridos que levam às aleluias esplêndidas ou atalhos que conduzem a calvários excruciantes. Cada dia, cada hora, cada minuto, deslisando célere no quadrante do tempo, será mais uma conquista da ambição ou da vaidade, do dinheiro ou da inteligência. Erguer-se-ão hoje planos magníficos que amanhã não serão mais do que sonhos e utopias. As ideas, as ilusões, os desejos, ânsias de conquista, predomínio e mando agitarão sem cessar a pobre humanidade. Cada vez mais o materialismo irá alargando seus domínios e em sua maré alta as almas puras ou bem intencionadas sossobrarão sem auxílio e sem esperança. E o mundo será sempre o mesmo com suas escuridões tenebrosas, claridades reconfortantes, passageiros hinos de paz e contínuas lutas de interesses, de paixões, de invejas, de pequeninas e ignóbeis misérias. E neste mundo tam vário e tam enfadonhamente parecido com o que passou e com o que há-de vir, a vida irá arrastando entre choros e gargalhadas, bençãos e maldições, ouropeis e oiro puro, seu cortejo, cada vez mais louco, mais rápido e mais tentador.

Apenas eu desaparecerei tremendo sob o olhar inquisitorial da minha consciência e azorragado pelo látego do desespêro e do remorso.

Foi há meia hora que êle saíu daqui e essa meia hora representou para mim um século de sofrimento.

Estava trabalhando calmo e bem disposto, quando êle se anunciou. Pela primeira vez depois de tanto tempo, a vida esboçava-me um pálido sorriso e os meus nervos cansados e gastos repousavam. Quando o criado me trouxe o seu cartão, julguei-o um amador de pintura ou qualquer artista jóven que me desejasse conhecer pessoalmente. Dirigi-me à sala para onde êle entrára e deparei com um indivíduo forte e espadaúdo. Sua face era morena e insinuante e os olhos brilhavam-lhe num fulgor vivo de curiosidade.

Avançou para mim, estendeu-me a mão e com um sorriso triste na comissura dos lábios:

— Permita que me apresente. Sou Cristiano de Serpa.

E como eu ficasse alheio, olhando-o sem interêsse, preguntou-me com vivacidade:

— O meu nome não lhe diz nada?

— Confesso que não. Queira sentar-se, retorqui, indicando-lhe o sofá.

Sentamo-nos lado a lado.

Foi êle que depois de reflectir por minutos rompeu o silêncio que se estabelecera.

— Devo dizer-lhe que o que me traz aqui é uma missão delicada. Procurei evitá-la, porém foi-me impossível.

Senti-me empalidecer. Aquele homem, nem eu sei porquê, tinha para mim todo o aspecto de ser, como de facto foi, o arauto da catásfrofe, do fim.

— Não compreendo — balbuciei timidamente.

— É natural que Vossa Excelência não compreenda. Tantos anos passaram, tantos e tam diversos acontecimentos se deram.

Calou-se por momentos, concentrado, como a reunir seus pensamentos, como procurando as palavras com que devia começar.

E, numa voz baixa, quási confidencial:

— Vou revolver uma chaga provàvelmente há muito cicatrizada. Juro-lhe que o não faço por mim, faço-o pela honra, melhor talvez, pela paz de consciência duma mulher.

— E essa mulher? soltei ansioso, a voz prêsa de terror, os olhos arregalados.

— Logo lhe direi o seu nome. Permita-me primeiro preguntar-lhe se, de facto, se não recorda de mim?

Acenei negativamente com a cabeça. Em boa verdade, aquele homem era-me por completo estranho e por mais que buscasse não encontrava dele traço nas minhas reminiscências.

— Não se recorda? tornou êle — Há doze anos...

— Há doze anos, repeti, sem ainda nada atingir.

— ... Numa praia do Norte...

— Ah! é o senhor — exclamei, quási num grito — levantando-me de súbito, aterrado como criança em frente dum fantasma. Acabava de reconhecer naquele homem envelhecido e gasto pelos anos, naquele homem que tanto procurara, o amante de Maria do Céu.

Então, lembrando-me do que sofrera, lembrando-me que fôra por causa dele que me tornara criminoso, que fôra aquele homem o causador do meu desastre, tive vontade de o esbofetear, de o insultar, de lhe dizer tudo, mas a cobardia, o terror moral abateu-me e fiquei em frente dele, olhando-o espantado, imbecil, bal-

buciando a espaços — *o senhor... o senhor... o senhor!!* Êle olhava-me entre admirado e compungido e após momentos disse com voz fraca, na qual se denunciava um grande embaraço:

— Sim, sou eu, Cristiano de Serpa, vimo-nos uma vez e em que condições. Eu era a êsse tempo amante de...

— Amante de?... interroguei num frenesi, os olhos a brilharem, a bôca torcida, as mãos crispadas.

— Mas... de Madalena Silveira — respondeu Cristiano, fixando-me com espanto.

— O quê? De quem?

Soltei num grito, junto dele, agarrando-o pelas abas do casaco, querendo-lhe lêr nos olhos tôda a verdade, tôda a terrível verdade:

— O senhor era amante de Madalena Silveira?!

Cristiano afastou-me brandamente, e, triste, como se lhe fôssem insuportáveis aquelas recordações, retorquiu:

— Madalena Silveira foi a última e a mais grata aventura da minha vida. Amavamo-nos e além disso tínhamos um pelo outro sincera amizade.

Podiamos ter casado e ter feito da nossa vida um jardim em constante primavera. Mas quê, eu era a esse tempo um rapaz estroina, indolente e elegante. Diga-se em abono da verdade, não fazia grande diferença dos outros e dos que ainda hoje por aí vemos calcurriando as ruas ou gastando as horas encostados às esquinas. Aqueles defeitos podiam, contudo, ser carta de recomendação, se eu não fôsse pobre. Ah! senhor

Rogério de Castro, o dinheiro é bem a única arma invencível e omnipotente.

Só depois de o termos é que sabemos avaliar o seu miraculoso poder e maravilhosa influência sôbre tôdas as camadas sociais. Sempre foi assim e sempre assim continuará a ser neste nosso ordinário globo. Eu era então pobre e os pais de Madalena, arruinados, não consentiram o nosso casamento.

Fizeram bem? Fizeram mal? Presumo que fizeram mal, porque olharam a filha como valor negociável e não suspeitaram que o amor de duas creaturas de vinte e poucos anos despresava e ria de todos os preconceitos e conveniências. Foi o que sucedeu. Não sei como, tornamo-nos amantes. Passados mêses, nesta admirável Lisboa tôda a gente sabia das nossas relações e para evitar maior escândalo os pais trataram de casar Madalena. Eu, por minha parte, resolvi deixar de ser o que até então tinha sido, quer dizer, resolvi tornar-me um homem. Fui para o Brasil, por lá trabalhei, enriqueci e constituí família. Se me preguntar se sou feliz responder-lhe-ei muito sinceramente que estou satisfeito com a minha sorte e que a felicidade pela conquista da qual tantos se esfalfam, sem jámais a conseguirem alcançar, é apenas o cumprimento dos nossos deveres e o respeito pelos direitos do nosso semelhante.

Fez uma pequena pausa, olhou-me furtivamente e acendendo um cigarro continuou com a voz um pouco mais elevada.

— Regressei há mêses à Europa. Viagem de negócios e um pouco também de recreio.

Em Paris encontrei Madalena Silveira.

Veja agora o senhor Rogério de Castro como é volúvel e como é estúpido o coração humano. Madalena Silveira, que detestava o homem com quem casou, que não o podia sofrer, ama-o hoje e tem por êle verdadeira estima e admiração. Ao ver-me, perturbou-se imenso, fez-se escarlate e passada essa primeira e natural comoção, já mais refeita, mais senhora de si, chamou-me de lado e disse-me nervosamente.

— «Cristiano é indispensável por mim, por «si, pela paz da minha consciência destruir tudo, «destruir o passado por completo e você sabe o «que ainda resta do passado».

— Preguntei-lhe o que queriam dizer, o que significavam aquelas palavras.

Ela explicou-mas. Prometi satisfazer-lhe os desejos e agora... agora espero que o senhor Rogério de Castro me auxilie a cumprir a promessa.

— Mas poderei eu fazê-lo? interroguei atónito.

— Pode, deve poder. Havia cartas minhas a Madalena, cartas que ela entregou semanas antes de casar à sua confidente, à sua melhor amiga.

— A Maria do Céu? — balbuciei, quási num soluço.

Cristiano de Serpa baixou a cabeça e não respondeu. O seu silêncio era a revelação. Ficamos um em frente do outro, ambos de pé, sem podermos articular palavra. Êle sucumbido, quási vexado, eu tremendo interiormente, sentindo as pernas vacilar, a vista toldar-se-me, a cabeça esvair-se-me.

Inúmeras e antagónicas sensações assalta-

ram-me então, e assim sentia desējos de dizer àquele homem o meu crime, e, ao mesmo tempo, procurava escondê-lo, dissimular. Tanto em mim avultava a ânsia de fugir, de desaparecer, como logo me sentia preso, manietado, impotente, incapaz de qualquer gesto ou de qualquer acção.

Neste momento culminante da minha existência, neste momento supremo, revi esbatido nas brumas cinzentas do tempo o antigo homem, o adolescente que havia sido.

Aquele, cuja alma, espírito e sentimentos minha mãe formara e educara com infindos cuidados e ternuras.

O adolescente do qual ela em seu coração se orgulhava, para quem iam todos os carinhos e era única ventura e esperança na vida.

Pobre mãe, mal sabia ela quando pedia a Deus por mim que sua prece se perdia e que eu me havia de tornar um assassino.

Pobre mãe, se as lágrimas dum criminoso não são um insulto e um sarcasmo, as que me inundaram as pupilas ao relembrar os meus tempos felizes, os tempos que inocente passei junto de ti, dedico-t'as como as únicas córolas radiosas e puras que floriram no pântano de minha alma.

Foi animado não sei por que energias que me dirigi ao quarto e retirei do móvel que pertencera a minha mãe, as cartas que me tinham obrigado a cometer o crime. Sem dizer palavra entreguei-as a Cristiano de Serpa.

Êle olhou-as sofregamente, revirou-as duas, três vezes, e num gesto resignado lançou-as ao fogão. Ergueu-se uma labareda muito viva que por espaços tremeluziu, iluminou o aposento, para logo desaparecer.

Cristiano enxugou uma lágrima e balbuciou comovido — a minha mocidade!

Depois veio para mim, abraçou-me, ofereceu-me a sua casa em Lisboa e tomando o chapeu e as luvas saíu cabisbaixo, entristecido, como homem que acaba de rasgar a página mais bela e mais luminosa de todo o seu passado.

Fiquei só... só no meio do salão.

Só naquela casa onde cometera o crime, o meu ignóbil crime, premeditado com todos os requintes e crueldade de verdadeiro sicário.

Aterrado, emparvecido, preguntei a mim próprio, como se o fizesse a qualquer ente invizível, ao meu diabo interior.

— Porque matei? Porque matei?

E esta interrogação saíu de meus lábios ressequidos pela febre que me escaldava e ficou ecoando no espaço imensa, tremenda, irrespondível.

Que ia ser agora a minha vida, agora que sabia tôda a verdade, que compreendia enfim as palavras de Madalena Silveira e que as virtudes de Maria do Céu, aquelas virtudes que despresára e não compreendera ressaltavam a meus olhos brilhantíssimas e imaculadas.

Quanto cinismo, fôrça de vontade e domínio sôbre o espírito e sôbre os nervos precisaria dispender hoje, ámanhã e sempre para me não denunciar?

Como poderia continuar a viver, sabendo, tendo a certeza que matara uma inocente e sacrificara uma mocidade a um engano e às minhas paixões?

Sim, como poderia continuar a viver arrastando... arrastando pela vida fóra aquele cadáver, sentindo a sua perseguição constante, *vendo-o* junto de mim por tôda a parte.

Oh! não... não... não podia... era impossível.

Como disse no princípio desta confissão só o suïcidio me está índicado.

Só o suïcidio é o único caminho que tenho livre, desembaraçado e largo.

Tudo está pronto. Dentro de minutos deixarei de existir. Despeço-me da vida sem mágua e sem saudade.

Realmente, além duns velozes sobressaltados instantes de ventura, nada lhe devo, nada dela recebi e nada nela encontrei que por completo e em absoluto me satisfizesse.

Expio com a morte o crime e julgo que o mundo e a sociedade não me poderão condenar.

Quantos homens nas minhas condições, quantos homens nesta torpe e ignóbil existência moderna, feita de egoismos e de interesses, teriam a coragem que vou ter.

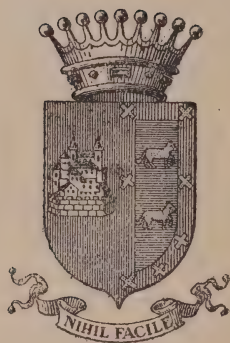
A expiação a que eu próprio me condenei é para mim o acto mais belo da minha vida, o acto que a redime e, portanto ponho-o em prática com alegria e com orgulho, certo de que êle será enfim, a minha libertação, certo de que êle é o acto dum verdadeiro — *homem* — cônscio dos seus deveres, obrigações e responsabilidades.

Terminei, ilustre Mestre, e estou a ouvi-lo, ao virar a última página desta confissão, pregun-

tar gravemente, olhos no vácuo, mão apoiada na larga testa, coração opresso, descrente de todos os seus estudos psicológicos, achando-os bem frágeis e bem simples — de que mistérios, de que segredos, de que enigmas não se compõe e não é feita a alma humana?

Sim, mistérios insondáveis, segredos horríveis, enigmas excruciantes que ninguém pode penetrar ou explicar e sob a influência dos quais as almas se inferiorisam, se desfazem e consomem.

FIM

Dezembro 1927,
Junho 1928.

ERRATA

PÁGINA 48 — PENÚLTIMA LINHA

Onde se lê	Leia-se
infelicidade	felicidade

Obras de AUGUSTO NAVARRO

NA LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

A BAILARINA LOIRA — 1925

(N O V E L A)

NA COMP.A PORTUGUESA EDITORA, L.DA

UMA RAPARIGA MODERNA — 1927

(N O V E L A)